



VII SEMANA ACADÊMICA DE
MEDICINA VETERINÁRIA

09 e 10 de Setembro de 2022
Mineiros-GO



09 e 10 de setembro de 2022





**VII SEVET - Semana Acadêmica de Medicina Veterinária do Centro
Universitário de Mineiros - UNIFIMES**

09 e 10 de setembro de 2022

Comissão Organizadora

Prof. Dr. José Tiago das Neves Neto

Prof. Dr. Vantuil Moreira de Freitas

Profa. Dra. Priscila Chediek Dall'Acqua

Agezimar Martins Fernandes Junior

Luís Felipe Ribeiro Delazeri

Luiz Gustavo Almeida de Oliveira

Lourena Marian Ribeiro

Katiélly Prado Barbosa

Tamires Oliveira de Oliveira

Geovani Pereira Carvalho

Anthoni Garcia Tavares

Isabella Martins Souza

Mirele Oliveira De Freitas

Diego Ferreira de Moraes Costa

Comissão Científica

Profa. Dra. Debora da Silva Freitas Ribeiro

Profa. Ms. Letícia Souza Prates



Apresentação

Prezados colegas, estamos na VII edição da SEVET (Semana Acadêmica de Medicina Veterinária) do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES, a qual tem se tornado, com o passar dos anos, um evento de renome em nossa região no âmbito acadêmico.

O evento foi realizado nos dias 09 e 10 de setembro de 2022, e contou com três eixos temáticos sendo, Produção e Reprodução Animal, Clínica Médica e Cirúrgica Animal e Medicina Veterinária Preventiva, apresentando palestras que puderam promover o ensino da Medicina Veterinária nas diversas áreas, além de incentivar o intercâmbio com pesquisadores de outras Instituições.

A VII edição da SEVET teve como objetivos divulgar as atividades de pesquisa e extensão realizadas pelos alunos dos cursos de graduação em Medicina Veterinária da UNIFIMES e de outras Instituições de Ensino Superior; promover a integração Ensino-Pesquisa-Extensão entre discentes e docentes e incentivar o intercâmbio com pesquisadores de outras Instituições de Ensino Superior.

Agradecemos a participação e a colaboração de todos que enviaram seus trabalhos, aos avaliadores e palestrantes pela disponibilidade e disposição, aos patrocinadores, aos docentes e equipe administrativa da UNIFIMES que se empenharam e contribuíram para que o evento fosse realizado da melhor forma possível.

Prof. Dr. José Tiago das Neves Neto
Presidente da Comissão Organizadora da VII SEVET



RESUMOS SIMPLES



Produção e Reprodução Animal



A IMPORTÂNCIA DO COLOSTRO PARA BEZERROS NEONATOS

Anna Júlia Simões Bento¹, Isadora Paniago Rezende², Arthur Souza Rezende², Gianluca Mendes Rodrigues², Neiber Pereira Da Cunha Júnior², José Tiago Das Neves³

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail:annasimos29@gmail.com)

² Discentes – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES

Produção e Reprodução Animal

A qualidade da criação de bezerros neonatos é de suma importância para os pecuaristas, pois pode interferir na produção final do rebanho. A partir de seu nascimento, os neonatos estão mais susceptíveis a afecções do que no resto de suas vidas, por isso, é necessário que haja boas práticas de manejo juntamente á colostragem que se torna tão importante para que o neonato adquira a imunidade da mãe e fique mais resistente a vida extrauterina. O colostro é produzido pela glândula mamária da vaca assim que ocorre o parto, ela produz o colostro até três dias após o nascimento do bezerro, que deve ingeri-lo em suas primeiras horas de vida. Quanto mais o bezerro conseguir consumir o colostro, melhor para sua imunidade pois além de enzimas, nucleotídeos, fatores de crescimento, citocina que fazem parte da sua imunoglobulina (anticorpos) e não são considerados nutritivos, o colostro também é muito nutritivo contendo muitos nutrientes como as proteínas, lactose, ácidos graxos, vitaminas e minerais. Como nem todas as vacas têm uma boa habilidade materna ou condição de amamentar devido a algumas circunstâncias, até mesmo não conseguem produzir colostro suficiente e de boa qualidade, há solução para os produtores que passam por isso em suas fazendas. Existem maneiras como congelar o colostro ou também desidratar ele, procedimento chamado de spray dried que é um processo seguro no qual mantém as características originais do colostro. Embora grande parte dos problemas dos neonatos seja a falta de colostragem adequada para que fiquem fortes e resistentes, existem outros fatores que atrapalham o desenvolvimento destes bezerros neonatos, podendo ser citado como exemplo o conforto térmico, estresse, sanidade e o manejo. A taxa de mortalidade em bezerros de até 1 ano são muito altas ocasionando grandes prejuízos para o produtor.

Palavras-chave: Colostro¹. Neonatos². Importancia³

Referências:

Vasconcelos, Paula Carneiro Efeitos do colostro comercial em pó na primeira mamada na saúde e desempenho de bezerras mestiças das raças Holandês (H) X Gir (G) / Paula Carneiro Vasconcelos. -- Jaboticabal, 2019 68 p. : il., tabs., fotos

FeitosaF. L. F.; BirgelE. H.; CiarliniP. C.; MendesL. C. N.; PerriS. H. V. Transferência de imunidade passiva colostrál e a morbidade e mortalidade de bezerros neonatos. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 4, n. 2, p. 09-15, 1 jul. 2001.



ACROBUSTITE, OBSTÁCULO NA CRIAÇÃO DE RAÇAS ZEBUÍNAS

Tamires Oliveira de Oliveira¹, Katiély Prado Barbosa², Thalia Oliveira de Jesus³,
Vantuil Moreira de Freitas⁴

¹ Tamires Oliveira de Oliveira – UNIFIMES (tamiresooliveira02@gmail.com)

⁴ Vantuil Moreira de Freitas – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (x) Medicina Veterinária Preventiva.

Atualmente no Brasil as raças zebuínas vêm ganhando mais destaque na produção pecuária e na lucratividade para o produtor, tendo em vista que essas raças são mais resistentes ao clima tropical do país, favorecendo assim a sua criação tanto para o rendimento de carne como os nelores, brahma, guzerá e tabapuã e leite como os gir, guzerá e sindi. Entretanto devido a sua anatomia fisiológica possuem o prepúcio excessivamente penduloso facilitando o risco de lesionar na hora do pastejo em piquetes com muitas plantas espinhosas e lenhosas, por ectoparasitas ou insetos, pisoteio ou até mesmo alguma lesão mecânica causando assim prejuízos na produção e na reprodução do animal para o pecuarista. Este trabalho tem como objetivo informar sobre a importância dos cuidados que devemos tomar com a acrobustite em touros zebuínos devido as perdas econômicas que o produtor pode levar perdendo seu reprodutor por essa enfermidade. Foram usados como critérios de pesquisa o google acadêmico, revistas, livros e artigos relacionados ao tema. Os animais acometidos apresentam prolapso da mucosa prepucial, as vezes míases quando a mosca pousa, pode ter hemorragia pelos rompimentos dos vasos, necrose pela morte celular, edema pela criação de líquido no local e estenose do óstio prepucial condição onde o pênis fica retido na cavidade prepucial. Em casos que a enfermidade ainda está no início é possível tratar clinicamente por meio de antibióticos e curativos locais, como banho de água gelada para amenizar o edema e uso de pomadas cicatrizantes, em casos mais severos só é possível corrigir com tratamento cirúrgico. Durante o pós-operatório são necessário cuidados muito importantes para a recuperação do animal, como a administração de antibióticos e anti-inflamatórios não esteroidais e também destaca-se o uso de duchas geladas, pomadas cicatrizantes e o uso do avental de algodão caso o animais tiver risco de reincidência na lesão, não deixando de ressaltar que o animal tem que ter pelo menos 60 dias de repouso sexual. A acrobustite é uma doença que causa perdas significativas aos produtores, prejudicando o crescimento do rebanho ou até mesmo um investimento alto em um animal de puro sangue. De modo geral a prevenção é o melhor caminho para que não precise ter gastos desnecessários e assim tendo mais lucratividade, para prevenir a acrobustite é preciso ter mais cuidado do animal na hora do manejo, evitar deixá-lo em piquetes com espinhos ou tocos, quando for trazer um animal novo pra propriedade, escolher com prepúcio menor, para não ter episódios de acrobustite no rebanho. Portanto conclui-se que a acrobustite atrapalha no desempenho reprodutivo dos touros zebuínos, causando grandes perdas econômicas para o produtor, de modo que devem ser feitas medidas de profilaxia, para ter melhores resultado no desempenho dos animais.



Palavras-chave: edema. espinhos. cirúrgico.

REFERÊNCIAS:

ASHDOWN, R. R. Functional, developmental and clinical anatomy of the bovine penis and prepuce. CAB Reviews: Perspectives in agriculture, Veterinary Science, Nutrition and Natural Resources, London, v.1, n.21, 2006.

FERNANDES, J.P.B.; RABELO, R.E.; VULCANI, V.A.S. et al. Epidemiologia de Enfermidades acometendo a genitália externa de touros no estado de Goiás. Biológico, v.77, Supl.2, p.123,2015.



MASTITE BOVINA

Aline Viana dos Santos¹, Ana Clara Costa Fantazzini Piacentini¹, ClaytonPrimo¹,
Jaqueline Bastos¹, Lara Cristina¹, José Tiago²

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail: rjtos@academico.unifimes.edu.br)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

Produção e Reprodução Animal;

Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;

Medicina Veterinária Preventiva.

As mastites são inflamações do úbere decorrente do efeito da resposta da glândula mamária, são caracterizadas por alteração da qualidade do leite, acompanhada ou não por inflamação do quarto afetado e quebra da produção leiteira, o que se torna responsável por grande impacto econômico por afetar de forma direta a produção e gerar custos para o tratamento e ainda assim ter possibilidade de perdas de animais (1). Para o seguinte trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica baseada em artigos científicos consultados nas principais bases de dados como o Google Acadêmico e Scielo. Considerando que existe a doença de forma clínica onde possui sinais evidentes da sua manifestação como alterações do úbere, do leite e quebra na produção; e a forma subclínica que exige exames complementares para sua percepção como a contagem das células somáticas (CCS). Através da contagem das células somáticas (CCS) é possível monitorar a possibilidade da mastite em nível individual, de rebanhos e ainda avaliar a qualidade do leite. Ainda no que se refere a mastite deve evidenciar a divisão entre contagiosas e ambientais conforme a origem do patógeno (2). Os patógenos contagiosos são aqueles adaptados a sobreviver no interior da glândula mamária sendo os ambientais invasores oportunistas do úbere sendo mais comum apresentarem de forma clínica. Através de alguns princípios básicos como diminuir a exposição dos tetos aos patógenos por meio de práticas higiênicas e sanitárias através da limpeza da sala de ordenha, desinfecção da superfície dos tetos, monitoramento dos resultados da CCS, quando se é adotado rígido manejo e higiene na ordenha pode-se obter significativa queda na contagem das células somáticas (3). Mediante ao exposto é de suma importância que os produtores leiteiros tenham consciência da importância do acompanhamento do rebanho para evitar casos severos da doença, tendo em vista que ao observar de perto toda e qualquer alteração na produção leiteira se torna mais fácil notar a qualidade e queda do rebanho (2). Conclui-se que é de grande importância conhecer os meios de prevenção a exposição do animal aos patógenos para que seja evitado acometer parte ou todo o rebanho, levando em consideração todas as formas que a doença pode ser apresentada para que ao notar alguma alteração significativa na contagem das células somáticas e até mesmo no estado clínico do animal para que seja tratado da forma correta (1).



Palavras-chave: Bovinocultura. Produção Leiteira. Contagem das Células Somáticas.

Referências:

1. SANTOS, Isaac Pereira dos. Mastite bovina: **diagnóstico e prevenção**. 2016. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande - Patos - Paraíba - Brasil, 2016.
2. SILVA, Marcos Vinícius Mendes¹. MASTITE: **Controle e profilaxia no rebanho bovino**. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária é uma publicação semestral da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED/FAEF. Editora FAEF. São Paulo, SP, Brasil. Ano VIII – Número 15. Julho de 2010.
3. AMARAL, L.A.; ISA, H.; DIAS, L.T.; ROSSI, O.D.; NADER, F.A. **Avaliação da eficiência da desinfecção de teteiras e dos tetos no processo de ordenha mecânica de vacas**. Pesquisa Veterinária Brasileira, São Paulo, v.24, n.4, p.173-177, 2004.



BIOTECNOLOGIAS APLICADAS À REPRODUÇÃO E PRODUÇÃO DE BOVINOS DE CORTE

Isadora Paniago de Rezende¹, Anna Júlia Simões Bento²
Arthur Souza Rezende², Gianluca Mendes Rodrigues², Neiber Pereira Da Cunha
Júnior², José Tiago Das Neves³

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail: isadora@unifimes.edu.br)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES

Produção e Reprodução Animal

Atualmente existem inúmeras biotecnologias aplicadas à reprodução bovina. Uma ferramenta essencial para a pecuária. Várias tecnologias são aplicadas à reprodução de bovinos de corte como a inseminação artificial em tempo fixo (IATF), resincronização, transferência de embriões, fertilização *in vitro* e até clonagem, com a finalidade de acelerar a produção de animais geneticamente superiores e tem como vantagem a melhoria do rebanho, facilidade do manejo permitindo solucionar alguns desafios da monta natural. O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão literária trazendo as definições e vantagens das biotecnologias IATF e fertilização *in vitro*. O presente trabalho foi realizado através de buscas utilizando a base de dados do google acadêmico. A IATF é umas das biotecnologias que vem crescendo ainda mais no Brasil com o intuito de possibilitar a sincronização e a ovulação de fêmeas bovinas, fazendo assim um maior ganho genético e a eficiência reprodutiva do rebanho além de ter um grande retorno econômico. Atualmente, 86% das inseminações no Brasil estão sendo realizadas por IATF. Sua utilização proporciona maior produção e qualidade agregada ao rebanho. Com este método pode-se inseminar maior número de vacas em menos tempo, programar a inseminação e o nascimento dos bezerros, aumentar o número de bezerros de IA ao início da estação de nascimento, aumentar a eficiência da mão-de-obra devido a não necessidade de observação de cio e com isso é possível aumentar a taxa de serviço na propriedade e a IATF proporciona menor custo da prenhez quando comparada a monta natural.¹ Outra relevante biotécnica aplicada a reprodução é a produção *in vitro* de embriões (PIV), que tem sido utilizada em grande escala comerciais. A PIV envolve as etapas de coleta, maturação, fecundação e cultivo *in vitro*. Uma de suas maiores vantagens está relacionada a multiplicação da genética da fêmea, fazendo com que uma mesma vaca possa multiplicar sua parição ao longo do ano, devido a esse animal conseguir no máximo um parto por ano em monta natural ou até mesmo IATF, já na PIV essa mesma vaca consegue produzir vários oócitos viáveis em uma ou mais aspirações conseguindo efetivar vários embriões durante o ano. Várias as formas de coleta de oócito para a realização do procedimento como pós morte e aspiração folicular transvaginal, que hoje tem maior eficácia pois é a melhor para a recuperação de oócitos *in vivo*. A maturação sofre várias alterações no citoplasma e no núcleo do oócito para que possa ser fecundado e assim se tornar o blastocisto. A fecundação por sua vez, vem através do contato do espermatozoide com o oócito gerando assim o zigoto, posteriormente, entrando no estágio de blastocisto e seguindo para o desenvolvimento embrionário². Sendo assim, a biotecnologia reprodutiva contribui para aumentar a eficiência reprodutiva dos rebanhos e disseminar genética. No entanto, sua viabilidade técnica



e financeira depende de vários fatores. Portanto, além de avaliar os custos, é necessário garantir que a tecnologia esteja adequada ao propósito de produção e que outros fatores importantes para o sucesso (genética, bem estar animal, sanidade e nutrição) estejam bem sintonizados.

Palavras-chave: Tecnologias reprodutivas. IATF. PIV

Referências:

- ¹ Evolução e perspectivas da inseminação artificial em bovinos
Evolution and perspectives of timed artificial insemination in cattle
Pietro Sampaio Baruselli, Bruna Lima Chechin Catussi, Laís Ângelo de Abreu, Flavia Morag Elliff,
Laísa Garcia da Silva, Emiliana Santana Batista, Gabriel Armond Crepaldi
Departamento de Reprodução Animal, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
- ² Produção in vitro (PIV) de embriões em bovinos / In vitro embryo production in cattle
Mello, Raquel Rodrigues Costa; Ferreira, Joaquim Esquerdo; Sousa, Sabrina Luzia Grégio de; Mello, Marco Roberto Bourg de; Palhano, Helcimar Barbosa.



CONTROLE ESTRATÉGICO DE CARRAPATOS NO GADO DE LEITE DO BRASIL

Mollynsk Oliveira Araújo¹, Lara Batista dos Santos¹, Lorrann Resende Barbosa¹, Lourena Marian Ribeiro¹, Yasmin Karolayne Freitas Bitar¹, José Tiago das Neves Neto²

¹ Discente – UNIFIMES (mollynskaraujo@hotmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(x) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

Entre os amplos parasitas de bovinos, o carrapato *Rhipicephalus microplus* é um dos principais causadores de problemas para produtores de leite e também para o rebanho brasileiro, causando grandes prejuízos na pecuária sendo 3,24 bilhões de dólares anuais (1). O presente trabalho possui como objetivo esclarecer o controle de carrapatos nos rebanhos leiteiros, buscando descrever seu ciclo de vida, tipos de controle e prevenção. Foi realizada uma revisão de literatura, por meio de consultas nas bases de dados e artigos científicos com o auxílio do Google acadêmico, PubMed e Science. Os carrapatos inoculam substâncias pela saliva, causando prurido e perda do apetite nos animais. Podendo também inocular agentes causadores da Tristeza Parasitária Bovina, que quando não tratada pode levar o animal à morte (2). O ciclo é dividido na fase parasitária quando o carrapato se hospeda no animal obrigatoriamente para completar seu ciclo e a fase de vida livre quando caem do animal, para a postura de ovos. As fêmeas teleóginas ingerem de 1-3 mL de sangue causando maior inflamação no local de sucção (3). Orifícios no couro originados pela fixação dos carrapatos levam à desvalorização do produto e pode acarretar na penetração de larvas, ocasionando a miíase. Para o controle é importante usar um produto eficiente, combater os parasitas na época correta em meses mais quentes e secos com um protocolo de cinco a seis banhos estratégicos a cada 21 dias (4). É indicado o teste de sensibilidade de carrapatos a carrapaticidas antes de se iniciar o protocolo sendo possível ser feito gratuitamente pela EMBRAPA, assim garantindo maior eficácia ao tratamento evitando perdas econômicas para o proprietário (5). O banho com o carrapaticida deve ser feito no sentido contrário dos pelos envolvendo toda a superfície corpórea do animal. No tratamento pour on deve se respeitar o peso e dosagem correta do produto além do apartamento dos animais de acordo com o tamanho para economia e eficiência na aplicação do produto (5). Com base em estudos observa-se que no cotidiano alguns produtores fazem os combates apenas aplicando os produtos sobre os animais infestados e de maneira rápida, sem controle e de forma incorreta. Levando a sérios problemas como, contaminação das pessoas que aplicam o carrapaticida, do ambiente e também dos produtos de origem animal nesse caso o leite. Com o controle sendo realizado de forma irregular acaba não combatendo os parasitas corretamente e permitindo a resistência das populações e disseminação dos mesmos além de promover o aumento dos prejuízos econômicos.



Palavras-chave: Bovino. Combate. Ectoparasitas.

Referências:

Andreotti, R., Garcia, M. V., Koller, W. W., RENATO ANDREOTTI E SILVA, C. N. P. G. C., GARCIA, M. V., & KOLLER, W. W. (2019). **Carrapatos na cadeia produtiva de bovinos.**

NETO, Sebastião FP; TOLEDO-PINTO, Eliane Aparecida. Análise da eficiência de carrapaticidas contra *Boophilus microplus* em gado leiteiro. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 3, p. 1-7, 2006.

PEREIRA, JOSÉ ROBERTO. Eficácia in vitro de formulações comerciais de carrapaticidas em teleóginas de *Boophilus microplus* coletadas de bovinos leiteiros do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 15, n. 2, p. 45-48, 2006.

FURLONG, John; PRATA, Márcia. Controle estratégico do carrapato dos bovinos de leite. **Juiz de Fora: EMBRAPA-CNPGL**, 2006.

GOMES, Claudia Cristina Gulias. Instruções para coleta e envio de material para teste de sensibilidade aos carrapaticidas ou biocarrapaticidograma. **Comunicado Técnico**, v. 76, 2010.



FATORES QUE POSSA TORNA RECRIA LUCRATIVA

Guilherme Júnior Ribeiro Carvalho¹, Gustavo Cabral Resende¹, Luiz Gustavo Almeida de Oliveira¹ Luiz Afonso Caetano de Souza¹, Rayner Martins Garcia¹

¹ Discente – UNIFIMES (guilhermejrmladeiro@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (x) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

A recria de bovinos é uma das fase que a uma maior conversão alimentar tonando-se uma das produção mais lucrativa dentro da bovinocultura de corte por não ter necessidade de alto investimentos em instalações e pelos animais ter boa conversão alimenta. Para que se torne lucrativa tem seus cuidados devem ficar atentos pra que não torne inviável pois suas margens de lucros é determinado de acordo com o mercado, Na fase de bezerro até ser torne adulto a um grande crescimento do esqueleto e musculatura, crescem segundo uma curva sigmoidal, em maior intensidade durante a fase de recria, diminuindo à medida que se aproximam da fase adulta, neste período vários fatores pode influencia no desempenho do animal, um dos fatores esperado é o ano apresenta duas estações definidas uma onde a grande crescimento de forragem com fibra de boa qualidade na prima vera/verão e período outubro/inverno baixo crescimento de forragem e fibra de baixa qualidade tem menor digestibilidade período essencial balancear dieta pois os animais tem mais deficiência de minerais exclusivamente de proteína e energia pra manutenção de seu corpo, espaçamento de cocho exigido para que não tenha competição de cocho e agua de qualidade limpa são necessário para que possa expressa crescimento satisfatório. Efeitos que ponde influencia no desempenho dos animais estresse desmama momento que animal deixa de fica próximo a mãe e dependente do leite materno, genética inferiores, mês desmamado no inicio da estação seca ou das chuvas, qualidade e quantidade de alimento, bem estar, são fatores tornam a recria compensação completa, parcial ou sem compensação isso pode ser fatores não previsíveis e os previsíveis na fazenda ou no rebanho, a melhor maneira maximizar os lucros seria um bom planejamento, no Brasil a recria dura em torno 30 meses tonando o boi sanfona com um bom panejamento pode reduzi-la par 10 a 12 meses na produção de novilhos precoces a momentos que não possui fase de recria animais sai da desmama e vão direto pra terminação chamado de vitelo. Concluí que estratégias pra supino as exigências nutricional e bem estar do bezerros para que possa expressa seu potencial de desenvolvimento faz com encurte o período da recria além de aumenta a de produção por hectare ano.

Palavras-chave: Lucro. Pecuária. Planejamento.

Referências:

1. PIRES, A.V. Bovinocultura de corte. Piracicaba: FEALQ, 2010
2. RIBEIRO, T.R; PEREIRA, J. C; OLIVEIRA, M. V. M; QUEIROZ, A. S; CECON, P. R; LEÃO, M. I; MELO, R. C. A. Título: Característica da Carcaça



de Bezerros Holandeses para Produção de Vitelos Recebendo Dietas com Diferentes Níveis de Concentrado.

3. GOMES, P. J; PAULINO, M. F; DETMANN, E; FILHO, S. C. V; ZERVOUDAKIS J. T; LANA, R. P. Título: Desempenho de Novilhos Mestiços na Fase de Crescimento Suplementados Durante a Época Seca.



GOSSIPOL, UM VILÃO NA REPRODUÇÃO DE BOVINOS

Nathan Gomes de Amorim¹, Jhonny Ebert Matias Bueno², Luciana Resende Ferreira³, Rodrigo Costa Borges⁴, Victória Barros Aidar⁵, Vantuil Moreira de Freitas⁶.

^{1,2,3,4,5} Discente – UNIFIMES (e-mail: gomesamorim09@gmail.com)

⁶ Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho:
(X) Produção e Reprodução Animal.

O caroço de algodão é um produto da agroindústria algodoeira muito utilizado na dieta de ruminantes, principalmente em animais de terminação ou na suplementação do gado de cria durante o período de seca. O caroço de algodão é um produto concentrado que possui um alto valor energético (96% NDT), proteico (23% PB) e rico em gordura (15% EE) (1). Apesar de suas vantagens o caroço de algodão tem um fator antinutricional, o gossipol que é um pigmento fenólico de cor amarelada, encontrado nas raízes e nas sementes de algodão e tóxico para ruminantes, afetando a eficiência reprodutiva nos rebanhos. O objetivo deste trabalho é apresentar os efeitos negativos do gossipol na reprodução bovina e como pode ser utilizado o caroço de algodão na dieta dos ruminantes. A metodologia foi uma revisão de literatura em livros e artigos científicos aliados a experiência de campo dos autores. A indicação de caroço de algodão para as fêmeas em reprodução e animais de terminação o caroço de algodão pode ser utilizado até 3 kg por animal ao dia. No entanto não é indicado utilizar o mesmo na suplementação de touros reprodutores independente da quantidade. Pois o gossipol causa degeneração testicular e conseqüentemente ocorre redução na concentração espermática, inibindo a motilidade e causando anormalidade nos espermatozoides. O mecanismo de ação é o bloqueio na produção, liberação e utilização do ATP (trifosfato de adenosina), ocasionando na inibição do influxo de cálcio e nas atividades enzimáticas na membrana plasmática do espermatozoide, inibe o crescimento e à atividade da enzima oxidase celular, causando danos ao DNA, reduzindo na expressão energética nos receptores para andrógenos, podendo haver redução nos níveis de testosterona. Em fêmeas os efeitos não foram totalmente esclarecidos, mas se o consumo for acima de 3 kg de caroço de algodão por animal ao dia pode afetar a ovogênese, e afetar o desenvolvimento de embriões in vivo e in vitro. Pode interferir na eficiência reprodutiva da taxa de prenhez, provocando anestro e repetições de cio e acometer abortos. Esses efeitos pode se ocasionar quando o gossipol é encontrado em alta quantidade ou em dietas prolongadas geralmente em animais mais jovens, efeitos que podem ser revertidos com o corte do fornecimento. Apesar do caroço de algodão ser um alimento nobre utilizado na dieta dos ruminantes tendo suas vantagens econômicas e nutricionais, o mesmo pode ser como um vilão na reprodução bovina interferindo na eficiência reprodutiva dos rebanhos.

Palavras-chave: caroço de algodão, dieta, eficiência reprodutiva.

Referências:



VII SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA

09 e 10 de Setembro de 2022
Mineiros-GO



1. <https://www.cati.sp.gov.br/portal/produtos-e-servicos/publicacoes/acervo-tecnico/caroco-de-algodao-na-alimentacao-bovina>
2. <https://www.milkpoint.com.br/artigos/producao-de-leite/caroco-de-algodao-e-gossipol-qual-o-tamanho-do-problema-31983n.aspx>
3. [file:///D:/MEUS%20DOCUMENTOS/Downloads/admin,+AVBv5a18%20\(1\).pdf](file:///D:/MEUS%20DOCUMENTOS/Downloads/admin,+AVBv5a18%20(1).pdf)



IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA COMERCIALIZAÇÃO DE FRANGO NO BRASIL

Ingrid dos Santos Costa¹, Anriely Silva Souza¹, D'Ângelo Souza de Carvalho¹,
Eduardo Oliveira Ferreira¹, Isabela Severino de Oliveira Nunes¹, Eric Mateus
Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail: ingridsantosc0@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(X) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

A produção de frango de corte no Brasil é uma das cadeias produtivas de proteína mais lucrativas e de grande interesse no âmbito social e econômico (1). Com o surgimento da pandemia pelo novo coronavírus, muitos avicultores e empresários tiveram uma grande recusa em fechar seus comércios e isso causou um maior avanço do vírus, tanto nessas instituições quanto fora delas (2). Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo descrever o impacto que a pandemia da COVID-19 causou para comercialização de frangos Brasil. Para tanto, desenvolveu-se uma revisão de literatura consultando artigos científicos sobre o assunto. Empresas, frigoríficos e galpões de produção tiveram que fazer cortes de gastos internos, reduzindo ao máximo o número de funcionários, diminuindo também a quantidade de mercadorias produzidas (4). Nos transportes, seja do frango para o abatedouro ou da carne de frango congelada teve uma queda com greves e as paralizações, fazendo com que não chegasse produtos suficientes para venda. Os desempenhos da proteína do frango sofreram uma troca de papéis onde as exportações recuaram 1,2% enquanto a produção aumentou cerca de 2%. O que certificou um aumento de quase 3,5 na disponibilidade interna total e pouco mais de 2,6% na disponibilidade per capita um aumento total de 8,1% no consumo e na produção da proteína do frango nos últimos dois anos (4). O aumento no desemprego que a pandemia causou e a queda do PIB no país afetou e continua afetando negativamente o consumo de carne de frango, o que faz com que exista uma preocupação na cadeia produtiva devido à dificuldade que o Brasil vem encontrando para maximizar sua participação nas exportações mundiais. Inconstante variação do valor do frango congelado atualmente no estado de São Paulo é uma grande indicação de como está esses produtos nos mercados (1). No primeiro caso a pressão vem do mercado internacional, com a queda do real, incentivando a exportação e o aumento dos preços internos das rações como principal o milho e da soja assim como o preço dos insumos importados, vitaminas e medicamentos em geral (3). Conclui-se que é possível ver a importância da produção e comercialização de frangos que contribui para o setor, a economia e a alimentação do país, daí a importância de um plano de marketing, que leve às empresas dados reais para conseguir aumentar e fidelizar os seus clientes melhorando a rentabilidade do negócio, a orientação para o mercado, criando e agregando valor, dando as empresas novas oportunidades de negócio para tirar o máximo proveito deles.



Palavras-Chave: Aves, Economia, Exportação, Rendimento

Referências:

1. MIELE, Marcelo et al. IMPACTO DA COVID-19 SOBRE AS CADEIAS PRODUTIVAS DE FRANGOS DE CORTE, OVOS E SUÍNOS. **SEI/EMBRAPA - 4199875** - Nota Técnica. 2020.
2. DE CAMPOS SILVA, Allan Rodrigo. O TRABALHO NA INDÚSTRIA AVÍCOLA BRASILEIRA: DO NORMAL-TERRÍVEL AOS NOVOS RISCOS EM MEIO PANDEMIA DE COVID-19. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 21, n. 2, p. 438-462, 2020.
3. PIANTKOSKI, Jaqueline Estefane Cecato; BERTOLLO, Etel Carmen. AVICULTURA: RELAÇÕES E DESAFIOS COM A INDÚSTRIA 4.0. **Anais de Agronomia**, v. 1, n. 1, p. 24-46, 2020.
4. SÁNCHEZ, Sinthya Tatiana Torres et al. Impacto socioeconómico de la COVID-19 sobre microempresarios avícolas del Cantón La Troncal, Ecuador. **Revista Universitaria del Caribe**, v. 28, n. 01, p. 114-122, 2022.



IMPORTÂNCIA DA LEITURA DO COCHO EM CONFINAMENTO DE BOVINOS DE CORTE

Marina Oliveira Carrijo Brandão¹, Giovana Corrêa Resende¹, Milena Vasconcelos Furtado¹, Thamires David Abreu¹, Vanessa Silva Carrijo¹, José Tiago das Neves Neto²

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

A alimentação de animais confinados representa um importante fator para o sistema produtivo e desempenho dos bovinos, sendo que fornecer a ração corretamente afeta diretamente suas atividades (1). Uma maneira de avaliar a eficiência do fornecimento é a leitura de cocho, que é uma análise da quantidade do excedente de ração na linha dos cochos antes do primeiro trato, que comumente ocorre pela manhã, mas também pode ser realizada à noite como adicional, feita através do escore. Os escores de cocho indicam possíveis ajustes na quantidade de alimento a ser fornecido aos piquetes ao longo do dia (2). Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo descrever a importância da leitura do cocho para evitar desperdícios ou falta de alimento. Procedeu-se uma revisão de literatura, por meio de consultas bibliográficas de artigos, utilizando Google Acadêmico. No Brasil é usual o fornecimento exagerado de ração nos confinamentos à procura da potencialização do consumo dos bovinos. Contudo, essa abundância gera oscilação no aproveitamento. A leitura adequada de cocho demanda oferecimento dos tratos no mesmo horário todos os dias, para criar uma rotina de alimentação dos animais e para que tenha uma eficiência animal melhor (3). Na leitura aplicada em confinamento, normalmente, são usadas notas de -2 a 2, conforme a quantidade de ração ofertada durante o dia, representam: -2 é quando os cochos estão sem sobras, apontado pelos animais que estão esperando o trato na linha do cocho. Diante disso, recomenda-se aumentar 10% no total de alimento oferecido em relação ao que foi dado no dia anterior; -1: é um cocho que não contém sobras, distinguido por 50% dos bovinos na linha do cocho e os outros em pé ou aproximando-se da linha do cocho. Nessa situação, é necessário aumentar 5% no total de alimento ofertado em relação ao trato do dia anterior; 0: é quando o cocho tem pouca quantidade de ração ou quando a maior parte do fundo do cocho fica aparente. Nesse caso, 25% dos animais continuam na linha do cocho, 50% estão se direcionando a linha do cocho e os outros continuam deitados, portanto a quantidade de ração oferecida no dia anterior deve ser mantida; 1: é um cocho com resto de alimento, caracterizado por 50% dos animais se levantando e os demais permanecem deitados. Aconselha-se reduzir 5% do total de alimento ofertado em relação ao que foi dado no dia anterior; 2: é o cocho com excedente de ração identificado pela maior parte dos bovinos ainda deitados. Nesta situação, deve-se diminuir 10% do total de ração ofertada em relação ao último trato (4). Sendo assim, a leitura de cocho é de extrema importância para haver um excelente desempenho no confinamento e na rentabilidade do produtor. Essa prática tem por objetivo a redução da variabilidade do consumo alimentar dos animais e redução no desperdício de ração, além de preservar os animais de distúrbios metabólicos.



Palavras-chave: Manejo. Fornecimento. Ração.

Referências:

1. ABREU, C. F. D. **Confinamento de bovinos e suas técnicas para viabilidade da atividade pecuária.** 2013. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Gestão do Agronegócio) – Curso de Gestão do Agronegócio, Universidade de Brasília, Planaltina.
2. VASCONCELOS, J. Manejo alimentar eficiente para bovinos confinados. IN: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE NUTRIÇÃO DE RUMINANTES, 3, 2011, Botucatu. **Anais...** Botucatu: Nutrição de Ruminantes, 2011. 11f.
3. LOPES, R. B. **Manejo nutricional em um confinamento de bovinos de corte.** 2013. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
4. MEDEIROS, S. R. de; GOMES, R. Da C.; BUNGENSTAB, D. J. **Nutrição de bovinos de corte: fundamentos e aplicações.** 2.ed. Brasília: Embrapa, 2015. 162f.



IMPORTÂNCIA DO MANEJO NUTRICIONAL NA INDUÇÃO A PUBERDADE EM NOVILHAS PRECOCES- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Vitória Oliveira Frade¹, Breno Victor de Oliveira Martins¹, Cássio Cruvinel Resende¹,
Letícia Tidre Tonial¹, Tharic Melo Paes Vieira¹, José Tiago Das Neves Neto².

¹ Discente – UNIFIMES E-mail: vitoriafrade@outlook.com.br

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho:
(x) Produção e Reprodução Animal;
() Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;
() Medicina Veterinária Preventiva.

Dentro dos fatores que contribuem e interferem na indução de puberdade o que mais se destaca é o manejo nutricional, onde novilhas com idades aproximadamente de 14 a 24 meses são submetidas ao protocolo de indução a puberdade e a inseminação artificial (IATF), com o objetivo de antecipar e aumentar sua vida reprodutiva, na qual impulsionaria o mercado através do aumento de produção, diminuição do intervalo entre partos, cria, recria e peso. Toda avaliação é realizada por um médico veterinário, onde é julgado se aquele animal pode ser submetido a indução de puberdade e logo a IATF¹. Este presente trabalho tem como objetivo destacar e dar ênfase à indução a puberdade de novilhas com fins de antecipar sua vida reprodutiva através da importância do manejo e nutrição. Para alcançar resultados satisfatórios é realizada análises com a junção de vários fatores como a raça, genética, peso, nutrição e manejo. Os animais devem apresentar um bom escore corporal entre 2,5 e 3,0, escala de 0-5, para assim realizar a avaliação ginecológica, a partir de avaliação ultrassonográfica trans retal, conforme suas características morfológicas do útero, avaliando se aquele é um útero infantil onde não terá como ser realizado o protocolo ou apresenta ser um útero maduro na qual já se inicia todo o protocolo². O manejo nutricional influencia nesta parte diretamente pois as novilhas alcançam sua puberdade quando ela conquista entre 40 e 50% do seu peso adulto, e sua redução e restrição nutricional retarda a puberdade pois prejudica a atividade cíclica através da anulação da liberação do hormônio luteinizante (LH) na qual é necessário para o desenvolvimento dos folículos ovarianos, até o estágio pré-ovulatório. Para isso o animal deve obter um manejo na fazenda onde o mesmo não se seja colocado em situações estresse e um bom manejo com ração, pasto e a disponibilidade de água, sendo capaz de obter resultados satisfatório. Dessa forma a nutrição é de extrema importância, pois afeta no sucesso reprodutivo do animal de uma forma direta, trazendo também de uma forma lucrativa para a propriedade, aumentando o número de novilhas adequadas para iniciar os protocolos da mesma forma aumentando número de bezerros e assim se tornando lucrativos, terá um menor espaço de tempo de intervalo entre partos e a quantidade de bezerros será maior em relação a novilhas que não forma submetidas ao protocolo com a intenção de antecipação da sua vida reprodutiva³.



Palavras-chave: Nutrição1. puberdade2. IATF3

Referências:

1. SOARES DA SILVA FILHO, Artur Henrique; ALENCAR DE ARAÚJO, Airton; RIBEIRO RODRIGUES, Ana Paula. INDUÇÃO DA PUBERDADE EM NOVILHAS COM USO DA HORMONIOTERAPIA. **Ciência animal**, [S. l.], p. 65-89, 18 ago. 2022. Disponível em: <http://www.uece.br/cienciaanimal/dmdocuments/Artigo3.2007.2.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
2. BRITO SOUSA, Raphaela Gabrielle; APARECIDA CAOBIANCO SANT'ANA, Valéria; ROSE DOS SANTOS HAMILTON, Thais; BARBUZANO DE ANDRADE, Diego; VELLOSO FERREIRA MURTA, Avelino. A importância do manejo nutricional em novilhas Nelore submetidas a protocolos de indução de puberdade e IATF. **Congresso Brasileiro de Reprodução Animal**, [S. l.], p. 371-371, 22 jan. 2017. Disponível em: www.cbra.org.br. Acesso em: 17 ago. 2022.
3. MARTINS BATISTA SILVA, Felipe; TOLEDO LOPES, Dyomar; TREVIZOLI FERRAZ, Henrique; DE OLIVEIRA VIU, Marco Antônio; DE SOUZA RAMOS, Dirceu Guilherme; CASARO SATURNINO, Klaus; APARECIDO PEREIRA FONTANA, Cassio; MACHADO AMADO SILVA, Jucielly; VIANA LESO, Flávio. Estratégias para antecipação da puberdade em novilhas *Bos taurus indicus* pré-púberes. **PubVet**, [S. l.], p. 1-13, 13 dez. 2018. Disponível em: [http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v41/n1/p371-450%20\(bovinos\).pdf](http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v41/n1/p371-450%20(bovinos).pdf). Acesso em: 17 ago. 2022.



IMPORTÂNCIA DO MANEJO SANITÁRIO EM GADO DE CORTE

Yasmin Karolayne Freitas Bitar¹, Lara Batista dos Santos¹ Lourena Marian Ribeiro¹
Lorran Resende Barbosa¹ Mollynsk Oliveira Araújo¹ José Tiago das Neves Neto²

¹ Discente – UNIFIMES (yasminkarolaynebitar@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(x) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

A bovinocultura de corte vem crescendo ao passar dos anos, decorrente da demanda de proteína animal. E o que assegura um crescimento de sucesso nesse setor são diversos fatores que trabalham juntos, como a genética, nutrição, fatores ambientais e o manejo sanitário (1). Para obter bons resultados na produção de bovinos de corte é importante que a sanidade do rebanho seja uma aliada, sendo indispensável na cadeia produtiva e diretamente ligada ao desempenho produtivo (3). O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão literária trazendo a definição e ressaltando a importância do manejo sanitário na bovinocultura de corte, assim como algumas medidas utilizadas. O presente trabalho foi realizado através de buscas utilizando a base de dados do google acadêmico. O manejo sanitário de um rebanho entende-se como um conjunto de medidas profilática que impede a entrada de doenças em meio aos animais, garantindo a saúde e bem-estar deles, reduzindo custos e possíveis queda nos índices de produtividade (4). A adoção dessas medidas garante a qualidade da carne e dos subprodutos, oferecendo alimentos saudáveis e seguros e ainda promovendo o bem estar dos animais. Quando não se oferece condições sanitárias, os resultados são observados nos vários índices zootécnicos, pois podem afetar negativamente no ganho de peso, no desmame, na conversão alimentar, no rendimento de carcaça, na mortalidade e natalidade, dentre outras consequências que abala de forma econômica a produção (2). Algumas medidas sanitárias são simples, como a cura do umbigo após o nascimento, vermifugação e a vacinação. Sendo condutas que assegura a saúde dos bovinos e a qualidade dos derivados que serão comercializados (4). Um método utilizado no manejo dos animais é o calendário profilático, que ajuda a manter as enfermidades longe do rebanho. O monitoramento será feito dependendo da região, do sistema de produção e das instruções do órgão de defesa estadual. Sendo algumas vacinas direcionadas para todos os animais e outras que serão de acordo com a categoria, separados por idade ou sexo (3). Não esquecendo das vacinações que são consideradas de ordem obrigatórias contra doenças como febre aftosa, raiva e brucelose. Lembrando que a vigilância epidemiológica sempre orienta que se ocorrer suspeita de doenças de notificação obrigatória, seja imediatamente notificado ao órgão de defesa (2). A bovinocultura é responsável por contribuir no PIB, por oferecer emprego no agronegócio nacional, por alcançar liderança mundial em exportações de carne bovina, e ainda tendo previsão para crescer mais aos longos dos anos. E com o estimado crescimento na produção de corte, observa-se a necessidade do manejo sanitário para comercialização (5).



Diante disso, quando se tem o objetivo de atingir números maiores de exportação, permanecer no mercado e ter qualidade no produto oferecido é essencial empregar, além da genética e do manejo nutricional, o manejo sanitário, já que reflete diretamente no sucesso da produção animal tanto quanto os outros fatores.

Palavras-chave: Sanidade. Bovinos. Manejo.

Referências:

- 1 BERNADI, L. S., et al. MANEJO SANITÁRIO EM BOVINOS DE CORTE. **Salão do Conhecimento**. Injuí, Agosto, 2014.
- 2 SOUZA, V. F. MANEJO SANITÁRIO DO REBANHO. Melhoramento genético aplicado em gado de corte: Programa Geneplus-Embrapa. Brasília, DF: Embrapa; Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2013. Capítulo 7. p. 75-85.
- 3 PEREIRA, D. R. II SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA GRADUAÇÃO. 2014, Campos Belos- GO. **Anais do Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão na Graduação do Câmpus de Campos Belos (SEPEG)**. Campos Belos. 2014. P. 69- 72.
- 4 FERREIRA, C. R. A. **Diagnóstico participativo das condições de manejo sanitário do rebanho bovino do assentamento angélica, aparecida PB**. 2022. 35f. Graduação em medicina veterinária. Instituto federal de educação, ciência e tecnologia da Paraíba Campus Sousa. Paraíba
- 5 FREITAS, T. M. S. **VACINAS UTILIZADAS NO MANEJO SANITÁRIO DE BOVINOS**. 2012. 35 f. Mestrado em Sanidade Animal, Higiene e Tecnologia de Alimentos. Escola de veterinária e zootecnia programa de pós-graduação em ciência animal. Universidade federal de goiás. Goiânia.



MANEJO DE ORDENHA

Giovana Corrêa Resende¹, Marina Oliveira Carrijo Brandão¹, Milena Vasconcelos Furtado¹, Thamires David Abreu¹, Vanessa Silva Carrijo¹, José Tiago das Neves Neto²

¹ Discentes do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES (e-mail: giovanaresende1@hotmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

Produção e Reprodução Animal;

Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

Medicina Veterinária Preventiva.

Para Bovinocultura de leite é de suma importância um bom manejo de ordenha, onde é realizada a retirada do leite produzido no úbere sendo feita com o máximo de higienização, garantindo a obtenção de produtos de qualidade com intuito de reduzir a contaminação do leite e seus derivados, além de preservar o bem-estar animal. A saúde do úbere é essencial para um melhor resultado no produto final (1). O manejo correto auxilia na prevenção de diversas patologias para o animal contribuindo também para padrões estabelecidos pela Instrução Normativa 62 do MAPA, assim o produtor de leite irá alcançar um produto de qualidade, com elevado preço de venda no comércio, melhores condições de vida para família rural e reconhecimento na produtividade de leite (1). A ordenha precisa ser feita em ambiente limpo, de preferência em uma sala de ordenha com equipamentos bem higienizados, o manejo com os animais precisa ser de forma calma para evitar estresse (2). As vacas leiteiras são animais que estabelecem rotinas, sendo necessário no manejo a definição de horários específicos para alimentação e descanso, e também para a ordenha. Os animais seguem uma ordem durante a ordenha, linha de ordenha, onde são: 1- Vacas de primeira cria, 2- Vacas sadias, 3- Vacas com mastite subclínica, 4- Vacas em colostro, 5- Vacas com mastite clínica e em tratamento (1). O leite das vacas em colostro e em tratamento não são misturados com os demais e também não vão para consumo humano (2). Para que uma ordenha seja bem conduzida é necessário a presença de um bom ordenhador, dentre as competências principais o ordenhador deve demonstrar paciência, habilidade e sensibilidade no manejo das vacas (2). Deve também estar fisicamente bem-preparado para o desenvolvimento de seu trabalho além do conhecimento para manusear os equipamentos de forma correta. É necessário a preparação dos tetos em solução desinfetante (pré dipping), testes de mastite precisam ser feitos para não misturar o leite da vaca saudável com o da vaca doente. Após a ordenha é feito novamente a desinfetação dos tetos (pós dipping), limpeza das teteiras e sala de ordenha finalizando com uma boa alimentação para as vacas (1). Sendo assim, para se obter um leite de qualidade advindo de vacas saudáveis deve-se atentar a forma que esses animais estão sendo manuseados antes, durante e após a ordenha, dessa maneira, o produtor reduzirá gastos com tratamentos e aumentará a produção de leite em sua propriedade.

Palavras-chave: Qualidade. Leite. Úbere.



Referências:

1. ZANELA, M. B.; RIBEIRO, M. E. R.; KOLLING, G. J. **Manejo de Ordenha**. 1º edição. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2011. 20 p.
2. CARVALHO, N. D. D. **JBS Confinamento: do recebimento ao embarque dos animais**. 2014. 36 p. Relatório de Estágio Curricular Obrigatório (Bacharel em Zootecnia) – Curso de Zootecnia, Universidade Federal de Goiás, Jataí. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/186/o/NAYARA_DUTRA_DE_CARVALHO_JBS_CONFINAMENTO_DO_RECEBIMENTO_AO_EMBARQUE_DOS_ANIMAIS.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2022.



FATORES QUE AFETAM A QUALIDADE DA CARNE BOVINA

Katiély Prado barbosa¹, Tamires Oliveira de Oliveira², Gabriela Resende Carrijo²,
Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail:katielybarbosa2002@gmail.com)

² Discente - UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(x) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

A pecuária de corte é destaque no agronegócio e na economia brasileira. A carne bovina é a mais apreciada pelo sabor, suculência e valor proteico. Acrescente-se a maior exigência no mercado consumidor e a competição com outras fontes proteicas de origem animal, tais como carne suína e aves. Este trabalho tem como objetivo descrever os fatores mais relevantes que afetam a qualidade da carne bovina. Para a realização deste resumo foram utilizados artigos do google acadêmico. Os principais fatores que afetam a qualidade da carne são a genética, idade, estresse, nutrição, sexo, raça, transporte e manejo durante o abate. Quanto mais jovem o animal, melhor é a qualidade de sua carne e maior maciez e desenvolvimento muscular, no entanto, com o avançar da idade, a carne se torna mais dura pela diminuição do colágeno. A possibilidade de uma diversificação alimentar nas diferentes fases de crescimento do animal determinam variações no desenvolvimento corporal e características que qualificam essa carne. A quantidade de ração concentrada oferecida ao animal influencia diretamente a composição de carcaça. O efeito mais significativo é a proporção de gordura. Um animal que recebeu uma alimentação com maior quantidade de ração concentrada na fase de engorda sua proporção de gordura será maior do que um animal que recebeu menor quantidade dessa ração. A alimentação interfere na textura e maciez da carne, quando é aumentada a quantidade de grão da dieta substituindo o volumoso e aumentando a quantidade de gordura, aumenta assim a taxa de crescimento e o peso ao abate desses animais mais prematuramente, gerando uma carne com mais gordura total e com maior marmoreio deixando a carne mais suculenta. O sexo é um fator muito relevante no que diz respeito a maciez da carne. A principal diferença entre o macho e a fêmea é a quantidade de colágeno. O colágeno se transforma em uma gelatina e quando grelhado endurece. A fêmea tem uma produção menor de colágeno e conseqüentemente tem uma carne mais macia. Os bovinos taurinos são mais precoces e são abatidos mais jovens e geneticamente possui a carne mais macia que os zebuínos. O bem-estar é um fator muito relevante na qualidade da carne, pois o animal que sofre estresse em sua vida sofre alterações no processo que transforma o músculo em carne de modo que altera as características organolépticas da carne. O estresse e os traumas durante o transporte para o abate podem provocar lesões na musculatura e comprometer a qualidade da carne. A hidratação e o jejum do animal antes do abate é de extrema importância. Na chegada do frigorífico o animal deve ficar de jejum por 12 a 24 horas com o objetivo de reduzir o conteúdo gástrico facilitando a evisceração da carcaça e reestabelecer as reservas



de glicogênio muscular. Por todos esses aspectos, conclui-se que para obter uma carne de qualidade é preciso ter um bom manejo desde dentro da fazenda até o abate e pós abate do animal.

Palavras-chave: Manejo, economia, eficiência.

Referências:

SILVA, Luiz Claudio Valentim da. Principais fatores que influenciam as características sensoriais da carne bovina. 2021.

SOUZA, SUELLEN DA CUNHA; RIBEIRO, LARYSSA FREITAS. APLICAÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL E ABATE HUMANITÁRIO DE BOVINOS PARA A GARANTIA DA QUALIDADE DA CARNE. Revista GeTeC, v. 10, n. 28, 2021.



PANORAMA DA PRODUÇÃO DA AVICULTURA BRASILEIRA EM 2021

Gustavo Bernardelli¹, Lucas Danilo de Souza¹, Werick Dener Barbosa Silva¹,
Kamylla Assis Lima¹, Marcos Aurélio Brandão Vilela¹, Eric Mateus Nascimento de
Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail:Gustavo.bern@hotmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(X) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

Devido aos altos níveis na demanda de exportação e consumo interno, houve uma crescente na produção de ovos e carne de frango neste ano de 2022 no Brasil, tendo em vista novos recordes na produção deles. O Brasil se encontra em 7º lugar na produção de ovos, e 2º em relação a produção de carne de frango no mundo (1). Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é descrever o quantitativo da produção brasileira da avicultura de corte e de postura durante o ano de 2021. Para tanto, foi desenvolvido um levantamento bibliográfico nas principais bases de dados científicas como Scielo, Periódico Capes e Google Acadêmico. No ano de 2021, houve um crescimento de 1,8% na produção de ovos, totalizando um total de 53,533 bilhões de unidades comparados com 2020. As exportações no ano de 2021 foi de 9,550 mil toneladas, com valor de 52,9% superior ao alcançado no ano anterior, em que foi registrado 6,250 mil toneladas. Foi observado uma crescente na produção da carne e derivados de frango, no ano de 2021 foi de 14,350 milhões de toneladas (1). Os Emirados Árabes estão no topo do ranking mundial dos países que exportam carne de frango do Brasil, com 37,8 mil toneladas exportadas em julho, número 11% superior ao mesmo período do ano de 2021. Em segundo lugar temos a China com 37,5 mil toneladas com apenas 3 mil toneladas atrás do primeiro e em terceiro lugar Arabia Saudita com 37,2 mil toneladas importados tendo 3 mil toneladas atrás do segundo lugar. O Brasil com os avanços tecnológicos e genéticos na parte de aves tem tido uma crescente imponente na parte de produção e exportação de aves para o mundo inteiro. Tendo em vista um crescimento anual na produção de carne de frango entre 5 e 7% ao ano (2). Com o avanço das tecnologias na parte de IA (Inteligência Artificial) as granjas de frangos estão implementando tal tecnologia à avicultura de frangos de corte, com foco no diagnóstico de doenças e no sistema de monitoramento de produção incluindo processos de controle de qualidade. Tendo capacidade de diagnosticar antecipadamente possíveis doenças. Essa tecnologia tem tomado forma desde o ano de 2016 até os dias atuais (3). Com isso, percebe-se a crescente na produção de ovos e carne de frango, possibilitando assim futuros recordes de produção em anos vindouros. O Brasil obteve números satisfatórios tanto na produção quanto na exportação desses produtos, graças ao avanço tecnológico podemos antecipar os diagnósticos de doenças.



Palavras-chave: Ovos. Frango. Produção. Exportação.

Referências:

(1) BRASIL. ABPA- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **ABPA PROJETA DESEMPENHO POSITIVO PARA AVICULTURA E SUINOCULTURA EM 2021 E 2022**. 2021. Disponível em: <https://abpa-br.org/abpa-projeta-desempenho-positivo-para-avicultura-e-suinocultura-em-2021-e-2022>. Acesso em: 08 ago. 2022.

(2) MENDES, Carol. Brasil é líder na exportação de carne de frango e deve se manter na primeira posição pelos próximos 10 anos. **Avicultura Industrial**, São Paulo, v. 1319, n. 05, p. 44-46, 05 ago. 2022. Disponível em: [Canalrural.com.br/noticias/pecuaria/em-2021-brasil-registrou-recorde-de-producao-de-proteina-animal/](https://canalrural.com.br/noticias/pecuaria/em-2021-brasil-registrou-recorde-de-producao-de-proteina-animal/). Acesso em: 08 ago. 2022.

(3) DA SILVA, Lucas Gabriel Galdino et al. Desenvolvimentos em inteligência artificial na avicultura de frangos de corte. In: **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Agroinformática**. SBC, 2021. p. 71-79.



PRECAUÇÕES QUANTO AO USO DA OCITOCINA EXÓGENA

Elson Júnio Rodrigues Moraes¹, Laura Fernandes Santos², José Tiago das Neves Neto³

¹ Discente - UNIFIMES (elsonjunio1754@gmail.com)

² Médica Veterinária.

³ Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (X) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Seguindo a alta demanda de alimentos no país, a bovinocultura leiteira vem buscando produzir mais gastando pouco, e com isso o uso da ocitocina exógena vem sendo uma alternativa para otimizar a máxima produção das vacas. A ocitocina é um hormônio Neuropeptídico produzida na glândula pituitária-posterior localizada no Sistema Nervoso Central (SNC), que na hora da ordenha é o hormônio responsável pela ejeção do leite¹. Pesquisando em sites de buscas e em blogs confiáveis da área de Medicina Veterinária tais como, Google Acadêmico, Periódico Caps e MilkPoint, com palavras de pesquisa, Ocitocina, Ocitocina exógena, vacas, leite e hormônio da ejeção do leite. Objetiva-se com esse resumo discutir alguns pontos para que a ocitocina exógena se torne uma ferramenta benéfica ao produtor, por conta que, se usada de maneira inadequada, acaba se tornando um problema na propriedade. Pensando nisso, o primeiro e mais importante ponto a se atentar, é quanto ao manejo desses animais, sendo que o estresse proveniente do mal manejo, acaba ativando o sistema neuro-adrenal, causando a liberação de adrenalina, que bloqueando a irrigação das glândulas mamárias acaba impedindo a chegada da ocitocina às células mioepiteliais, consequentemente diminuindo a ejeção do leite². Outro ponto a se salientar é quanto a superdosagens, que acaba dessensibilizando os receptores de ocitocina nas células mioepiteliais, o que acaba deixando essas vacas dependentes do hormônio exógeno¹. Além de todas essas preocupações com a fisiologia e manejo do animal, torna-se indispensável que se atente a sanidade desses animais, usando sempre uma agulha por animal, prevenindo transmissão de doenças como, Brucelose, Tuberculose, IBR e BVD e outras doenças de alta perda econômica. Sendo a ocitocina exógena uma ferramenta de auxílio na hora da otimização de produção de leite, desde que usada com cautela e responsabilidade pelo produtor e Médico Veterinário responsável pela produção e sanidade dos animais, não sendo indicado doses acima de 0,1 U.I./animal, sendo essa a dose recomendada para uma ótima ejeção do leite¹, doses acima do indicado pode levar ou indicar a dependência do animal ao hormônio. Considerando todos os pontos que podem levar a supressão fisiológica da ocitocina pela vaca, responsáveis da sanidade desses animais, devem por mudanças nos manejos desde a nutrição, melhoramento genético até o manejo propriamente dito, do local de descanso até a sala de espera, sem gritos, assovios ou situações que as levem ao estresse, sem abrir mão da sala climatizada para que não haja também estresse térmico e quando embretadas pra serem ordenhadas, uma ótima estimulação dos tetos, sem movimentos grosseiro que possam vir a causar desconforto ao



animal,,mudanças simples que podem fazer a diferença, no manejo, na sanidade dos animais e no bolso do produtor.

Palavras-chave: produção, leite, vaca.

Referências:

¹SANTOS, M. V. Ocitocina injetável durante a ordenha - solução ou complicação? In: Inforleite. Sorocaba-SP, p.40 - 42, 2013.

²RIBEIRO, L.E.R. Mecanismo Neuro hormonal de ejeção do leite. In: Universidade Estadual Paulista de Ciências Agrárias e Veterinárias Campus de Jaboticabal. Jaboticabal-SP, 2021.



PROJETO DE EXTENSÃO RURAL

Isabela Carvalho da Silva¹, Geovana Cabrini Ponchio², Victória Barros Aidar³, Vantuil Moreira de Freitas⁴

^{1,2,3} Discentes -UNIFIMES e-mail: isabelacarvalhodasilva@unifimes.edu.br

⁴ Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):
(X) Produção e Reprodução Animal;
() Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
() Medicina Veterinária Preventiva.

Um projeto de extensão rural visa suprir as necessidades dos produtores rurais de uma comunidade, principalmente, aqueles de baixa renda ou com pouco capital. O objetivo deste trabalho é descrever o projeto de extensão rural com atendimentos, a princípio, na área de clínica cirúrgica em bovinos e equinos. A proposta foi aprovada pela diretoria de extensão, assuntos comunitários, estudantis e culturais da Pró-reitoria de ensino, de pesquisa e de extensão do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. O Projeto EXTENSÃO RURAL, CLÍNICA E CIRURGIA A CAMPO tem duração de 02/2022 à 11/2022, curso envolvido: Medicina Veterinária; Áreas Temáticas: Tecnologia e Produção Tipo de extensão proposta: Projeto N° de registro: 000.000.180; Proponente - Coordenador(a): Vantuil Moreira de Freitas. O objetivo criar vínculos e abrir portas de acesso a propriedade. Em seguida amplia-se o serviço de extensão rural em todas as suas modalidades aos produtores, tais como: medicina veterinária preventiva, produção e reprodução animal. Espera-se que o produtor beneficiado alcance maior produtividade e lucratividade na pecuária e seja parceiro na divulgação do serviço de extensão rural do centro universitário de mineiros (UNIFIMES). Público alvo: produtores rurais, docentes e alunos da UNIFIMES. Este projeto de extensão rural justifica-se por entender as principais necessidades básicas do produtor em assistência técnica a atividade pecuária, desde medidas curativas até ações preventivas. A relevância da proposta baseia-se no trabalho envolvendo a missão de ensino, pesquisa e extensão atendendo a sociedade e como resultado proporcionar desenvolvimento social, econômico, e saúde humana animal. Espera-se a formação de profissionais mais capacitados para o mercado de trabalho, maior e melhor divulgação e credibilidade da IES e sustentabilidade da atividade de pecuária. A metodologia utilizada baseia em três etapas ou fases: A primeira etapa denomina de “abertura de portas de acesso a propriedades” tem como objetivo oferecer atendimento médico veterinário em clínica e cirurgia em bovinos e equinos. Espera-se gerar relacionamento de confiança e adesão ao projeto. A segunda etapa é o desenvolvimento de ações educativas com os produtores rurais e seus funcionários. Dentre estas, uma cartilha educativa, palestras, visita técnica. A terceira etapa estabelecer um programa sanitário para cada propriedade.

Palavras-chave: educação rural. Medicina veterinária. UNIFIMES



CONCEITOS DE FERTILIDADE, SUBFERTILIDADE, INFERTILIDADE E ESTERILIDADE EM BOVINOS MACHOS

Brenno Sousa de Ribamar e Silva ¹, Geovani Pereira Carvalho ², Milena da Silva Vieira Ribeiro ³, Vantuil Moreira de Freitas ⁴

1. Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES (e-mail: milenaribeiro02072002@gmail.com)
2. Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES – Vantuil Moreira de Freitas

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal; () Clínica Médica e Cirúrgica Animal; () Medicina Veterinária Preventiva.

Com intuito de um melhor entendimento, definimos de forma mais compreensível estes conceitos. Diferentes alterações testiculares que influenciam a fertilidade podem ser de origem genética, congênita ou adquirida. Muitas vezes é possível que animais considerados inférteis ou subférteis possam engravidar. As causas da infertilidade masculina são várias, porém boa parte podem ser tratadas. Para ser considerado infértil ou subfértil não significa ser incapaz permanente de ter progênie, certos profissionais preferem o termo subfertilidade ao afamado “infertilidade” (1). É raro que um animal tenha o caso de esterilidade, na maioria das vezes, o que ocorre são casos de infertilidade ou subfertilidade que podem ser tratados e revertidos (2). O objetivo deste trabalho é determinar tais termos que são utilizados erroneamente, porém muito utilizados na área de reprodução. Os dados foram coletados através de artigos pesquisados no google acadêmico. Fertilidade é a capacidade de gerar descendentes normais, que é uma condição essencial para a produtividade animal e melhoramento genético. Porém essas condições podem ser alteradas e afetar o desejo, a habilidade de cópula e a habilidade dos espermatozoides fecundarem o oócito (3). Aparelhos reprodutores saudáveis normalmente são férteis possibilitando que consigam uma fertilização de maneira natural. Infertilidade ou Subfertilidade é a condição em que o animal se encontra menos fértil em comparação com um animal saudável. Isso não significa que não há chance de prenhez. Há uma dificuldade pra que o animal tenha uma gestação em comparação a outros. O significado de subfertilidade é quando tentamos uma prenhez no animal por um período inferior a um ano e ainda não houve sucesso (1). Animais subférteis apresentam diminuição da capacidade fecundante. Em causas adquiridas a subfertilidade ou infertilidade ocorre momentaneamente, podendo a causa ser removida ou se houver continuidade desta alteração pode-se evoluir para esterilidade, assim como também na alteração genética leva a subfertilidade permanente ou esterilidade. Esterilidade é quando o animal possui uma má-formação ou algum tipo de distúrbio definitivo, permanecendo incapaz de se reproduzir, isto é o que chamamos de esterilidade. O animal estéril não consegue gerar uma nova progênie a partir de reproduções sexuadas e nem com tratamento médico.



Palavras-chave: fertilidade. infertilidade. Esterilidade.

REFERÊNCIAS:

- 1 - SAWAKINOME.COM. **Diferença entre subfertilidade e infertilidade.** Disponível em: <https://pt.sawakinome.com/articles/science--nature/difference-between-subfertilityand-infertility-2.html>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- 2 - OLIVEIRA, F.G. de. **Diferença entre fertilidade, infertilidade e esterilidade.** 2020. Disponível em: <https://clinicafgo.com.br/noticias/diferenca-entre-fertilidadeinfertilidade-e-esterilidade/>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- 3 - BICUDO, S.D.; SIQUEIRA, J.B.; MEIRA, C. **Patologias do sistema reprodutor de touros.** *Biológico*, v.69, n.2, p.43-48, 2007.



RELAÇÃO DO TRAMENTO A BASE DE MOXIDECTINA EM FÊMEAS NELORE SUBMETIDAS AO PROTOCOLO DE IATF COM A EFICIÊNCIA REPRODUTIVA

Agezimar Martins Fernandes Junior¹, Américo Bruno Borges Neto¹, Fausto Rezende
Teixeira¹, Priscila Chediek Dall'Acqua².

¹ Discente do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail:
agezimar10@outlook.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (X) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Os helmintos gastrointestinais são responsáveis por causar inúmeros prejuízos na pecuária de corte mundial, uma vez que o parasitismo causa efeitos indesejáveis no ganho de peso, retardo de crescimento, baixa conversão alimentar e afeta o desempenho reprodutivo dos animais (1). Por isso, o uso de endectocidas visando a eliminação parasitas intestinais com agentes da classe das Lactonas macrocíclicas como a ivermectina, abamectina, doramectina, eprinomectina e moxidectina têm sido utilizados de forma eficaz no combate aos endoparasitas, reduzindo as parasitoses por helmintos gastrointestinais e assim, melhorando a saúde dos animais, com destaque para a moxidectina (2). Como há uma relação entre o parasitismo e a eficiência reprodutiva, o presente estudo tem como objetivo descrever a utilização de moxidectina em vacas Nelore múltiparas e primíparas submetidas à inseminação artificial em tempo fixo (IATF). Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura através das bases de dados do Google Scholar, PubMed, Scielo e Periódicos Capes, com as estratégias de busca: Helmintos Gastrointestinais, Endectocidas, Eficiência Reprodutiva e IATF. Foram selecionados artigos científicos publicados nos últimos cinco anos tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa. Foram relatados tratamentos com moxidectina em fêmeas Nelore no início do protocolo reprodutivo e avaliada a carga parasitária dos animais para saber se haveria uma melhora das taxas prenhez e concepção na IATF. A redução dos helmintos gastrointestinais resultou na melhora dos índices reprodutivos aumentando de 3 a 5% as taxas de concepção na primeira IATF em vacas múltiparas e primíparas, no entanto não houve efeito na concepção a segunda IATF com o uso de moxidectina no início do protocolo. (3). Um outro estudo realizado com novilhas demonstrou que nessa categoria animal há melhora considerável na condição corporal, diminuição da carga parasitária, maiores taxas de ciclicidade e maiores taxas de prenhez a segunda IATF após o tratamento com moxidectina (4). Esses resultados contrastam o estudo anterior que observou maiores taxas de prenhez somente a primeira IATF, possivelmente pela categoria animal utilizada, tendo em vista que múltiparas e primíparas geralmente concebem melhor a primeira IATF, pois são fisiologicamente mais maduras e com uma condição corporal boa, já as novilhas tendem a apresentar melhores taxas de prenhez na segunda IATF, devido ao início da puberdade (5). Desta forma conclui-se que a utilização de moxidectina em vacas Nelore submetidas a IATF resulta em uma melhor eficiência reprodutiva e, conseqüentemente, maior produção de bezerros ao final da



estação reprodutiva. No entanto, ainda são necessários estudos a respeito do mecanismo de ação e efeito dos fármacos antiparasitários e sua interação nas características reprodutivas de fêmeas bovinas.

Palavras-chave: Antiparasitário. Bovinos de Corte. Nematódeos Gastrointestinais.

Referências:

1. ZAPA, Dina María Beltrán; COUTO, Luiz Fellipe Monteiro; HELLER, Luciana Maffini; CAVALCANTE, Alliny Souza de Assis; NICARETTA, João Eduardo; CRUVINEL, Leonardo Bueno; MACIEL, Willian Giquelin; TEIXEIRA, Weslen Fabricio Pires; FELIPPELLI, Gustavo; GOMES, Lucas Vinicius Costa. Association between fecal egg count and weight gain in young beef cattle. **Livestock Science**, [S.L.], v. 244, p. 104335, fev. 2021.
2. TEIXEIRA, Weslen Fabricio Pires; GOMES, Lucas Vinicius Costa; FELIPPELLI, Gustavo; BUZZULINI, Carolina; ZAPA, Dina Maraia Beltran; CAVALCANTE, Alliny Souza de Assis; BORGES, Dyego Gonçalves Lino; FERREIRA, Lorena Lopes; SANTOS, Thais Rabelo dos; SOARES, Vando Edesio. Investigation of fecal egg counts versus worm burden and helminth fauna in cattle treated or not with macrocyclic lactones in a tropical region. **Veterinary Parasitology**, [S.L.], v. 300, p. 1-9, dez. 2021.
3. HELLER, Luciana Maffini; COUTO, Luiz Fellipe Monteiro; ZAPA, Dina María Beltrán; CAVALCANTE, Alliny Souza de Assis; COLLI, Marcos Henrique Alcantara; FERREIRA, Lorena Lopes; SCARPA, Alexandre Braga; DÉO, Pedro Henrique; SOARES, Vando Edesio; VASCONCELOS, José Luiz Moraes de. Increase in the reproductive efficiency of primiparous and multiparous Nelore cows following moxidectin treatment at the onset of a fixed-time artificial insemination protocol. **Livestock Science**, [S.L.], v. 251, p. 104613, set. 2021.
4. COUTO, Luiz Fellipe Monteiro; ZAPA, Dina María Beltrán; HELLER, Luciana Maffini; CAVALCANTE, Alliny Souza de Assis; NICARETTA, João Eduardo; CRUVINEL, Leonardo Bueno; COLLI, Marcos Henrique Alcantara; FERREIRA, Lorena Lopes; ALENCAR, Amanda; MELO-JUNIOR, Rubens Dias de. Gastrointestinal nematode control programs in yearling Nelore heifers: analysis of fecal egg counts, weight gain and reproductive indices. **Animal Reproduction Science**, [S.L.], v. 226, p. 106695, mar. 2021.
5. SILVA, Maria Eduarda Rocha e. **Efeito da indução de puberdade em novilhas de corte sobre a taxa de gestação ao final da estação de monta**. 2022. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.



INDUÇÃO DE PUBERDADE EM NOVILHAS NELORE COM PROGESTERONA INJETÁVEL E COM DISPOSITIVO INTRAVAGINAL

Guilherme Moreno Carafini¹, Priscila Chediek Dall'Acqua².

¹Discente do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES (e-mail: guilhermecarafini20@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (X) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Nos últimos anos pecuária de corte mundial tem buscado soluções para maximizar a produtividade, dentre elas, a inseminação artificial em tempo fixo (IATF) tem demonstrado ser uma ferramenta de grande valia, pois apresenta resultados significativos na melhora dos índices reprodutivos e conseqüentemente no melhoramento genético do rebanho de corte brasileiro. Neste sentido é necessário que as fêmeas entrem em idade reprodutiva mais cedo, tendo em vista produzir bezeros de qualidade mais cedo e aumentar o número de descendentes durante sua vida reprodutiva (1). Desta forma, o objetivo do presente estudo é relatar a indução de puberdade em novilhas nelore, evidenciando as diferenças de acordo com o uso de progesterona (P4) injetável ou implante de (P4). Para tanto, foram realizadas pesquisas em língua inglesa e portuguesa por meio de artigos científicos nas principais bases de dados como: Google Scholar, Science Direct, Journal of Animal Science, Endocrinology, Animal Reproduction, com as seguintes estratégias de busca: (1) Puberty / Puberdade, (2) Beef Heifer / Novilhas de Corte e (3) Puberty Induction / Indução da Puberdade. Os dados foram coletados durante o mês de agosto de 2022, os critérios de inclusão e exclusão utilizados para seleção foram artigos que falassem a respeito da indução de puberdade. Em novilhas que entrarão em um protocolo de indução de puberdade é necessário se atentar alguns pontos como peso, idade e ciclicidade ovariana dos animais, pois todos estes pontos estão diretamente correlacionados com a eficiência reprodutiva (2). A indução realizada com dispositivo intravaginal de P4 segue um protocolo cuja permanência do dispositivo é de 12 dias e, posteriormente, é aplicado cipionato de estradiol, seguindo de um intervalo de mais 12 dias para avaliação das novilhas quanto ao tônus uterino, ciclicidade e peso, afim de classificá-las como aptas ou não para a reprodução, com base no sucesso do protocolo em induzir a ciclicidade. Entretanto, os dispositivos intravaginais são invasivos podendo causar lesões no momento da implantação na vulva e vagina, além de poder predispor a ocorrência de vaginite com descarga mucopurulenta no momento da retirada dos implantes (2). Já a indução com progesterona injetável de longa ação consiste na aplicação de 1mL intramuscular, seguida da avaliação de ciclicidade 24 dias após, este tipo de indução apresenta taxas de prenhez 53,4%. Sendo um protocolo menos invasivo do que outro apresentado acima, e com



resultados próximos da indução com dispositivo este trabalho apresenta taxas de prenhez de 53% com este método. Assim Conclui-se que os dois métodos possuem taxas de maturação sexual e uterina semelhantes, desta maneira a utilização de P4 injetável em protocolos de indução pode ser uma ótima alternativa pois possui um manejo mais fácil além de reduzir os problemas sanitários causados pela utilização de dispositivos intravaginais, mas ainda são necessárias novas pesquisas visando melhorar e aperfeiçoar as técnicas de indução da puberdade no intuito de maximizar a eficiência reprodutiva de fêmeas bovinas.

Palavras-chave: Bovinocultura de Corte. IATF. Progestágenos.

Referências:

1. NOGUEIRA, Camilla de Souza. **Impacto da IATF (inseminação artificial em tempo fixo) sobre características de importância econômica em bovinos Nelore**. 2017. 44 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Genética e Melhoramento Animal, Ciências Agrárias e Veterinárias – Unesp, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Jaboticabal-SP, 2017.
2. VASCONCELOS, J. L. M.; CARVALHO, R.; PERES, R. F. G.; RODRIGUES, A. D. P.; JUNIOR, I. Claro; MENEGHETTI, M.; AONO, F. H.; COSTA, W. M.; LOPES, C. N.; COOKE, R. F.. Reproductive programs for beef cattle: incorporating management and reproductive techniques for better fertility. **Animal Reproduction**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 1-11, 2017.
3. MAGI, Lucas Henrique Ribeiro; DAMIÃO, Isabela Lara; MORAIS, Mylla Cristina Freitas; SILVA, Richarlla Aparecida Buscariol; POLIZELLE, Sofia Regina; FRIAS, Danila Fernanda Rodrigues. EFEITO DE DIFERENTES MÉTODOS DE INDUÇÃO À PUBERDADE SOBRE A RESPOSTA REPRODUTIVA EM NOVILHAS NELORE. **Nativa**, [S.L.], v. 8, n. 5, p. 1-5, 27 out. 2020.
4. LIMA, R.s. de; MARTINS, T.; LEMES, K.M.; BINELLI, M.; MADUREIRA, E.H.. Effect of a puberty induction protocol based on injectable long acting progesterone on pregnancy success of beef heifers serviced by TAI. **Theriogenology**, [S.L.], v. 154, p. 1-7, set. 2020.



A EVOLUÇÃO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM BOVINOS NO BRASIL

Henrique Borges Dos Santos¹, Priscila Chediek Dall'Acqua².

¹ Discente do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES (e-mail: henriqueborges911@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(X) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

A inseminação Artificial (IA) é uma biotecnologia reprodutiva utilizada dentro da bovinocultura do Brasil, que visa o melhoramento genético e a eficiência reprodutiva dos rebanhos. Entretanto, um de seus principais fatores limitantes é a observação de cio, com isso, surgiu a inseminação artificial em tempo fixo (IATF), que elimina a necessidade de detecção cio e possibilita a inseminação de vários animais no mesmo dia devido ao protocolo hormonal realizado para sincronização do cio e ovulação (1). O objetivo deste trabalho é descrever acerca da evolução da inseminação artificial e as perspectivas de avanço da técnica na bovinocultura brasileira. Para tanto, foi feita uma busca através de plataformas de dados como Google Acadêmico, Scielo e Periódicos Capes, utilizando as estratégias de buscas: Inseminação Artificial, IATF, Melhoramento Genético. Foram utilizados artigos publicados na língua portuguesa durante os últimos cinco anos. A IA é uma técnica que consiste na deposição de sêmen no corpo do útero da fêmea bovina, visando a melhora desempenho no rebanho além da obtenção de índices superiores que a monta natural, a técnica também permite a utilização do sêmen de touros comprovadamente superiores, porém esta biotecnologia apresenta algumas desvantagens como falhas na observação de estro, uma outra dificuldade desta biotécnica é a impossibilidade dos animais entrarem no cio ao mesmo tempo, sendo assim dificultando a inseminação de vários animais ao mesmo dia (2). Nos últimos tempos esta biotecnologia se encontra em queda, pois houve uma crescente muito grande da IATF, chegando em 2020 a quase 90% das inseminações realizadas por esta técnica no Brasil, e foram comercializados mais de 21 milhões de protocolos, desde o início dos anos 2000 houve uma crescente muito grande com a relação esta biotecnologia, ainda que mais de 80% do rebanho brasileiro não seja inseminado e utilizem somente a monta natural (3). Desse modo podemos constatar que o crescimento exponencial da IATF nos últimos 16 anos foi de quase 130 vezes a mais, trazendo inúmeros benefícios para bovinocultura de corte e leite, além dos benefícios socioeconômicos a esta técnica trouxe um aumento na quantidade bezerras de corte produzidos e na qualidade dos animais oriundos desta tecnologia, já nos rebanhos leiteiros foi possível trazer uma redução do intervalo entre partos comparado a monta natural e IA convencional (4). Portanto conclui-se que houve um crescimento e diversos avanços nos últimos anos principalmente da IATF, mas há muito o que ser feito, pois mais de 80% do rebanho nacional não utiliza nenhum tipo de biotecnologia reprodutiva e nem passam por



algum tipo de acompanhamento de um médico veterinário, sendo assim esse mercado ainda tende muito a crescer nos próximos anos.

Palavras-chave: Biotecnologia Reprodutiva. Eficiência Reprodutiva. IATF.

Referências:

1. BARUSELLI, Pietro Sampaio. Evolução e perspectivas da inseminação artificial em bovinos. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte-MG, v. 43, n. 2, p. 308-314, 15 jul. 2019.
2. BARUSELLI, P.S. Mercado da IATF cresce 30% em 2020 e supera 21 milhões de procedimentos. **Boletim Eletrônico do Departamento de Reprodução Animal/FMVZ/USP**, 5ª ed., 2021.
3. SILVA, Mery Any Nascimento da; MELLO, Marco Roberto Bourg de; PALHANO, Helcimar Barbosa. Inseminação artificial e inseminação artificial em tempo fixo em bovinos. **Revista Científica do Ubm**, Seropédica - RJ, v. 43, n. 23, p. 1-19, 6 jul. 2021.
4. BARUSELLI, Pietro Sampaio; SANTOS, Guilherme Felipe Ferreira dos; CREPALDI, Gabriel Armond; CATUSSI, Bruna Lima Chechin; OLIVEIRA, Ana Carolina dos Santos. IATF em números: evolução e projeção futura. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, [S.L.], v. 46, n. 2, p. 1-8, 2022.



A IMPORTÂNCIA DA DIETA ANIÔNICA PARA O SUCESSO PRODUTIVO DO REBANHO LEITEIRO

Andressa Gonçalves Rodrigues¹, Luís Felipe Silva Ribeiro Delazeri¹, Katarina Lopes Barroso², José Tiago das Neves Neto³

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES (e-mail: andressagnlvs61@gmail.com)

² Discente do Curso de Medicina Veterinária - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (UNISALESIANO)

³ Docente do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES

(X) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

A produção de leite no Brasil vem sendo intensificada gradativamente, o melhoramento genético e o aumento das tecnologias empregadas, colaboraram para um crescimento na produção de leite por vaca, aumentando as exigências nutricionais, sendo necessário a implantação de dietas suplementares nas fases de pré e pós parto visando a diminuição de distúrbios metabólicos oriundos da alta demanda energética, tais como hipocalcemia, cetose, retenção de placenta e afins. Para que esses problemas sejam evitados faz-se necessário a utilização da dieta aniônica, rica em ânions, recomendada a partir de 30 dias pré-parto. A dieta aniônica torna-se uma importante ferramenta para a redução de tais distúrbios, os quais prejudicam o desempenho produtivo e reprodutivo dos animais (1). O presente estudo tem como objetivo apontar os benefícios da utilização da dieta aniônica para vacas de alta produção no pré-parto. Para a confecção deste trabalho foram utilizadas plataformas como Scielo, Periódicos Capes e Google Scholar, em um intervalo temporal de 2014 à 2021, sendo utilizados os descritores: dieta aniônica, pré-parto, pós-parto, período de transição, bovinocultura leiteira. A dieta aniônica é composta por cloro, enxofre e fósforo; é oferecida 30 dias antes do parto com o intuito de causar uma leve acidificação no pH sanguíneo, uma vez que o pH ácido ativa o paratormônio (PTH), acarretando em homeostase do cálcio antes do parto, visto que o cálcio é um dos minerais mais importantes no crescimento fetal, produção de colostro, leite e contração uterina (1). Para a regulação da dieta, se faz necessário analisar o pH urinário, preconizando que este permaneça entre 5,5 e 6,8. Caso esses valores sejam encontrados abaixo do ideal, virão a causar problemas ao animal, acidificando mais ainda o pH, levando a um quadro de acidose metabólica. Como o organismo da vaca corresponde precipitadamente a adição de sais aniônicos na dieta, é notável a acidificação no pH urinário dentro de 48 horas após o fornecimento da dieta, assim o pH torna-se levemente acidificado, no entanto constata-se uma demora, em torno de 5 a 7 dias para que a queda do pH sanguíneo se manifeste nos mecanismos de homeostase do cálcio (2). Muitos fatores devem ser levados em conta para a formulação da dieta aniônica, pois a ingestão de matéria seca das vacas no período do pré-parto tende a diminuir quando se aproxima do parto, sendo assim oferecer o núcleo aniônico para as vacas é importante para o sucesso da dieta (3). Desta forma,



a dieta aniônica possibilita a redução de doenças metabólicas como: hipocalcemia, diminuição da contração uterina, retenção de placenta, cetose que por sua vez acaba evitando metrite, endometrite, mastite e deslocamento de abomaso. Assim, conclui-se que a dieta aniônica fornecida no pré-parto de forma adequada previne doenças no período de transição, diminuindo assim os custos para o produtor, evitando gastos excessivos com medicamentos e procedimentos veterinários.

Palavras-chave: Hipocalcemia. Período de transição. Paratormônio.

Referências:

1. PIZONI, Camila. **Efeito da dieta aniônica por diferentes períodos sobre o metabolismo de vacas leiteiras durante o parto.** 2017. 53 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Área de Concentração: Sanidade Animal, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS, 2017.
2. CUNHA, Luciane Tavares da; SILVA, Priscila Aparecida; OLIVEIRA, Paula Gonçalves Santiago Pereira de; ALVES, Geovana Vilela; CARVALHO, João Lucas; PEDROSO, Renata Caroline; NOGUEIRA, Vinícius José Moreira; TORRES, Barbara Azevedo Pereira. Prevenção da Hipocalcemia Puerperal em vacas leiteiras com a utilização de dieta aniônica no pré-parto / Prevention of Puerperal Hypocalcemia in dairy cows with the use of anionic diet in the parturition. **Brazilian Journal Of Development**, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 104328-104334, 11 nov. 2021. South Florida Publishing LLC.
3. GREGHI, Gisele F.. Suplemento mineral aniônico para vacas no parto: parâmetros sanguíneos, urinários e incidência de patologias de importância na bovinocultura leiteira. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Pirassununga - Sp, p. 1-6, 15 abr. 2014.



IMPACTO DA LEPTOSPIROSE NA REPRODUÇÃO BOVINA

Célio Gregório Klein¹; Priscila Chediek Dall'Acqua²

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail: celiok27@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(X) Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica
Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

A leptospirose bovina é uma doença infectocontagiosa causada por uma bactéria do gênero *leptospira*. Sendo uma das doenças reprodutivas que mais causa perdas econômicas nos rebanhos bovinos. Causando danos como abortos, natimortos, nascimento de bezerras imunodeficientes e infertilidade (1). Com base nessas informações, este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve revisão de literatura acerca do impacto e dos prejuízos causados pela leptospirose na reprodução de bovinos. Para isso, uma revisão bibliográfica foi realizada, incluindo dados da literatura teórica encontrados em artigos nas bases de dados do Google acadêmico, Scielo e Pubmed, com as seguintes estratégias de busca: Leptospirose, reprodução, perdas econômicas. Foram selecionadas pesquisas em língua portuguesa e inglesa, no recorte temporal nos últimos 5 anos, disponíveis em formato eletrônico e gratuito. A leptospirose bovina é uma enfermidade reprodutiva que causa diversos prejuízos nos rebanhos e, geralmente, se manifesta na forma subclínica e crônica. A maioria dos animais acometidos pela doença tem sua manifestação subclínica, causadas pela *leptospira* do sorotipo *Serjoe* (2). A doença pode acometer animais de ambos os sexos. Animais muitos jovens e novilhas sexualmente maduras, são os mais propensos a serem infectados. O contágio pode ser de forma direta ou indireta. A forma direta pode acontecer no momento do acasalamento, através de contato de um animal infectado com um animal saudável e também por via transplacentária. Já a forma indireta da infecção acontece quando animais tem contato com água ou solo contaminados pela bactéria. Os sinais clínicos da doença variam com a idade e o status imunológico dos animais. Em ambas as fases o trato reprodutivo é afetado. Sendo que na fase aguda da doença, que acomete principalmente animais jovens, os sinais clínicos mais comuns são hemorragia caracterizada por petéquias nas mucosas e hipertermia. Abortos, retenção de placenta, repetição de cio, fetos natimortos e infertilidade estão mais relacionados com a fase crônica da doença. Em fêmeas infectadas são necessárias de 3 a 6 coberturas para se chegar a concepção. O diagnóstico é feito através de testes sorológicos indiretos, sendo os mais utilizados a aglutinação microscópica (MAT) e o teste de reação em cadeia da polimerase (PCR) (1). A imunização dos animais é o método mais eficaz para o controle da doença, inclusive fêmeas que entram na estação de monta, pois é a forma mais eficiente e econômica para o produtor. Pois, o tratamento com antibióticos e antibacterianos se torna mais oneroso, e muitas vezes não se tem um resultado satisfatório. Outra forma de controle é o manejo adequado do solo e do tratamento da água (1,3). Dessa forma podemos concluir que a Leptospirose se trata de uma doença reprodutiva de grande



impacto na produção e reprodução bovina, levando a altas taxas de abortos e desordens reprodutivas. Desse modo, é extremamente importante que sejam adotadas ações de controle sanitário a fim de diminuir sua disseminação.

Palavras-chave: Aborto. Imunização. *Leptospira*.

Referências:

1. MOULIN, Gabriel do Nascimento. **Uma abordagem sobre leptospirose bovina no Brasil**. In: RESENDE, Juliana Alves. Tópicos especiais em ciência animal X. Alegre- Es: Caufes, 2021. Cap. 7. p. 1-360.
2. JAMAS, Leandro Temer; BARCELLOS, Rodrigo Rhoden; MENOZZI, Benedito Donizete; LANGONI, Helio. **Leptospirose Bovina**. Veterinária e Zootecnia, [S.L.], v. 27, p. 1-19, 22 out. 2020. Revista Veterinaria e Zootecnia.
3. MARTINS, G.; LILENBAUM, W.. **Control of bovine leptospirosis: aspects for consideration in a tropical environment**. Research In Veterinary Science, [S.L.], v. 112, p. 156-160, jun. 2017.



USO DE MEDICAMENTOS PROGESTAGENOS EM CADELAS E AS AFECÇÕES ADVINDAS DA APLICAÇÃO

Bruna Rita Conceição Guimarães¹; Priscila Chediek Dall'Acqua²

¹ Discente do Centro Universitário de Mineiros– UNIFIMES (e-mail: brunalive26@hotmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (X) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

As cadelas tendem a atingir a maturidade sexual a partir dos 6 meses de idade e possuem rápida gestação (1). Com isso, progestágenos (análogos sintéticos da progesterona) são amplamente utilizados como anticoncepcionais (ANTC) com o intuito de evitar a superpopulação de cães. Sabendo que os progestágenos estão envolvidos em processos como a inibição de hormônios gonadotróficos (incluindo FSH e LH) e seu uso indevido e frequente pode ocasionar efeitos indesejáveis aos animais (2), objetivou-se com o presente estudo descrever o uso de progestagenos em cadelas e, por conseguinte, seus efeitos adversos. Dessa forma, para a pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica utilizando-se artigos relacionados e diferentes bancos de dados como: Pubmed, Scielo e capítulos de livros e foram empregadas palavras-chave como “anticoncepcionais”, “neoplasias” e “efeitos adversos”, limitando as publicações a um período de 10 anos (2012 a 2022). O uso de progestágenos como ANTC é um método de baixo custo e fácil acesso aos tutores, sendo os principais utilizados o acetato de Megestrol (MG) (de curta duração), Proligesterone (de 3ª geração, com ação prolongada) e acetato de Medroxiprogesterona (MD) (longa duração), os quais suspendem de forma reversível o ciclo estral das fêmeas e interrompem, conseqüentemente, seu cio e gestação (3). Assim, é orientado prudência na prescrição de tais métodos em virtude das diversas afecções comuns descritas quando do uso de progestágenos, como neoplasia mamária, relacionada à intensidade e tempo de exposição do epitélio mamário à ação do ANTC (4), piometra, distocia e presença de fetos enfisematosos e macerados, condições estas que surgem após período prolongado do uso de progestágenos (5). Desta forma, é possível concluir com o presente trabalho que a administração inadequada de ANTC contribui para efeitos indesejáveis nos animais, fato este que se dá em razão do desconhecimento dos tutores acerca da relação entre o uso indevido e exacerbado de progestágenos e as afecções supracitadas. Por isso, é necessário propagar tais informações a fim de conscientizar a população, principalmente tutores de animais, sobre as conseqüências do uso indiscriminado destes ANTC.

Palavras-chave: anticoncepcionais. neoplasias. efeitos adversos.



Referências:

1. BEAVER, B. V. Comportamento canino: um guia para veterinários. São Paulo: **Roca**, 2001.
2. FONSECA, A. P. B.; MOURA, V. M.; CHAVES, R. A. A.; LEITE, E. R.; KLEIN, R. P. Progestágenos para inibição do cio em cadelas e gatas vendidos em lojas veterinárias. **Anais... ANCLIVEPA**, 2014.
3. BUENO, L. C. V.; RÉDUA, C. R. O. Uso e consequências dos principais métodos contraceptivos em cadelas na região do Distrito Federal. **Revista Ciência e Saúde Animal**, v. 2, n. 1, p. 9-21, 2020.
4. ROSA, G. A. G.; SANTOS, F. S.; MACHADO, J. P. Influência do uso de anticoncepcionais no aparecimento de tumores mamários em cadelas. **Revista Científica Univiçosa**, v. 10, n. 1, 546-551, 2018.
5. SANTOS, R. V.; MERLINI, N. B.; SOUZA, L. P.; MACHADO, V. M. V.; PANTOJA, J. C. F. de; PRESTES, N. C. Ultrassonografia Doppler na avaliação de cadelas diagnosticadas com piometra antes e após tratamento com ovariosalpingohisterectomia. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 335, p. 635-642, 2013.



SUPLEMENTAÇÃO COM ACETATO DE MELENGESTROL (MGA) PÓS IATF

Luiz Gustavo Almeida de Oliveira¹, Luiz Afonso Caetano de Souza¹, Gustavo Cabral Resende¹, Guilherme Junior Ribeiro Carvalho¹, Rayner Martins Garcia¹, Jose Tiago das Neves Neto²

¹ Discente – UNIFIMES (aluizgustavo591@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (x) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

O comércio de carne bovina vem se mostrando ser uma atividade de extrema importância para a economia do Brasil, 10% do seu PIB está relacionado a esta prática, sendo em âmbito mundial o 2º maior produtor e o 1º maior exportador de carne de bovinos do mundo (1). Um grande entrave enfrentado para elevar este número e se tornar uma atividade mais rentável é obter êxito nas biotecnologias da reprodução empregadas com o intuito de maximizar a produção como a IA e IATF. Um ponto que deve receber atenção são as perdas gestacionais ocorridas no terço inicial da gestação. Estas perdas gestacionais podem ocorrer devido a baixa síntese de progesterona pelo corpo lúteo, sendo a progesterona um hormônio importante para o início e manutenção da gestação, por ser responsável por mudanças no ambiente uterino que viabilizam a gestação (2). Com base neste contexto se torna importante a adoção de medidas que possam auxiliar ou suprir esta falha. Uma opção seria usar acetato de melengestrol (MGA), que é um esteroide progestagênio sintético fornecido via oral que tem ação similar a progesterona produzida pelo corpo lúteo (3). O presente estudo tem como objetivo descrever sobre o uso do MGA para bovinos de corte. Procedeu-se uma revisão de literatura, por meio de consultas bibliográficas de artigos, utilizando Google Acadêmico. Com intuito de avaliar esta opção avaliaram a suplementação com acetato de melengestrol incorporado em blocos nutricionais para vacas pós IATF. No experimento foram utilizadas 863 vacas multíparas, de duas fazendas com média de 60 dias pós-parto, inseminadas com sêmen congelado de quatro touros, após IATF foram divididas em três lotes: controle que não recebeu o acetato de melengestrol, MGA 13-18 que receberam o acetato de melengestrol por 6 dias iniciando no dia 13 até o dia 18 pós a IATF e o lote MGA 6-18 que recebeu acetato de melengestrol por 13 dias iniciando no dia 6 até dia 18 pós IATF. Ao fim do experimento foi realizado o diagnóstico de gestação e foi constatado que a taxa de prenhes do lote controle (48,5%) foi menor em relação ao lote MGA 13-18 (56,6%) e ao lote MGA 6-18 (57,7%), demonstrando assim a eficácia da suplementação com o MGA (3). Diante do exposto concluímos que a suplementação com o acetato de melengestrol traz um acréscimo na taxa de prenhes e se mostra uma boa solução para as perdas gestacionais decorrentes da baixa produção da progesterona no terço inicial da gestação.

Palavras-chave: Suplementação. Acetato de melengestrol. Taxa de prenhes.



Referências:

1. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, panorama da pecuária brasileira, censo agropecuário, 2020.
2. Machado, RUI. Estratégias para reduzir a mortalidade embrionária em bovinos. II. Protocolo para reduzir a mortalidade embrionária em vacas de leite e em receptoras de embrião. Embrapa Pecuária Sudeste, 2010.
3. Nogueira, Érikli. Suplementação com acetato de melengestrol (MGA®) incorporado em blocos nutricionais para fêmeas Nelore em reprodução. Embrapa Pantanal, 2021.



VANTAGENS E DESVANTAGENS DA CRIAÇÃO DE BOVINOS LEITEIROS EM DIFERENTE SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Letícia Tidre Tonial¹, Vitória Oliveira Frade¹, Breno Victor de Oliveira Martins¹,
Cássio Cruvinel Resende¹, Tharic Melo Paes Vieira¹, Jose Tiago das Neves Neto²

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail: letstonial3337@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- (x) Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal; () Medicina Veterinária Preventiva.

O leite está entre os principais produtos importados pelo Brasil. A pecuária leiteira sofreu grandes alterações na sua cadeia de produção, no entanto, ainda tem muito a evoluir devido ao grande potencial do país em suprir com as demandas exigidas pelo comércio interno e externo. A evolução da produção de leite está ligada, principalmente, a qualificação do produtor e a um bom gerenciamento técnico da propriedade, visto que é uma atividade que exige muito conhecimento, técnicas e tecnologias para que se obtenha os resultados desejados¹. Sistema de produção é o conjunto de tecnologias, alimentação, práticas de manejo e bem-estar animal, visando sempre a finalidade da produção, a raça e o meio ambiente onde essa atividade será desenvolvida². Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo abordar os principais pontos negativos e positivos dos diferentes sistemas de produção mais utilizados pelo pecuarista leiteiro, sendo a criação a pasto e o confinamento. A criação a pasto demanda de uma maior responsabilidade de manejo, conhecimento técnico e planejamento a longo prazo devido as mudanças climáticas ao decorrer do ano que vem a ser um fator de estresse para esses animais, visto que as vacas terão que se movimentar mais em busca de alimento. Em contrapartida gera menor custo de produção e, quando realizado o manejo correto, apresenta um bem-estar animal melhor. O confinamento apresenta alto custo de implantação do sistema e de produção. No entanto, o confinamento disponibiliza maior controle dos animais quanto a saúde, alimentação e bem-estar, já que eles são mantidos nos galpões e o alimento está servido a pequenas distâncias e em quantidades corretas para satisfazer as exigências do animal³. Mediante a isso observa-se o porque da criação em confinamento sobressair à criação a pasto no quesito maior produção por animal nas grandes leiterias brasileiras. Por fim os fatores que mais influenciam na utilização de sistema á pasto em relação ao sistema de confinamento são os altos preços de grãos, baixa produção de leite, pouco capital, baixa qualidade da terra, clima úmido e entre outros fatores acaba tornando o Brasil um país mais favorável para adotar tal sistema⁴.

Palavras-chave: Leite. Pasto. Confinamento. Bovinocultura.

Referências:



1. NEWTON MARTIN , Thomas; ZIECH, Magnos Fernando; PAVINATO , Paulo Sérgio; JAQUIEL WACLAWOVSKY, Alessandro; SANTOS SILVA SKLARSKI, Maria Madalena. Sistemas de Produção Agropecuária. Editora UTFPR, [S. l.], p. 170-192, 21 out. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fabiana-Costa-Maia-2/publication/330211829_Genomica_A_aplicacao_dos_avancos_da_genetica_no_melhoramento_animal/links/5c3423b9a6fdccd6b59af571/Genomica-A-aplicacao-dos-avancos-da-genetica-no-melhoramento-animal.pdf#page=171. Acesso em: 17 ago. 2022.
2. MARTINS DE OLIVEIRA MOREIRA, Gabriel. BOVINOCULTURA DE CORTE: Sistema de Produção. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO CÂMPUS BARRETOS, [S. l.], p. 01-23, 23 fev. 2016. Disponível em: <https://brt.ifsp.edu.br/phocadownload/userupload/213354/IFMAP160005%20BOVINOCULTURA%20DE%20CORTE.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
3. LUIZ GRANDO, Douglas; WALTER, Anderson; CAMILO DE SIQUEIRA, Dionatan; DE VARGAS, Tadeu. COMPARAÇÃO DO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE LEITE COM ALIMENTAÇÃO A BASE DE PASTO E CONFINAMENTO NOS SISTEMAS FREE-STALL E COMPOST BARN. **InovaAgro**, [S. l.], p. 1-9, 21 ago. 2016. Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/inovaagro2016/539.pdf. Acesso em: 21 ago. 2022.
4. CORRÊA MOTA, Vania; CAMPOS, Alessandro Torres; DAMASCENO, Flávio Alves; RESENDE, Everton Augusto de Melo; REZENDE, Creuza Pedroso do Amaral; ABREU, Luiz Ronaldo de; VAREIRO, Teodora. Confinamento para bovinos leiteiros: Histórico e características. *PubVet*, [S. l.], p. 433-442, 17 maio 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Flavio-Damasceno-2/publication/316943190_Feedlot_for_dairy_cattle_history_and_characteristics/links/591a42824585159b1a4bbc75/Feedlot-for-dairy-cattle-history-and-characteristics.pdf. Acesso em: 17 ago. 2022.



Clínica e Cirurgia Animal



PROTOCOLO ANESTÉSICO UTILIZADO NA CIRURGIA DE HERNIORRAFIA DIAFRAGMÁTICA EM GATO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

Alice Ribeiro Codeceira Silva¹, Raissa Coutinho de Lucena¹, Rebeca Paes Barreto Valdez¹, Larissa Rayane Hora da Silva¹, Maynara Kalya Ferreira Lima²

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com um "x" apenas um eixo)

- () Produção e Reprodução Animal;
- (x) Clínica médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Os casos de hérnia diafragmática traumática são comuns dentro da clínica médica cirúrgica veterinária, sua maior ocorrência acontece na espécie felina sendo 85% dos casos oriundas de algum tipo de trauma (1), causados principalmente por acidentes automobilísticos ou quedas. Este resumo tem como objetivo relatar a eficácia do protocolo anestésico utilizado em um felino doméstico submetido a cirurgia de herniorrafia diafragmática. Foi atendido no Hospital veterinário/UFRPE um gato macho de 4 meses, sem raça definida, pesando 1,7kg, resgatado pela sua tutora após ser vítima de um atropelamento. No exame clínico o animal apresentava dispneia e edema pulmonar, logo após radiografia foi confirmado o diagnóstico de hérnia diafragmática, com presença de vísceras no lado esquerdo do tórax, comprimindo o pulmão. Inicialmente foi administrado dexametasona 0,5mg/animal com objetivo de reduzir o edema pulmonar. Como medicação pré-anestésica foi utilizada acepromazina na dose de 0,02 mg/kg intramuscular, a indução foi realizada com propofol 3 mg/kg; cetamina 1 mg/kg; lidocaína 0,5 mg/kg e fentanil 2 mg/kg. Para a manutenção do plano anestésico, administrou-se isoflurano diluído em oxigênio com fluxo de 200ml/kg/min no sistema sem reinalação de gases do tipo baraka. A técnica de bloqueio loco regional foi realizado através da injeção de bupivacaína 2 mg/kg nos nervos intercostais, com objetivo de bloquear do quinto até o nono espaço intercostal, localizados paralelos às vértebras, atrás de cada costela (2). Como anestesia e analgesia multimodal também foi administrado por via intravenosa uma infusão contínua de fentanil 7mg/kg, cetamina 0,6mg/kg e lidocaína 0,5mg/kg. As medicações pós-anestésicas realizadas foram dipirona 15 mg/kg e metadona 0,2 mg/kg e antibioticoterapia com cefalotina 30mg/kg. A anestesia ocorreu sem intercorrências, o animal apresentou uma boa estabilidade hemodinâmica com frequência cardíaca em torno de 137bpm, pressão arterial média 107mmHg, ETco₂ 40mmHg, temperatura 38°C, saturação de 98% e frequência respiratória 6mpm. Permanecendo em plano anestésico adequado, sem sinais de dor ou desconforto. Foi realizada a ventilação manual durante quase todo o trans-cirúrgico, pois em procedimentos envolvendo a abertura do tórax, o animal é incapaz de respirar sozinho devido à ausência da pressão negativa torácica. Após a síntese da parede torácica foi possível observar o retorno da respiração espontânea em consequência do estabelecimento da pressão (3). O animal retornou de forma bastante tranquila. Nesse cenário é possível concluir que a utilização desse protocolo anestésico, visando uma adequada anestesia e técnicas analgésicas multimodais, foi capaz de promover qualidade no plano anestésico, e, conseqüentemente cirúrgico, representando assim um protocolo viável em felinos submetidos a herniorrafia diafragmática traumática.



Palavras-chave: Anestesiologia; Felino doméstico; Cirurgia torácica.

Referências:

1. LAVADOURO, J.H.B. et al. Hérnia diafragmática traumática em felino. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, v. 12, p. 53-54, 2013.
2. DA SILVA, A.M.; DE CASTRO, M.M.; MELO, A.L.T. A Utilização dos Anestésicos locais na Anestesia Epidural em Pequenos Animais: Revisão de Literatura. **UNICIÊNCIAS**, v. 24, n. 1, p. 75-77, 2020.
3. FOSSUM, T.W. et al. **Small animal surgery**. Missouri: Mosby Elsevier, 2007.



PECULIARIDADES ENCONTRADAS NA DEFINIÇÃO DE PROTOCOLOS ANESTÉSICOS EM GATOS DOMÉSTICOS (FELIS CATUS)

Rebeca Paes Barreto Valdez¹, Raissa Coutinho de Lucena¹, Maria Raquel Almeida²

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

A anestesia é uma prática muito importante na rotina veterinária, permitindo a contenção, analgesia, procedimentos diagnósticos e cirúrgicos nos pacientes. Os felinos domésticos apresentam muitas particularidades tanto comportamentais como anatomofisiológicas que os tornam mais suscetíveis a apresentarem complicações anestésicas em comparação aos cães. Essas complicações podem ser decorrentes de maior sensibilidade a alguns fármacos, a maior chance de os felinos apresentarem ansiedade e estresse durante os procedimentos anestésicos, pela dificuldade em identificar os sinais de dor nessa espécie dentre muitos outros fatores. Este é um estudo de revisão de literatura com enfoque nas características da anestesia em felinos. A seleção dos artigos que compõem foram retirados de revistas inseridas dentro da lista de periódicos Qualis/CAPES. É observada na literatura uma maior taxa de mortalidade em decorrência da anestesia em gatos quando em comparação com os cães. Vários fatores de risco podem estar associados a essa maior taxa de mortalidade. Dentre eles, o estado de saúde do paciente de acordo com a classificação ASA, a obesidade, procedimentos urgentes e complexos, intubação endotraqueal e fluidoterapia (1). Além disso, os gatos apresentam uma maior predisposição à hipotermia, intoxicação por sobredose e maior predisposição a apresentarem complicações nas vias áreas superiores (2). Os gatos também apresentam necessidade de fluidoterapia menor quando comparada a cães, e esse fator também precisa de atenção no momento da anestesia para não acarretar em complicações. Outro fator é o fato de os tutores não realizarem de forma correta os exames pré cirúrgicos. Além disso, diferente dos cães, os felinos necessitam por vezes de contenção química ao serem manipulados para reduzir o estresse e aumentar a segurança da equipe. Nesse caso, é necessário observar aspectos comportamentais da espécie como a maior propensão à ansiedade e estresse. Um temperamento agressivo pode também limitar a avaliação pré-anestésica ou impossibilitar o exame clínico antes da sedação. Isso pode prejudicar a capacidade de detectar anormalidades no paciente felino e aumentar o risco anestésico. Pacientes ansiosos geralmente requerem altas doses de sedativos ou tranquilizantes, o que pode causar depressão respiratória e cardiovascular (3). Outro desafio do clínico em relação ao paciente felino, é a resposta a agentes sedativos e analgésicos. A capacidade limitada do gato em eliminar medicamentos via glucuronidação e a suscetibilidade de glóbulos vermelhos felinos a lesões oxidativas podem influenciar sua resposta a alguns medicamentos, como benzodiazepínicos e propofol (4). Diante dos maiores riscos associados aos procedimentos anestésicos em felinos, a Associação Americana de Profissionais Especialistas em Felinos (AAFP) listou alguns pontos relacionados à anestesia felina que precisam ser observados afim de evitar complicações perioperatórias: a importância do manuseio e comportamento felino; monitoramento perianestésico e o papel das comorbidades. A AAFP estabeleceu



diretrizes e sugestões de protocolos que podem ser utilizados para sedação ou anestesia em gatos com: cardiomiopatia hipertrófica, hipertireoidismo, doença renal aguda e/ou crônica, diabetes mellitus, asma ou doença das vias aéreas inferiores, obesidade e obstrução uretral. (5). Todas as recomendações devem ser associadas ao monitoramento, fluidoterapia e espera da recuperação. Conclui-se que, diante dos dados observados na literatura, os felinos apresentam maior mortalidade por fatores relacionados a anestesia devido a questões anatomofisiológicas intrínseca da espécie assim como pelas características comportamentais.

Palavras-chave: Felinos. Anestesia. Fatores comportamentais.

Referências:

BRODBELT, Dave. Feline anesthetic deaths in veterinary practice. **Top Companion Anim Med**, v.25, n.4, p.189-194, 2010.

LITTLE, Susan E. **O gato: medicina interna**. Rio de Janeiro: Roca, p.106-141, 2016.

GRUBB, Tamara et al. Anesthesia and Monitoring Guidelines for Dogs and Cats. **J Am Anim Hosp Assoc**, v. 56, n.2, p.59-82, 2020.

KUSHNER, Lynne I. (2010a). Guidelines for anesthesia in critically ill feline patients. In: Drobatz, K. J., & Costello, M. F. **Feline Emergency and Critical Care Medicine**. Blackwell Publishing, 2010.

ROBERTSON, Sheillah A. et al. AAFP Feline Anesthesia Guidelines. **J Feline Med Surg**, v.20, n.7, p.602-634, 2018.



ASPECTOS GERAIS DA FOTOSSENSIBILIZAÇÃO HEPATÓGENA EM BOVINOS

Luís Felipe Silva Ribeiro Delazeri¹ Andressa Gonçalves Rodrigues¹ Katarina Lopes Barroso² Priscila Chediek Dall'Acqua³ Andresa de Cássia Martini Mendes³

¹Discentes do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). luisfelipevete@gmail.com

²Discente do curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium(UNISALESIANO).

³Docentes do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com "X" apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

A fotossensibilização secundária ou hepatógena ou vulgarmente conhecida como "requeima" se dá pela sensibilização da pele à luz, a administração de alguns fármacos ou até mesmo plantas (1). Mais comum em ruminantes, essa afecção advém da impossibilidade de depuração hepática causada por toxinas, e as substâncias fotodinâmicas se acumulam sistemicamente, mais especificamente a nível vascular periférico, que em contato com a luz solar, manifestam lesões dérmicas com aspecto de "casca"(1). Este estudo tem como objetivo apontar a principal causa da fotossensibilização em ruminantes, destacando aspectos etiológicos, diagnósticos e terapêuticos. Para a confecção deste estudo bibliográfico foram utilizadas plataformas como *Scielo*, *Periódicos Capes* e *Google Scholar*, em um intervalo temporal de 2000 à 2019, sendo utilizados os descritores: fotossensibilização hepatógena, filoeitrina, *Pithomyces chartarum*. A fotossensibilização hepatógena é a mais observada em bovinos no Brasil, principalmente em animais mantidos em pastagem de *Brachiaria decumbes*, pois é onde se encontra o fungo *Pithomyces chartarum*, pertencente à família Dematiaceae, um saprófita para vegetais (1), cuja participação na etiologia da fotossensibilização nos bovinos foi constatada em diferentes regiões brasileiras. Os animais com maior predisposição ao desenvolvimento desta afecção, são os animais no período de desmame a 2 anos de idade. As principais características da doença estão relacionadas a ação da esporodesmina, uma toxina encontrada nos esporos do fungo citado, ocasionando lesões hepáticas (2). Por ser tratar de um agente fotodinâmico, com capacidade de acesso a derme através do sistema circulatório, acarretando na degradação da clorofila, que se acumula periféricamente e com a incidência dos raios solares pode desencadear os sinais clínicos da doença, como, inapetência, excitabilidade, prurido, edema de barbel, flancos e da prega caudal, e caso haja evolução da doença o animal pode ter poliúria, icterícia, desidratação, enrugamento e formação de crostas em grandes extensões da pele (2). Para hipótese diagnóstica primeiramente é necessário a realização da anamnese completa do animal, incluindo informações sobre idade e tipo de pastagem, sinais clínicos e em caso de *post mortem* os achados anatomopatológicos. Os exames complementares como Transaminase Glutâmica Oxalacética (TGO) e Pirúvica (TGP) e Bilirrubina Total são capazes de evidenciar o comprometimento hepático e biliar(1). O tratamento indicado consiste no uso de protetores hepáticos e anti-histamínicos, e para as lesões



dérmicas estimula-se a utilização de pomadas antissépticas e cicatrizantes. Para a efetiva cura do animal, é necessário mantê-lo em local com sombreamento abundante e sem acesso a pastagem relacionada a afecção (1). Nesse interim, conclui-se que a fotossensibilização é uma doença que tem suas peculiaridades, afetando animais em diversas áreas do Brasil, uma vez que a *B. decumbes* compõe grande parte das pastagens brasileiras, podendo os animais apresentarem um desfecho clínico de leve a severo, acarretando até mesmo em óbito do animal. Vale ressaltar que animais destinados a produção quando acometidos, podem ter perda de peso ou queda da produção de leite, levando a perdas econômicas significativas. O manejo da pastagem deve ser estimulado, evitando assim a propagação fúngica nas pastagens e consequentemente o acometimento dos animais.

Palavras-chave: *Brachiaria decumbes*, *Pithomyces chartarum*, lesão hepática.

Referências:

1. MOTTA, A. Costa da. FOTOSSENSIBILIZAÇÃO HEPATÓGENA EM BOVINOS NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL. **Ciência Rural, Santa Maria**, Pelotas-Rs, v. 30, p. 1-7, 2000.
2. MACEDO, M.F.; BEZERRA, M.B.; BLANCO, B. Soto. FOTOSSENSIBILIZAÇÃO EM ANIMAIS DE PRODUÇÃO NA REGIÃO SEMI-ÁRIDA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Arquivos do Instituto Biológico**, Mossoró Rn, v. 73, n. 2, p. 251-254, jun. 2006. FapUNIFESP (SciELO)



DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DA ACROPOSTITE – FIMOSE EM TOUROS

Davi Ferreira de Sousa¹, Carlos Eduardo Emídio da Silva ², Marcos Augusto de Oliveira Lopes³, Pedro Henrique Ferreira Guimarães⁴
Gerson Moro⁵, Vantuil Moreira de Freitas⁶.

^{1,2,3,4} Discente – UEG (e-mail: Daviffsousaa@gmail.com)

⁵ Discente – UNIFIMES

⁶ Docente – UEG / UNIFIMES

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

O touro é o melhorador genético do rebanho e essencial no sistema de cobertura por monta natural. A *impotência coeundi* refere-se a dificuldade de cópula do touro relacionada as doenças penianas e prepuciais (1). O objetivo deste trabalho foi descrever a etiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico, tratamento e prevenção da acropostite-fimose em reprodutor bovino. A metodologia foi realizada uma revisão de literatura em livros e artigos científicos aliada a experiência dos autores. Conhecida também como acrobustite, é um processo inflamatório agudo ou crônico do prepúcio associado a estenose prepucial e fimose ou dificuldade de exposição do pênis e impossibilidade de efetuar a cópula (2). Essa afecção tem maior incidência em touros zebuínos, prepúcio penduloso, orifício prepucial largo e músculos prepuciais debilitados e com prolapso do folheto prepucial interno (FPI). Acrescentando-se, pastos com a presença de ervas daninhas e plantas espinhosas, bicadas de aves e lesões parasitárias contribuem com o surgimento dessa enfermidade (3). Os sinais clínicos comuns são a presença de edema prepucial, miíase, hemorragia, necrose do FPI, impossibilidade de efetuar a cópula, abscesso, fibrose, disúria, retenção de urina, uremia e morte. O diagnóstico clínico é fácil identificação, através da inspeção e palpação do prepúcio, com confirmação da estenose e fimose. Entretanto, a endoscopia ou a ultrassonografia podem auxiliar para avaliar o comprometimento do FPI, determinar a dimensão das lesões e a presença de estenose prepucial (4). Existem diferentes procedimentos cirúrgicos para o tratamento dessa enfermidade, porém seus resultados são variáveis. Em caso que essas alterações comprometam dois terços do folheto prepucial interno, o procedimento cirúrgico torna-se inviável. As principais complicações observadas no pós-operatório são comprometimento isquêmico do folheto prepucial interno, infecção, deiscência da ferida cirúrgica, retardo na cicatrização e a fimose (5). Portanto, conclui-se em priorizar as medidas de prevenção, tais como, manter os pastos limpos, descartar touros com prepúcio muito penduloso e de preferência substituir a monta natural pela inseminação artificial em tempo fixo.

Palavras-chave: Acrobustite. Estenose. Folheto prepucial interno. Ultrassonografia.

Referências:



- 1 - RABELO, R. E. et al. Novas perspectivas no diagnóstico e tratamento do acropostite-fimose em touros. **Arquivo brasileiro de medicina veterinária e zootecnia**, v. 69, n. 4, p. 851-859, 2017.
- 2 - RABELO, R. E. et al. NECROSE DA EXTREMIDADE LIVRE DO PÊNIS COMO COMPLICAÇÃO DE ACROPOSTITE-FIMOSE EM TOURO. **Enciclopédia Biosfera**, v. 11, n. 22, p. 2296-2303, 2015.
- 3 - SILVA, L.A.F.; BRITO, L.A.B. et al. Epidemiological aspects of surgical diseases of the genital tract in a population of 12.320 breeding bulls (1982-2007) in the state of Goiás, Brazil. *Ciên. Anim. Bras.*, v.9, p.707-713, 2008.
- 4 - NORONHA FILHO, A.D.F.; BORGES, N.C.; FREITAS, S.L.R. et al. Ultrassonografia do prepúcio de touros com acropostite e fimose – resultados parciais. *Biológico*, v.77, Supl.2, p.9, 2015.
- 5 - MARQUES, J.A.; MARQUES, L.C.; CANOLA, J.C. et al. Acropostite-fimose em touros – uma técnica cirúrgica de tratamento. *Ciên. Vet.*, v.2, p.2-3, 1988.



ACTINOMICOSE BOVINA

Milena Vasconcelos Furtado¹, Guilherme Júnior Ribeiro Carvalho², Luiz Afonso Caetano Souza³, Alexandre Santos Carneiro⁴, Vantuil Moreira de Freitas⁵

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (milenaavasconcelos01@gmail.com)

² Discente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES

³ Discente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES

⁴ Médico Veterinário- CRMV/GO 10290

⁵ Docente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (x) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

A actinomicose é uma enfermidade infectocontagiosa crônica causada por uma bactéria Gram positiva *Actinomyces bovis* que acomete preferencialmente os bovinos adultos e eventualmente animais jovens, outras espécies e raramente em humanos. A doença tem afinidade pelo tecido ósseo maxilares, principalmente a mandíbula (maxilar inferior) e de forma atípica o osso maxila (arcada dentária superior) (1). O objetivo deste trabalho é descrever a actinomicose em bovinos com ênfase na etiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento. A metodologia foi a revisão de literatura com pesquisa em livros e artigos científicos on-line. As lesões são decorrentes da invasão do agente etiológico no tecido ósseo da mandíbula provocando uma osteomielite, ou através de traumas ao ingerir um corpo estranho. Com o comprometimento das raízes dentárias gera um incômodo e dor para o animal fazendo com que este tenha dificuldades de realizar a mastigação/ ruminação, causando assim emagrecimento e perdas econômicas severas (2). Os sinais característicos são o aumento do volume na mandíbula e possível perda dos dentes molares ou pré-molares. O diagnóstico é realizado através da observação clínica da lesão macroscopicamente e microscopicamente através de análises histopatológicas, cultivo ou biópsia. Geralmente a enfermidade é possível de ser confundida com actinobacilose, contudo, nesta outra não há correlação com o tecido ósseo ou presença de abscessos (1). O método terapêutico indicado é a intervenção cirúrgica (em casos mais agravados) associado ao tratamento medicamentoso com antibioticoterapia a base de penicilina ou estreptomicina e aplicação de iodeto de sódio ou potássio (3). É considerada uma doença complexa de se controlar sendo assim, os animais infectados devem ser conduzidos para outra área diferente do rebanho sadio assim evitando maior disseminação (3). Conclui-se que a Actinomicose é uma enfermidade sub diagnosticada por ser negligenciada no diagnóstico, pois seus sintomas surgem lentamente e a bactéria se aloja na cavidade oral do animal.



Acrescente-se o prognóstico reservado devido não ter uma resposta satisfatória no tratamento e a presença de sequelas e complicações.

Palavras-chave: Infecção, lesão granulomatosa, edema ósseo.

Referências:

1. STURION, Domingos José. ACTINOMICOSE EM BOVINO - RELATO DE CASO. 2015. 4 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Curso de Medicina Veterinária das Faculdades Integradas de Ourinhos, Ourinhos - São Paulo, 2015. Cap. 2
2. ALVIM, Nivaldo Cesar. ACTINOMICOSE EM BOVINO DA RAÇA LIMOUSIN: (relato de caso). Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Garça-Sp, v. 2, n. 4, p. 1-4, 2005. Semestral. Edição numero 4. Disponível em: http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/UytMzyXgQerz1ZA_2013-5-20-10-21-22.pdf. Acesso em: 05 ago. 22.
3. RIET-CORREA, F. Doenças de ruminantes e equinos. VARELA EDITORA E LIVRARIA LTDA. São Paula- SP, 2003.



RELATO DE CASO: ATRESIA VULVO-VAGINAL EM BEZERRA

Witória Hillary De Sousa Alves¹ Giordanna Rodrigues de Paiva² Thais Ribeiro de
Morais¹ Maria Clara Oliveira Costa¹ Isabela Carvalho da Silva² Vantuil Moreira de
Freitas³

¹ Discentes – UEG

² Discente – UNIFIMES (e-mail: isabelacarvalhodasilva@unifimes.edu.br)

³ Docente – UNIFIMES / UEG

(x) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

As enfermidades congênitas desenvolvem durante a gestação e manifestam-se ao nascimento, geralmente com predisposição genética. A atresia vulvo-vaginal é uma anomalia da genitália da fêmea caracterizada pelo estreitamento ou estenose da vulva e da vagina ou aplasia segmentar com canal fechado ou ausente. O objetivo deste trabalho é descrever um caso de atresia vulvo-vaginal em bezerra. A metodologia foi um relato de caso associado a revisão de literatura em livro e artigo científico. Foi realizado o atendimento clínico num animal da espécie bovina, raça nelore, 90 dias de idade, cor branca, 70 kg peso vivo, sexo fêmea. A bezerra apresentava a vulva e o canal vaginal de tamanho pequeno ou pouco desenvolvido. No exame clínico o animal apresentava boa condição corporal, estado alerta e ativa. Os parâmetros fisiológicos como a temperatura corporal, cor de mucosa, frequência cardíaca e respiratória dentro da normalidade. No exame vaginal, via inspeção e palpação, constatou-se abertura do canal vaginal estreita (1 a 2cm), discreto meato urinário externo e clitóris rudimentar. O diagnóstico clínico pela inspeção e palpação foi considerado como um caso de atresia vulvo-vaginal. Em duas condições patológicas dos bovinos ocorrem a atresia vaginal: na doença da bezerra branca (White Heifer Disease) e no Free Martin(1). Anormalidade reprodutiva congênita em descendentes de fêmeas brancas (novilhas) em certas raças de gado, como Belga Azul e Shorthorn. A cor branca é herdada como uma característica recessiva que está associada a defeitos no trato reprodutivo da fêmea bovina, provocando nessas novilhas a esterilidade. A atresia vaginal é comum na cadela, sendo mesmo a mais importante anomalia do órgão neste animal. A vulva pode mostrar-se estreita no nascimento. Em graus avançados, a malformação acarreta dificuldades na cópula e às vezes na própria micção. Pode também mostrar-se extremamente atrofiada, conservando seu aspecto infantil por toda vida do animal; tal anomalia foi observada em vacas Jersey (2). Conclui-se que o diagnóstico do presente relato de caso está em conformidade com a literatura científica e o destino desse animal será o abate devido a impossibilidade de utilizar para reprodução, já que não existe um tratamento cirúrgico com sucesso.

Palavras-chave: Anomalia. Fêmea bovina. Genitália.

Referências:

1 – SANTOS, J.A. **Patologia Especial Dos Animais Domésticos**. 2ª Edição. Editora Interamericana: Rio de Janeiro, 1979.

2 - KOZICKI, LE et al. Doença da novilha branca em Bubalus bubalis-Relato de caso. **Arquivos de Ciências Veterinárias**, v. 6, n. 1, 2001.



DEFORMIDADE FLEXURAL EM BEZERRA NELORE: RELATO DE CASO

Durval de Freitas Rodrigues Neto¹, Gabriel Victor Vitoriano dos Santos¹, Jakelaine Lopes Paiva¹, Vyrginia Stheffany Fernandes dos Santos¹, Isabela Carvalho da Silva², Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discente – UEG (e-mail: durvalmedvet@gmail.com)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES / UEG

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal.

As deformidades flexurais ou contraturas tendíneas podem acometer as articulações dos membros torácicos e pélvicos de bezerras e potros neonatos. As deformações flexoras podem ser uni ou bilaterais, e geralmente localizam-se nas articulações interfalangeanas distais e metacarpofalangeanas. A causa pode ser congênita ou adquirida e o tratamento pode ser cirúrgico ou conservador. O diagnóstico é clínico, mas pode ter auxílio do diagnóstico por imagem. O objetivo deste trabalho é descrever um relato de caso associado a revisão de literatura sobre deformidade flexural em bovino. Foi realizado atendimento clínico num bovino, raça nelore, sexo fêmea, 30 Kg peso vivo, com sete dias de idade. Segundo o proprietário, o animal desde o nascimento apoiava-se sobre a articulação do boleto do membro torácico direito. Foi realizada a tenotomia que consiste na secção cirúrgica dos tendões flexores digitais superficial e profundo do membro acometido pela lesão. No pós-operatório aplicou penicilina procaína 20.000 UI/Kg diariamente durante sete dias, meloxicam 1,1 mg/Kg ao dia durante três dias e curativo da ferida diariamente até a cicatrização. Após 14 dias removeu os pontos e o animal respondeu ao tratamento ao conseguir andar corretamente. As contraturas tendíneas são descritas pelo desvio da conformação normal do membro torácico e/ou pélvico, apresentando constante hiperflexão de uma ou mais articulações (1). Os fatores associados são genéticos de caráter autossômico recessivo, doenças adquiridas pela fêmea durante a prenhez, ingestão de plantas tóxicas e má nutrição (2), mau posicionamento intrauterino e enfermidades no membro após a vida fetal (3). Os sinais clínicos nos casos leves o animal consegue ficar em estação com projeção dorsal do boleto devido a contração do tendão flexor digital superficial (TDFS). E nos casos graves, o animal apresenta dificuldade para se manter em estação e se apoia sobre a superfície dorsal do boleto pelo fato de envolver o TDFS, o tendão digital flexor profundo (TDFP) e ligamento suspensório (3). Dentre os tratamentos conservadores, alguns autores recomendam o uso de oxitetraciclina em superdosagens visando o efeito colateral de redução na concentração de cálcio nas inserções dos tendões, provocando o relaxamento dos mesmos (4). E outras opções como tiocolchicosídeo, talas de policloreto de vinila (PVC), gesso e fisioterapia com extensão manual dos tendões. Quanto ao tratamento cirúrgico, a tenotomia parcial ou total (5). Conclui-se que as deformidades flexurais podem afetar o crescimento e o bem-estar do recém-nascido devido a dor e dificuldade no andar. Portanto, ressalta-se a importância do diagnóstico precoce e a rapidez da melhor terapêutica visando recuperação do paciente preservando a funcionalidade do membro.

Palavras-chave: Bovino. Emboletamento. Enfermidade congênita. Tendões flexores



DIABETES MELLITUS EM CÃO: relato de caso

Ana Carolina Carvalho de Assis¹, Ana Júlia Zaiden Casadio¹, Gisele da Fonseca Ventura², Karenluci de Jesus Costa¹, Yasodaja Assis Silva¹, Bruno Moraes Assis³
¹ Graduandas de medicina veterinária da Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil (e-mail: anacarolcarvalho123@gmail.com)
² Mestranda em Biociência Animal da Universidade Federal de Jataí, Jataí-GO/Brasil
³ Professor adjunto da Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com "X" apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (x) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

O diabetes mellitus é uma enfermidade que acomete frequentemente cães. É caracterizada por alteração no pâncreas com a redução dos níveis de insulina. Na qual, o pâncreas tem sua função endócrina e exógena diminuídas. Neste contexto, o presente trabalho tem a finalidade relatar um caso de uma cadela com diabetes mellitus. Foi atendida em uma clínica particular, na cidade de Jataí-GO, uma cadela, Daschund, pesando 11 kg, com aproximadamente seis anos de idade. Durante o atendimento foi relatado pelo tutor, que o animal perdeu peso progressivamente, apresentava polifagia e polidipsia. No exame físico foi evidenciado escore corporal três, evidenciando os contornos ósseos das costelas e pelve. Foram realizados exames laboratoriais e de imagem para diagnóstico definitivo e complementar. No hemograma e na bioquímica sérica não foi evidenciado nenhuma alteração digna de nota. Porém, a glicemia apresentou um valor de 436 mg/dL, confirmando o diagnóstico de diabetes mellitus. A urinálise, revelou glicosúria ++, após o diagnóstico definitivo, o animal foi internado, realizando-se a elaboração da curva glicêmica e administração de insulina cristalina regular 2,2 UI/kg a cada duas horas até obter uma redução de 50 mg/dL/h na glicemia, visto que apresentava uma suspeita de cetoacidose diabética. Após a queda da glicemia para 125 mg/dL foi modificado para insulina NPH diariamente, duas vezes ao dia na dose de 0,25 UI/kg. Após sete dias de internação o animal, teve alta médica sendo instruído um protocolo de tratamento com insulina NPH 0,2 UI/kg, ração diabetic, e utilização de sensor Freestyle Libre® que permite a visualização da glicemia a qualquer momento. Após dois meses de tratamento, o paciente retornou à clínica para nova avaliação. Contudo, o paciente apresentou ganho de peso e estabilização da glicemia.

Palavras-chave: Cão. Diabetes. Insulina

Referências:

1. IMAI, Patrícia Hitomi. Diabetes Mellitus em cães e suas complicações. Diabetes Mellitus em cães e suas complicações, [S. l.], p. 1-20
2. FARIA, Priscilla. DIABETES MELLITUS EM CÃES. DIABETES MELLITUS EM CÃES, [S. l.], p. 1-15,



DOENÇA RESPIRATÓRIA BOVINA

Isabela Soares Rodrigues¹, Durval de Freitas Rodrigues Neto¹ Thais Ribeiro Morais ¹
Maria Clara Oliveira Costa¹ Diego Ferreira Moraes Costa² Vantuil Moreira de
Freitas³

¹ Discentes – UEG (durvalmedvet@gmail.com)

² Discente - UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES / UEG.

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

Anatomicamente os bovinos possuem um mecanismo de defesa natural das vias aéreas, que é composto pelo aparelho mucociliar e os reflexos de tosse e espirro, os componentes secretórios como o muco e a defesa celular caracterizada pelos macrófagos alveolares. Mas mesmo assim, o sistema respiratório está constantemente exposto e vulnerável a fatores ambientais e microrganismos patógenos virais e bacterianos. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão de literatura sobre a etiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico, tratamento e prevenção da doença respiratória bovina ou pneumonia. Os fatores predisponentes são aglomeração, condições de estresse, alterações climáticas, ambientais e de manejo desafiantes que provocam imunossupressão seguida de ação primária dos agentes virais e na sequência por infecção bacteriana secundária. Entre os fatores ambientais e de manejo estão a superlotação, mistura de animais de diferentes idades e níveis imunológicos no mesmo lote, calor ou frio excessivo, alimentação inadequada ou mudanças bruscas na dieta (1). A enfermidade causa alta mortalidade em animais jovens e animais confinados. A pneumonia intersticial causa inflamação difusa do parênquima pulmonar, ocorrendo geralmente por afecções da natureza não infecciosas causada por inalação de toxinas e alérgenos. A broncopneumonia é caracterizada por alterações inflamatórias dos brônquios, bronquíolos e a pleura devido a invasão das vias por agentes infecciosos bacterianos ou virais. Os sinais clínicos podem ser apatia, anorexia, febre, tosse úmida ou seca, dispneia, pescoço estendido, secreção nasal, prostração e morte. A auscultação do tórax antes e após a tosse pode revelar sons crepitantes e ásperos, a deposição de secreções espessas nas vias aéreas provocando os “roncos”. Além dos sinais clínicos, destacam-se alguns exames complementares, o hemograma fornece informações que podem ajudar a determinar se a infecção é viral ou bacteriana. O exame parasitológico é indicado no diagnóstico de verminose pulmonar, e as técnicas de diagnóstico por imagem, auxiliam na avaliação da gravidade das lesões pulmonares, efusões pleurais e aderências. O tratamento da pneumonia em bovinos é baseado na associação de antimicrobianos e anti-inflamatórios. Acrescentam-se broncodilatadores e mucolíticos visando melhorar a atividade do aparelho mucociliar, auxiliando na depuração pulmonar e aliviando a dificuldade respiratória (2). Conclui-se que a doença respiratória possui alta mortalidade e as medidas de prevenção como a vacinação, bem-estar animal, manejo adequado proporcionam melhor capacidade imunológica.

Palavras-chave: Dispneia, mortalidade alta, pneumonia.

Referências:



- 1 - CARDOSO, M.V.; SFORSIN, A.J.; et al. **Importância do diagnóstico diferencial em um surto de pneumonia enzoótica bovina.** Arq. Inst. Biol., v.69, n.3, p.111-113, 2002.
- 2 - GONÇALVES, Roberto Calderon. **O sistema respiratório na sanidade de bezerros.** *Ciência Animal Brasileira*, 2009.



EPIDEMIOLOGIA DAS NEOPLASIAS EM FELINOS NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE, ENTRE 2015 - 2021

Paula Grazielle Azevedo Backes¹, Janduí Escarião da Nóbrega Jr²

¹ Discente do Curso de Graduação em Medicina Veterinária, Programa de Iniciação Científica, Universidade Federal do Acre – UFAC (e-mail: paula.backes@sou.ufac.br)

² Docente – Universidade Federal do Acre – UFAC

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Neoplasia é o termo utilizado para definir um conjunto de fenômenos biológicos, que originam no núcleo das células, sendo caracterizado pelo crescimento anormal de tecido, podendo ser benigna ou maligna (1). Com o advento de novas tecnologias e procura por melhores condições oferecidas aos animais, principalmente aos animais de companhia, houve aumento do diagnóstico de neoplasias malignas, além do aumento na expectativa de vida, contudo, sendo umas das principais causas de morte (2). Nos felinos, observou-se que os tipos neoplásicos mais comuns são os linfomatomatopoiéticos, cutâneos e mamários (3). O objetivo desse estudo foi relatar a frequência de neoplasias em gatos no município de Rio Branco – Acre, no período de 2015 a 2021, através da análise de prontuários clínicos de pacientes com diagnóstico confirmado. Foram utilizados prontuários de duas clínicas veterinárias e da Unidade de Ensino e Pesquisa em Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre, sendo selecionadas 15 fichas que continham informações como nome, idade, sexo, raça e exames complementares, citologia e histopatologia. Dentre as fichas selecionadas, 80% eram fêmeas e 20% machos. Foi observado que as neoplasias acometeram predominantemente animais adultos, entre 1-9 anos de idade em 53,3%, seguido por idosos, com 40% e 6,7% nos jovens. Estudos demonstram predominância em relação ao acometimento por neoplasias nas fêmeas, assim como a prevalência de neoplasias em animais adultos e idosos (4). Em relação as neoplasias diagnosticadas, nas fêmeas felinas a predominância foi de carcinoma com 25%, enquanto que nos machos, os três tipos relatados foram 33,3% de adenoma túbulo-papilífero, 33,3% de carcinoma de células escamosas e 33,3% de cistoadenoma apócrino. Alguns relatos demonstram que, carcinomas e carcinoma de células escamosas são os mais frequentes nos felinos, consolidando os achados deste estudo, portanto, os resultados são compatíveis com o fato de que, a região Amazônica possui altas temperaturas na maior parte do ano, além dos gatos possuírem acesso à rua, na maioria dos casos, aumentando o tempo de exposição solar, fator que predispõe o surgimento desses tipos neoplásicos (5). Em conclusão, o município de Rio Branco – Acre, existe prevalência de tumores em fêmeas felinas, predominando os tipos neoplásicos cutâneos, enquanto que nos machos não houve prevalência de um tipo tumoral.

Palavras-chave: Amazônica. Carcinoma. Gatos.



Referências:

1. DALECK, C.R.; DE NARDI, A.B. **Oncologia em cães e gatos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016.
2. VAIL, D.M.; THAMM, D.H.; LIPTAK, J.M. Introduction: Why Worry About Cancer in Companion Animals? *In*: WITHROW, S.J.; VAIL, D.M. **Small Animal Clinical Oncology**. 6 ed. Louis, Missouri: Editora Saunders Elsevier, 2020.
3. HERR, G.E.; KOLANKIEWICZ, A.C.B.; BERLEZI, E.M.; GOMES, J.S.; MAGNAGO, T.S.B.S.; ROSANELLI, C.P.; LORO, M.M. Avaliação de Conhecimentos acerca da Doença Oncológica e Práticas de Cuidado com a Saúde. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 59, n. 1, p. 33-41, 2012.
4. PRIEBE, A.P.S.; RIET-CORREA, G.; PAREDES, L.J.A.; COSTA, M.S.F.; SILVA, C.D.C.; ALMEIDA, M.B. Ocorrência de neoplasias em cães e gatos da mesorregião metropolitana de Belém, PA entre 2005 e 2010. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia.**, v. 63, n. 6, dez, 2011.
5. ANDRADE, R.L.F.S.; OLIVEIRA, D.M.; DANTAS, A.F.M.; SOUZA, A.P.; NETO, P.I.N.; RIET-CORREA, F. Tumores de cães e gatos diagnosticados no semiárido da Paraíba. **Pesq. Vet. Bras.**, v. 32, n. 10, p. 1037-1040, outubro, 2012.



EROSÃO DE TALÃO EM BOVINOS E SEU IMPACTO NA PRODUÇÃO

Carlos Eduardo Emidio da Silva¹ Allaor Francisco Nunes de Almeida Fraga¹
Geovanna Neves dos Santos¹, Davi Ferreira de Souza¹, Eduardo Oliveira Ferreira²,
Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discentes – UEG (emidiocarlosilva@gmail.com)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES / UEG

(X) Clínica médica e cirurgia.

A bovinocultura de leite e corte, principalmente em sistemas intensivos, podem desencadear diversos problemas sanitários e conseqüentemente prejuízos econômicos devido a falhas de manejo e instalações inadequadas. As podopatias são enfermidades comuns na pecuária e representam grandes perdas na produção animal (1). O presente resumo tem por objetivo demonstrar o impacto da erosão de talão em bovinos e seu comprometimento no âmbito produtivo e no bem-estar animal. A pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura, com abordagem metodológica descritiva exploratória, foi extraída de livros e artigos científicos on-line. A erosão de talão ou podridão do talão possui origem ambiental, nutricional, podendo também estar relacionada ao manejo ou a predisposição genética á agentes infecciosos como *Dichelobacter nodosus* e *Fusobacterium necrophorum* (2). Deste modo, o manuseio de pastagens que exibe um solo abrasivo aumenta o desgaste da sola, juntamente com o piso das instalações que englobam elementos químicos como fezes e urina, que produzem umidade garantem o amolecimento dos cascos, além do déficit nutricional em dietas com carência de mineral e baixa ingestão de proteína afetando assim, a síntese de queratina para produção e manutenção dos cascos corroborando para o surgimento do distúrbio. Os sinais clínicos são a claudicação com lesões erosivas, granulomatosas, enegrecidas, fétidas e sensíveis na região do talão, preferencialmente nos membros posteriores. A afecção podal causa prejuízos econômicos como perda de peso, descarte involuntário de animais acometidos ou custo alto do tratamento, incluindo o descarte de leite (3). O diagnóstico clínico baseia-se na inspeção e palpação do casco afetado assim, a avaliação dos animais em repouso, postura ao se levantar e escore de movimentação. O tratamento com antimicrobiano injetável e antisséptico local é indicado para lesões agudas e recentes. O tratamento cirúrgico com remoção de tecido necrótico do talão é indicado nas lesões crônicas e tardias (4). Portanto, medidas preventivas como boas práticas de manejo, higiene e limpeza do ambiente, casqueamento preventivo, melhorias nas instalações com utilização do pedilúvio, bom manejo alimentar e cruzamento genético visando à correção dos aprumos, proporciona melhora na qualidade de vida dos animais e concebe um impacto positivo nos sistemas de produção.

Palavras-chave: Bem-estar. Claudicação. Podopatia.

Referências:



- 1 - SILVA, J. C. **Afecções podais em bovinos de leite**. 2019. p.20. Universidade de Rio Verde, Rio Verde – GO, 2019.
- 2 - GOMES, F. R. **Erosão do talão em bovinos leiteiros**. 200. p.10. Universidade Federal de Jataí, Jataí – GO, 2007.
- 3 - STANCK, A. T. **Principais afecções podais em bovinos leiteiros**. 202. p.30. Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba – SC, 2021.
- 4 - SOARES, A. K. A. L. et al. Impacto das doenças podais na criação de vacas leiteiras. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**. v. 13 n. 2 p. 304. 2019.



A INCIDÊNCIA DE NEOPLASIAS EM HAMSTERS

Geovana Cabrini Ponchio¹, Isabela Carvalho da Silva², Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Geovana Cabrini Ponchio - discente UNIFIMES
geovanacabriniponchio@unifimes.edu.br

² Isabela Carvalho da Silva – discente UNIFIMES

³ Vantuil Moreira de Freitas – docente UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Os hamsters (*Mesocricetus auratus*) fazem parte da ordem *Rodentia*, considerada a maior entre os mamíferos e estão classificados no subgrupo dos miomorfos (ratos do novo e velho mundo, hamsters, gerbos e ratazanas). Após adaptações genéticas desta espécie para ambientes domésticos, considerados pets não-convencionais, notou-se uma frequência maior na ocorrência de casos clínicos oncológicos em hamsters em comparação aos outros pequenos mamíferos (camundongos, rato e porquinho-da-índia). Isso seria devido ao fato de muitas neoplasias, nos trabalhos modernos, serem detectadas somente em seções microscópicas seriadas de diversos órgãos do hamster (1). Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever a incidência de neoplasia em hamsters, bem como informar tutores e médicos veterinários clínicos dessa realidade. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, relatos de casos e trabalhos científicos fundamentados em pesquisas nessa temática nos últimos vinte anos, a partir da procura em websites, como Google Acadêmico, PubVet e SciELO. Sabe-se que o conhecimento da incidência de tumores espontâneos nesses animais é importante para melhor compreensão de estudos carcinogênicos e têm uso na oncologia comparativa humana (2). Acredita-se que hamsters domésticos em geral tenham uma maior predisposição ao desenvolvimento de neoplasias tegumentares quando comparados com animais de biotério. As principais neoplasias são o carcinoma de células escamosas, fibrossarcoma, linfoma, adenoma de glândula mamária e da glândula sudorípara, hemangiossarcoma, leiomiossarcoma e tumor de células da granulosa. O linfossarcoma é a neoplasia maligna mais frequente em hamsters, podendo ser provocado pelo papilomavírus de Graffi (3). Concluiu-se que neoplasmas são identificados como importantes causas de morte ou razões para realização de biopsias em hamsters domésticos. As alternativas de tratamento oncológico são acupuntura, fitoterapia, nutracêuticos, massagens terapêuticas e terapia a laser, além da quimioterapia e radioterapia (4). Todavia, existem indagações a serem respondidas, tais como, quais são os fatores predisponentes envolvidos e por que tem aumentado a incidência de neoplasias nesses animais.

Palavras-chave: animais, oncologia, tratamento.

Referências:

1 - ABREU DA SILVA, Rute. **Neoplasias em novos animais de companhia**. 2019. Universidade de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária, 2019.



2 - WENTZ, Maria Fernanda. **Neoplasias em hamsters domésticos no Sul do Brasil: aspectos epidemiológicos e patológicos de 40 casos.** 2019. Faculdade de Veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

3 - COSTA, P.X, Stefani. **ESTUDO RETROSPECTIVO DE NEOPLASIAS DIAGNOSTICADAS EM ROEDORES NO LABORATÓRIO DE PATOLOGIA ANIMAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA DE 2008 A 2018.** Universidade Federal Rural da Amazônia. Instituto da Saúde e Produção Animal. Belém, PA. 2019.

4 - WERNER, Pedro Ribas. CHIQUITO, Márcio. PACHALY RICARDO, José. **ESTUDO RETROSPECTIVO DAS NEOPLASIAS DIAGNOSTICADAS EM ANIMAIS SELVAGENS OU EXÓTICOS PELO SERVIÇO DE PATOLOGIA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ ENTRE 1974 E 1996.** Arch. Vet. Scienc. 3(1):39-44, 1998. Universidade Paranaense – UNIPAR – Umuarama-PR. Curso de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Paraná. 1998.



INTOXICAÇÃO POR FEDEGOSO (*Senna Occidentalis*) EM BOVINOS

PALMEIRA, A.R.F.S¹, VASCONCELOS, B.S², BUENO, J.E.M³, FIGUEIREDO,
J.D.S⁴, FREITAS, M.C⁵, FREITAS, V.M⁶

¹Discente - Anna Ruth Palmeira Flaviano Silva – UNIFIMES (palmeiravet@gmail.com)

² Discente - Biana Santos Vasconcelos – UNIFIMES

³ Discente - Jhonny Ebert Matias Bueno – UNIFIMES

⁴ Discente - Jessica Figueiredo Dias Silva – UNIFIMES

⁵ Discente - Murillo Costa Freitas – UNIFIMES

⁶ Docente - Vantuil Moreira de Freitas – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

() Produção e Reprodução Animal;

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

() Medicina Veterinária Preventiva.

Os casos de intoxicação por plantas tóxicas em bovinos são muito comuns principalmente no sistema extensivo. No Brasil estima-se que o número de bovinos acometidos por intoxicação seja de mais de 1,8 milhões de cabeças, impactando diretamente na economia devido diminuição de produção, alta taxa de mortalidade além de gastos com profilaxia e controle das plantas tóxicas nas localidades (1). O objetivo deste trabalho foi discorrer sobre os efeitos nocivos que a planta *Senna Occidentalis* nos bovinos. A metodologia foi realizado por meio de revisões bibliográficas de artigos científicos on-line. A *Senna Occidentalis* ou Fedegoso como é popularmente conhecida, um arbusto anual da família Fabaceae, encontrada em pastagens, solos férteis, beiras de estradas ou em meio lavouras de milho, sorgo e soja. O Fedegoso possui flores amarelo-ouro e vagens curvas, cuja brotação se dá na primavera e a inflorescência no verão. (2) Dentre as espécies ruminantes, os bovinos criados a pasto têm maiores chances de intoxicação pela ingestão das sementes, vagens, folhas e/ou caules junto a pastagem, mesmo sendo de baixa palatabilidade, e acidentalmente, associada ao consumo de ração de grãos colhidos em lavouras muito infestadas pelo fedegoso. O princípio potencialmente tóxico é devido a presença de N-metilmorfolina (alcalóide) e oximetilantroquinonas (albumina) na planta. As intoxicações ocorrem mais na época de estiagem, período em que os pastos estão secos e por conta da fome devido a carência de pastagem, no entanto também pode ocorrer pela ingestão de cereais e feno contaminado com sementes ou outras partes da planta (3). A intoxicação pelo Fedegoso é descrita como a causa de miopatias e cardiomiopatias degenerativas, diagnosticadas a partir dados epidemiológicos, achados de necropsias e histopatológicos, como: urina de coloração marrom-escura, áreas branco-amareladas no musculo esquelético, edema muscular, estrias branco-amareladas entre as fibras miocárdicas, fibras musculares esqueléticas degeneradas, necrose hialina e flocular segmentar (4). As sementes do Fedegoso são a parte mais tóxica desta planta. Os bovinos que ingerem apresentam uma doença afebril com presença de diarreia num período de dois a quatro dias após a ingestão podendo ser acompanhada de dor abdominal e tenesmo, progredindo em até duas semanas para sintomas de fraqueza muscular, incoordenação dos membros posteriores, ausência de movimentos ruminais e mioglobinúria. Na fase final da



doença, o animal apresenta decúbito esternal e lateral seguida de óbito (5). O tratamento para a intoxicação por esta planta tóxica é feito de forma sintomática com a administração de soro glicosado e protetores hepáticos. A prevenção dessa intoxicação é manter os pastos e lavouras limpos, livres de ervas daninhas como a *Senna Occidentalis*.

Palavras-chave: cardiomiopatia. pastagem. intoxicação

Referências:

1. TOKARNIA C. H; DOBEREINER, J.D.; PEIXOTO, P.V. 2000. Plantas tóxicas do Brasil. Rio de Janeiro; helianthus,p.145-150 .
2. TAKEUTI, K.L; RAYMUNDO, D.L; BANDARRA, P.M; OLIVEIRA, L.G.S; BOABAID, M.F; BARRETO, L; DRIEMEIER, D. Surto de intoxicação por *Senna occidentalis* em bovinos em pastoreio. *Acta Scientiae Veterinariae*, 39, novembro, 2011. Disponível em: . Acesso em: 10 set. 2016.
3. PIERCE, K.R.; O'HARA, P.J. 1967. Toxic myopathy in Texas cattle. *Southwestern Veterinarian*, v. 20, p.179-183.
4. BARROS C.S.L.; ILHA, M.R.S.; BEZERRA JUNIOR, P.S.; LANGOHR, I.M.; KOMMERS, G.D. 1999. Intoxicação por *Senna occidentalis* (Leg. Caesalpinoideae) em bovinos em pastoreio. *Pesq. Vet. Bras.* 19 (2), 68-70.
5. HARAGUCHI, M.; GÓRNIAC, S. L; DAGLI, M. L. Z.; RASPANTINI, P. C. F. 1996. Determinação dos constituintes químicos das frações tóxicas de fedegoso, (*Senna occidentalis* (L.)). In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 19, Poços de Caldas, MF, Anais, PN-096.



JIBÓIA UMA PLANTA BELA, MAS PERIGOSA

Alexander Sassá Soares, Vantuil Moreira de Freitas

Discente – UNIFIMES (e-mail: alexander@unifimes.edu.br)
Docente - UNIFIMES

As plantas ornamentais são utilizadas para embelezar jardins, parques, bosques e enriquecer ambientes internos. Dentre essas, *Epipremnum sp.*, popularmente conhecida como Jibóia, é uma planta ornamental de origem asiática muito utilizada em ambientes internos no Brasil. Ela possui uma incomparável beleza verde, brilhante, com folhas vistosas, longa e rajadas e com ramificações exuberantes de fácil multiplicação, através de estacas do seu caule. O objetivo deste trabalho é descrever a intoxicação de animais pela planta, com destaque para o princípio tóxico, sinais clínicos, sintomas, o diagnóstico e o tratamento para animais domésticos intoxicados por *Epipremnum sp.* A metodologia foi uma revisão de literatura em busca de livros, artigos, periódicos e revistas digitais. Há uma incidência de intoxicação por *Epipremnum sp.*, em animais domésticos, ela possui em suas folhas e caule o princípio tóxico que são cristais de oxalato de cálcio insolúveis que podem causar sinais gastroentéricos. Na maioria dos casos há uma intoxicação por fatores de estresse, ansiedade, mudança de ambiente, curiosidade e idade do animal. É uma planta de baixa toxidez e não palatável. Os sintomas são conjuntivite severa, fotofobia, irritação ocular, dermatite por contato, irritação da boca e garganta, sialorréia, cólicas, vômitos e em casos de obstrução das vias respiratórias pode ocorrer até a morte do animal. O diagnóstico é baseado na história clínica da ingestão, sintomas clínicos. O tratamento é sintomático, a gravidade da intoxicação dependerá da quantidade ingerida e o animal em questão. Em casos de dermatite, recomenda-se dar banho com detergente neutro, em casos de lesão d córnea o indicado é lavar com soro fisiológico ou com solução salina em temperatura corpórea. Animais que ingerem a planta o tratamento é a descontaminação gastrointestinal com administração de catárticos, êmese, administração de adsorventes, diálise peritonial, diurese e lavagem gástrica. O prognóstico dos pacientes é considerável bom a reservado, com os animais vindo a se recuperar com tratamento suporte. Conclui-se que a planta jiboia é bela e muito comum, mas pode ser tóxica aos animais pet, e portanto, deve escolher entre cultivar a planta ou criar os animais dentro de casa. Acrescente-se a recomendação de evitar o contato dos animais com a planta.

Palavras-chave: Casa, Pets, toxidez.

Referências:

FURTADO, Francisca Mirlanda Vasconcelos et al.; Intoxicações causadas pela ingestão de espécies vegetais em ruminantes. **Ciência Animal**, Ceará: Universidade Federal do Ceará, 22(3):47-56, 2012.

AGUIAR, Ana Tayná Chaves; VEIGA JUNIOR, Valdir Florêncio; O jardim venenoso: a química por trás das intoxicações domésticas por plantas ornamentais. **Seção de química por trás das intoxicações domésticas por plantas ornamentais**, Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://static.sites.s bq.org.br/quimicanova.s bq.org.br/pdf/v44n8a16MS.pdf.htm>>
Acesso em 09 ago. 2022.



RIBOLDI, Emeline de Oliveira; Intoxicações em pequenos animais: uma revisão. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39019/000792167.pdf?sequence=1>> Acesso em: 09 ago. 2022.

AGUIAR, Ana Tayná Chaves; VEIGA JUNIOR, Valdir Florêncio; O jardim venenoso: a química por trás das intoxicações domésticas por plantas ornamentais. **Seção de química por trás das intoxicações domésticas por plantas ornamentais**, Rio de Janeiro. Vol.44, No. 8, 1093-1100, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/qn/a/tsXSskBpTng3vBBFZ7s3MtK/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 09 ago. 2022.

PiresA. C. K.; GarciaF. F.; MarzanoT. F.; SayeghD. R. Envenenamento acidental por *Epipremnum* sp. (jibóia) concomitante à coccidiose em cão – relato de caso. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, n. 2, p. 75-76, 11.



METRITE EM VACAS LEITEIRAS

Ivan Ricardo Matos Espíndola¹, Rafael Medeiros de Ávila Melo¹, Ana Clara de Oliveira Ramos¹, Amanda Figueredo Queiroz¹, Katiely Prado Barbosa² Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discentes – UEG (e-mail: ivanricardovet@gmail.com)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES / UEG

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):
(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

A metrite é reação inflamatória severa em todas as camadas uterinas com edema, infiltração de leucócitos e degeneração do miométrio. O presente resumo objetivou caracterizar os principais fatores que envolvem essa doença, destacando os malefícios causados pela mesma. A metrite clínica pode apresentar com corrimento uterino purulento sem sinais sistêmicos ou pode ser a metrite puerperal aguda, com corrimento fétido, associado com septicemia. A etiologia é multifatorial, ocorre através da interrupção na involução uterina, acompanhada de infecção do útero (1). A infecção puerperal do útero está relacionada com a falha nos mecanismos de imunidade uterina e elevada contaminação bacteriana no útero por consequência de trauma, distocia, retenção das membranas fetais e higiene deficiente. A metrite surge nos primeiros sete dias após o parto, sendo uma das afecções com maior incidência durante o puerpério dos bovinos de leite. Nos casos em que a metrite é acompanhada por sinais sistêmicos da doença, como hipertermia, a prevalência pode variar entre 18 e 21%. Os principais sinais clínicos incluem a presença de secreção uterina fétida, febre, anorexia, apatia e prostração (2). Além disso, o útero pode estar flácido, distendido, friável, com elevada quantidade de exsudato fétido no seu interior e com as paredes uterinas pouco espessadas. Existem alguns métodos para se diagnosticar essa doença, como a utilização do vaginoscópio, que permite a avaliação do conteúdo mucoso do interior da vagina. Ele também permite avaliar se existe lesão cervical. Outra técnica de diagnóstico é a técnica da mão enluvada, que se baseia na introdução da mão na vagina utilizando luva de palpação e posterior recolhimento do conteúdo. Existe ainda o Metricheck, um coletor do material vaginal. O tratamento envolve antibioticoterapia associado com anti-inflamatório. Os medicamentos de escolha incluem cefalosporina (2mg/kg) ou penicilina procaína (20.000 UI/kg) por 5 dias (3). A prevenção dessa doença consiste na implementação de várias estratégias de manejo, como: evitar a superlotação de animais; evitar mudanças com vacas prenhes; criação de um ambiente no parto com boas condições; disponibilizar maternidades suficientes, além da implementação de programas de monitoramento do peri parto (4).

Palavras-chave: Corrimento vaginal. Involução uterina. Puerpério.

Referências:



- 1 - GIULIODORI, Mauricio Javier et al. **Metritis in dairy cows**: Risk factors and reproductive performance. Journal of dairy science: Argentina, 2013.
- 2 - MARTINS, T. M. et al. **Aspectos reprodutivos e produtivos de vacas da raça Holandesa com puerpério normal ou patológico**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia: Belo Horizonte, 2013.
- 3 - SMITH, Billy I. et al. **Comparison of various antibiotic treatments for cows diagnosed with toxic puerperal metritis**. Journal of Dairy Science: Gainesville, 1998.
- 4 - URTON, G. M. A. G.; VON KEYSERLINGK, M. A. G.; WEARY, D. M. **Feeding behavior identifies dairy cows at risk for metritis**. Journal of dairy science: Vancouver, 2005.



MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA POR *Sarcocystis Neurona*

Anna Ruth Palmeira Flaviano Silva¹, Moacir Antoniassi Trivelato Junior², Gaspar de Oliveira Campos Neto³, Biana Santos Vasconcelos⁴, Rodrigo Martins Ribeiro⁵

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

A Mieloencefalite Protozoária Equina (EPM) ou “Bambeira”, é uma doença neurológica causada pelo parasita *Sarcocystis Neurona*, cujo hospedeiro definitivo é o gambá (*Didelphis virginiana* e *Didelphis albiventris*), e acomete equinos em geral sem predileção de raças, apesar dos relatos de casos serem em maior número em animais das raças Quarto de Milha e Puro Sangue Inglês (1). O objetivo deste trabalho foi discorrer sobre a EPM. A metodologia utilizada para realizar o presente trabalho foi revisões bibliográficas de artigos científicos on-line. A transmissão da EPM se dá quando cavalos ingerem acidentalmente alimentos contaminados pelas fezes dos gambás. A EPM apresenta sintomatologia comum de outras doenças como a claudicação, podendo ser silenciosa, de forma que a torne facilmente confundida com outras patologias que causam distúrbios neurológicos, como a mielopatia estenótica cervical, trauma, mieloencefalite com vasculite pelo Herpesvírus equino tipo I, má formações vasculares, abscessos cerebrais, dentre outras (2). A sintomatologia varia de acordo com a capacidade do parasita de infectar as partes branca e cinzenta do SNC, podendo manifestar-se de forma crônica ou aguda com sinais focais e multifocais envolvendo o cérebro, tronco encefálico ou medula espinhal (3). Quando o animal acometido tem progressão do estado clínico, pode apresentar: marcha assimétrica, atrofia muscular focal, ataxia e perda de coordenação dos quatro membros que se dá devido à ação direta do parasita *Sarcocystis Neurona* no tecido nervoso e/ou em resposta inflamatória que podem levar a paralisia dos nervos cranianos, causando atrofia do masseter, músculos temporais e da língua, além de paralisias faciais e inclinação de cabeça e ocasionalmente sudorese regional (dermatomérica). Em estágios mais avançados e não tratados, a doença pode causar decúbito e morte (4). O diagnóstico da Mieloencefalite Protozoária Equina é feita com base no histórico do animal, sinais clínicos, localização anatômica da lesão, resposta a terapias, métodos de imunodiagnósticos como o Western Blot que detecta anticorpos específicos no soro e no liquor cefalorraquidiano e evolução do caso. O tratamento para os animais acometidos pela doença é feito com fármacos antiprotozoários que atuam inibindo a síntese de ácido fólico. A terapêutica mais utilizada é a administração de diclazuril ou toltrazuril, pertencentes do grupo benzeno acetonitrila, por um período de 28 dias por via oral. Como medida adicional para a recuperação do animal, utiliza-se flunixin meglumine, intramuscular, ou DMSO diluído em solução a 10% por via endovenosa. A prevenção para a Manqueira é evitanto quadros de estresse aos animais que pode contribuir para o agravamento da doença e evitar a exposição às fezes e urina de gambás, evitar a alimentação diretamente no solo, impedir entrada de animais silvestres nos piquetes e baias em que os equinos estejam soltos ou fechados. De modo geral, a EPM é considerada uma doença neurológica grave, cuja nem todos os indivíduos parasitados apresentarão quadro



clínico. O prognóstico depende da resposta ao tratamento, a exposição de quadros de estresse e imunossupressão e ao agravamento sintomatologia nervosa que pode causar danos permanentes mesmo após a recuperação e eliminação do parasita do organismo (5).

Palavras-chave: *sarcocystis neurona*. bambeira. equinos.

Referências:

1. VÁZQUEZ-RANGEL F.J., 2006. Síndrome de incoordinación motora en caballos (Wobbler). Rev. Sanid. Milit. Mex. v 60 n 4 p. 278-282.
2. Dubey JP, Lindsay DS, Saville WJA, Reed SM, Granstrom DE, Speer CA. A review of *Sarcocystis neurona* and equine protozoal myeloencephalitis (EPM). Vet Parasitol. 2001; 95: 89 -131.
3. Fayer R, Mayhew IG, Baird JD, Dill SG, Foreman JH, Fox JC, et al. Epidemiology of equine protozoal myeloencephalitis in North America based on histologically confirmed cases. J Vet Intern Med. 1990; 4: 54–7.
4. Mackay RJ, Granstrom DE, Saville WJA, Reed SM. Equine Protozoal Myeloencephalitis. Vet Clin North Am Equine Pract. 2000; 16: 405-25.
5. Reed, S. M., Furr, M., Howe, D. K., Johnson, A. L., MacKay, R. J., Morrow, J. K., Witonsky, S. (2016). Equine protozoal myeloencephalitis: an updated consensus statement with a focus on parasite biology, diagnosis, treatment, and prevention. Journal of Veterinary Internal Medicine, 30(2), 491- 502.



OSTEOARTRITE EQUINA

Anaclara Assis Silva¹, Ângelo Gabriel Oliveira de Souza ¹, Amanda de Freitas Miranda¹, Ana Maria Guimarães Carvalho¹ Isabela Soares Rodrigues¹, Vantuil Moreira de Freitas ².

¹ Discentes-Universidade Estadual Goiás (E-mail: angelogabriel504@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES / UEG

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

A Osteoartrite é uma patologia das articulações sinoviais que inclui a destruição da cartilagem articular. Esta afecção apresenta uma esclerose do osso subcondral e formação de osteófitos marginais. O stress mecânico repetitivo levado por trabalho de duas pistas, transição entre piso duro e piso mole, paragens repentinas é responsável por uma elevada incidência de osteoartrite. Outros fatores como idade, peso, sexo, raça e traumas na articulação também ocasionam osteoartrite em equinos. O objetivo deste trabalho foi discutir a etiopatogenia, diagnóstico e tratamento da osteoartrite. A metodologia foi realizada uma revisão de literatura em livros e artigos científicos. Os sinais clínicos podem ser uma leve claudicação progressiva que pode ser unilateral ou bilateral. Contudo, em alguns casos, os animais chegam a ter claudicação de grau moderado a severo. O diagnóstico é feito nos seguintes passos, identificação e anamnese do paciente, exame físico dos membros torácicos buscando identificar o membro afetado, inspeção em repouso e em movimento do animal, palpação e manipulação das articulações. Outra técnica que ajuda no diagnóstico de claudicação são as anestésias loco-regionais, onde é aplicado anestésicos locais como mepivacaina ou lidocaína que provocam o bloqueio dos canais de cálcio resultando na inibição da condução nervosa suspendendo a dor e claudicação do membro afetado, permitindo que seja descoberta a estrutura afetada. Exames complementares de imagens como raio X, ecografia, artroscopia, ressonância magnética, tomografia computadorizada e cintigrafia nuclear auxiliarão o médico veterinário (1). O objetivo do tratamento é baseado na redução da dor e atraso no processo degenerativo (3). A utilização de anti-inflamatórios não-esteroides é recorrente no tratamento da osteoartrite devido aos seus efeitos analgésicos, anti-inflamatórios e antipiréticos, a fenilbutazona e a flunixin meglumina, são mais usadas. Já os anti-inflamatórios esteroides são os fármacos mais usados por via intra-articular, os glucocorticoides são os anti-inflamatórios mais potentes no tratamento da doença articular. É aconselhável que o animal descanse no mínimo 24 horas após uma injeção e retorne gradualmente ao trabalho. Esse tempo permite uma melhor penetração do fármaco nos tecidos intra-articulares (5). O ácido hialurônico é um glicosaminoglicano administrado via intra-articular que serve como principal lubrificante dos tecidos moles sinoviais e promove homeostasia articular. Sua eficácia é mais satisfatória no tratamento de lesões articulares agudas do que crônicas (4). As técnicas de casqueamento e ferrageamento corretivas são consideradas importantes para o desempenho e integridade do equino atleta ajudando a resolver anormalidades relacionadas ao apoio e movimento, seu objetivo é restaurar o equilíbrio dorso-palmar, equilíbrio médio-lateral, a forma e integridade do casco (3).



Palavras-chave: articulação. claudicação. sinovial

Referências:

1 – ROCHA, F. J. M. **Osteoartrites em equinos**. Orientador: José Prazeres. 2008. 76 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6220/1/FranciscoRochaJul08.pdf>.

Acesso em: 3 ago. de 2022.

2 - JÚNIOR, J. W. M. **Ocorrências de osteoartrite társica em equinos atendidos no hospital veterinário/ufcg/ Patos - PB, no período de 2004 -2013**. Orientadora: Sônia Maria de Lima, 2015. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Campus Patos, Universidade Federal Campina Grande, Patos, 2015. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/24024/JOS%c3%89%20WILSON%20MENDES%20J%c3%9aNIIOR%20%20-%20TCC%20MEDVETERIN%c3%81RIA>

Acesso em: 3 ago. 2022.

3 - MARINHO, R. M. P. **Aspectos clínico-imagiológicos da osteoartrite interfalangiana distal em um equino: relato de caso**. Orientadora: Débora Marques Monteiro Navarro de Oliveira. 2018. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Campus II, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12547/1/RMPM11122018.pdf>.

Acesso em: 3 ago. 2022.

4 - OLIVEIRA, A. R. P. S. **IRAP no Tratamento da Osteoartrite Equina**. Orientador: Tiago de Melo Silva Ramos Pereira. 2015. 35 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Medicina Veterinária, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78504/2/34571.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2022.

5 - CABETE, A. C. S. **Osteoartrite Equina: Revisão Bibliográfica E Terapias Atuais**. Orientador: Tiago de Melo Silva Ramos Pereira. 2018. 36 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Medicina Veterinária, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/111734/2/262842.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2022.



OSTEODISTROFIA FIBROSA EM EQUINOS

Amanda de Freitas Miranda¹, Hérica Daniely Alves Machado¹, Maria Clara Oliveira Costa¹, Rhuana Queiroga Ferreira da Silva¹, Lucas Danilo de Souza², ¹ Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discentes – UEG (e-mail: amandadefreitasmiranda@hotmail.com)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES / UEG

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):
(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

A osteodistrofia fibrosa (OF) em equinos também é conhecida como hiperparatireoidismo nutricional secundário ou cara inchada é uma afecção do metabolismo de cálcio que afeta o sistema locomotor dos equídeos. O objetivo deste trabalho é descrever a etiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico, tratamento e prevenção da osteodistrofia equina. A metodologia utilizada foi revisão de literatura por meio de leitura do tema em artigos científicos. A etiologia é uma hipocalcemia primária devido a carência de cálcio na dieta ou pela presença de oxalato que inibe a absorção de cálcio pelo trato gastrointestinal ou secundária decorrente de carência de vitamina D. Os sinais clínicos são a claudicação, aumento do volume dos ossos faciais devido a diminuição da densidade da matriz mineral óssea, osteopenia (pouca formação dos ossos), que promove uma deficiência de cálcio no organismo, por causa da intensa reabsorção óssea e substituição por tecido de fibrose por ação do hormônio paratormônio desencadeando fragilidade e predisposição fratura óssea (1). A enfermidade tem maior incidência em equinos jovens em fase de crescimento e animais estabulados, devido à falta de irradiação da luz UV na pele. Os animais tendem a apresentar emagrecimento, afrouxamento dos dentes o que leva a uma mastigação anormal. Acrescente-se a tumefação nos ossos, que pode levar ao amolecimento, tornando-os esponjosos e deformados, acarretando dificuldade na deglutição; há acometimento dos ossos faciais e maxilares e também pode ser encontrada nos membros pélvicos ou torácicos, afetando a locomoção e atrofiando os músculos. O diagnóstico clínico é baseado na história clínica e sinais clínicos. Os exames laboratoriais complementares podem ser a dosagem sérica de cálcio e também o diagnóstico radiográfico. O tratamento específico visa a reposição de cálcio via medicamento ou por meio de uma dieta rica em cálcio. Deve-se estabelecer o equilíbrio cálcio e fósforo, interrompendo o fornecimento dos alimentos ricos em fósforo (farelo de milho ou grãos) e estimulando a ingestão de pastagem de boa qualidade rica em cálcio, conjuntamente administrar na veia solução de cálcio, ou ingestão de 50g de carbonado de cálcio misturado ao sal mineral. A prevenção exige evitar o pastejo de gramíneas ricas em oxalato, além de suplementação de cálcio na dieta.

Palavras-chave: Claudicação. Cara inchada. Hipocalcemia. Paratormônio

Referências:

1 - FURIAN, Mariana, et. al.; OSTEODISTROFIA FIBROSA EM EQUINOS DECORRENTE DA DEFICIENCIA NUTRICIONAL DE CALCIO E FOSFORO –



RELATO DE CASO. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Ano VI, Número 10, janeiro de 2008. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/oCb5JTIGRHRk1XQ.pdf. Acesso em 01 de julho de 2022.

2 - THOMASSIAN, Armen.; *Enfermidades do Cavalo*, 4 ed., Botucatu – SP: Varela, 573p, 2005.



OSTEOMALÁCIA BOVINA

Giordanna Rodrigues de Paiva¹, Sabrina de Oliveira Gontijo², Diego Ferreira Moraes Costa² Mirele Oliveira Freitas² Vantuil Moreira de Freitas³.

¹ Discente – UEG (giordannavet@gmail.com)

² Discente – UEG

³ Docente – UEG

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal.

Os minerais cálcio, fósforo e magnésio são macro minerais essenciais para a formação óssea e dentária, participando também de atividades enzimáticas, sendo importantes por conferir a rigidez e sustentação ao esqueleto e da homeostasia do organismo animal. A baixa concentração desses minerais na alimentação de bovinos, podem ocasionar em raquitismo em animais jovens e osteomalácia em adultos. O objetivo deste trabalho é discorrer sobre a osteomalácia em bovinos de corte, com foco na etiopatogenia, sinais clínicos e tratamento da doença e sua relação com a produção animal. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura como metodologia para análise crítica e descritiva sobre o tema abordado, tais informações foram obtidas através da interpretação de artigos. A osteomalácia é caracterizada pela falha da mineralização da matriz óssea cortical, sendo substituído por tecido osteóide pouco mineralizado, essa anormalidade causa sérios prejuízos econômicos devido à queda de produtividade dos animais afetados (1). A carência de fósforo está associada a dietas de baixo teor nutricional, principalmente em bovinos de corte criados sob regime extensivo, onde a alimentação consiste exclusivamente de forragens, não atendendo as exigências nutricionais desses animais, devido a deficiência desse mineral no solo não tratado e conseqüentemente nas pastagens, com maior ocorrência no período da seca, em virtude do menor teor de fósforo encontrado na matéria seca durante essa época do ano (2). As manifestações clínicas da osteomalácia são observadas em grande maioria somente na sua fase avançada por se tratar de uma doença osteo-metabólica, uma vez que os sinais se apresentam de forma subjetiva na fase inicial, em bovinos tais sinais são descritos como; pêlos sem brilhos e eriçados, claudicação, perda de peso, relutância ao esforço físico, ossos frágeis e sensíveis a palpação. Fraturas recorrentes, ruptura de ligamentos, anormalidades ósseas, apoio nas articulações carpianas e osteofagia, são considerados sinais característicos da deficiência de minerais no organismo animal. O tratamento consiste na reposição de P e de outros macrominerais que se encontram em déficit, através da ingestão de alimentos ricos nesses minerais, sendo recomendado a exposição ao sol devido a função da vitamina D, que auxilia na absorção de fósforo e cálcio (3). Logo, fica nítido a importância da execução de medidas preventivas, sendo necessária a correção dos nutrientes do solo, que é realizada através da adubação fosfatada, bem como a implementação de um manejo adequado para forragens, e o fornecimento de uma dieta equilibrada e balanceada aos animais, a fim de suprir suas exigências nutricionais, assim garantindo o desempenho esperado dentro da bovinocultura de corte.

Palavras-chave: Desempenho. Nutrição. Macrominerais.



Referências:

- (1) FARIAS, C. S. **Abordagem do diagnóstico de deficiência de fósforo**. Seminário apresentado na disciplina Bioquímica do Tecido Animal, Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. 6 p.
- (2) DAYRELL, M. de S.; DÖBEREINER, J.; TOKARNIA, C. H. **Deficiência de fósforo em bovinos na região de Brasília**. Pesq. Agropec. Bras., Sér. Vet, 1973, 8: 105-114.
- (3) SANTOS, N. **Osteomalácia em bubalinos na Zona da Mata de Pernambuco-Brasil**. Medicina Veterinária (UFRPE), [S. l.], v. 1, n. 2, p. 69–72, 2011.



OZONIOTERAPIA NO TRATAMENTO ADJUVANTE DA PARVOVIROSE CANINA

Vanessa Silva Carrijo¹, Marina Oliveira Carrijo Brandão¹, Giovana Corrêa Resende¹,
Ísis Assis Braga²

¹ Discentes do Curso de Medicina Veterinária - UNIFIMES (e-mail: vanessa.scarrijo@hotmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

A parvovirose canina é sem dúvidas uma enfermidade de suma importância e mortalidade considerável tratando-se de cães jovens (1). A doença viral é causada pelo Parvovirus Canino tipo 2 (CPV-2) e tem alto potencial de disseminação, caracterizada sobretudo por causar episódios de hematoquezia, vômito e desidratação. O tratamento é suporte, fundamentado na reposição de fluidos, eletrólitos e controle de vômitos, por meio de fluidoterapia, além de outros fármacos funcionais como: antiemético; antibióticos; probióticos; analgésicos (1) e recentemente, a utilização de ozônio (O³) medicinal como terapia complementar tem sido discutida (2). Assim sendo, o objetivo dessa pesquisa é verificar evidências do uso da ozonioterapia no tratamento adjuvante de cães infectados pelo parvovírus, por meio de pesquisas bibliográficas, utilizando os termos de busca: *Ozone therapy*; *Parvovirus*; *CPV-2*; *Enteritis*, direcionadas pelas plataformas virtuais Pubmed, SciELO e Google acadêmico. Nessa terapia utiliza-se ozônio, gás instável e incolor, como potencializador no que tange a cicatrização de lesões, além de possuir propriedades viricida, bactericida, anti-inflamatória e analgésica, e neste contexto, destacamos a ação positiva da terapia, visto que o CPV-2 lisa os enterócitos gerando um quadro de intensa inflamação, podendo ocorrer aumento da permeabilidade intestinal e translocação bacteriana, gerando sepse. Em 2019, Traldi avaliou o uso da ozonioterapia em cães não vacinados e diagnosticados com parvovirose canina, nos quais 18 cães receberam o tratamento convencional associado à aplicação do gás ozônio pela via intra retal, nos dias 0, 2 e 4, no volume de 3 – 5 ml/Kg e concentração de 15 mcg/ml, enquanto que o grupo controle recebeu somente o tratamento convencional. Na ocasião foi notado que o uso da terapia complementar reduziu em 60,3% a chance de óbito dos animais, não havendo diferença significativa em relação aos resultados clínicos e laboratoriais, porém o autor afirma que a técnica feita de forma correta auxilia na circulação sanguínea acelerando a resposta do organismo celular e na imunoestimulação, sendo assim os animais recuperam com maior rapidez reduzindo a mortalidade (3). Em outra pesquisa foi utilizada ozonioterapia como alternativa terapêutica em cão com enterocolite não infecciosa, na qual foi descrita como eficiente e promissora, visto a eliminação do quadro clínico decorrente da inflamação intestinal (4). Por outro lado, há a preocupação com os efeitos adversos do uso da técnica, em que alguns estudos demonstram a contraindicação em pacientes gestantes, com deficiência de glicose-6-fosfato-dihidrogenase, hipertireoidismo, anemia severa, miastenia severa e hemorragia ativa (5). A escassez de publicações científicas sobre o uso da terapia na enfermidade em questão foi



observada, entretanto mediante o exposto, apesar de ser um tratamento ainda pouco utilizado, vem se mostrando eficiente quando associado a terapia convencional e contribuindo para as taxas de sobrevivência de animais enfermos. Contudo, é essencial demais pesquisas sobre a prática afim de estabelecer posologias e vias de administrações adequadas com intuito de certificar o tratamento integrativo.

Palavras-chave: Cão. Ozônio. Parvovirus. Tratamento integrativo.

Referências:

1. RODRIGUES, Bruna; MOLINARI, Bruna Letícia Domingues. Diagnóstico e tratamento de parvovirose canina: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, Paraná, vol. 21, n. 2, p.127-134, dez./fev. 2017-2018.
2. DE BRITO, Bianca; ROIER, Erica Cristina Rocha; LEMOS, Francesca de Oliveira; FILHO, Mario dos Santos. Aplicação da ozonioterapia na clínica de pequenos animais: vias de administração, indicações e efeitos adversos: revisão. **Pubvet**, Rio de Janeiro, v.15, n. 7, p.1-87, jul. 2021.
3. TRALDI, Rafael Franchi. **Uso da ozonioterapia como terapia complementar em cães diagnosticados com parvovirose**. 2019. 40f. Dissertação (Pós-graduação em Biotecnologia Animal) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu.
4. UNTERKIRCHER, Erick; PORTO, Ana Carolina Rusca Correa; FOGAÇA, Regiane Rosa. Aplicação da ozonioterapia como alternativa terapeutica em enterocolite linfoplasmocitária: relato de caso. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 3, p.10471-10480, maio/jun. 2022.
5. PENIDO, Bruno Rocha; LIMA, Camila de Aguiar; FERREIRA, Luiz Fernando Lucas. Aplicações da ozonioterapia na clínica veterinária. **Pubvet**, Londrina, v.4, n. 40, Ed. 145, Art. 978. 2010.



RABDOMIÓLISE EM EQUINOS

Amanda de Freitas Miranda¹, Ana Maria Guimarães Carvalho¹ Alexandre
Lucas Perreira do Carmo¹, Vitor Hugo da Silva Parreira¹ Marcos Aurélio
Brandão Vilela² Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discentes - UEG (e-mail: amandadefreitasmiranda@hotmail.com)

² Discente-UNIFIMES

³ Docente- UNIFIMES / UEG

Eixo enquadramento trabalho (assinale "X" apenas um eixo):

(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal

As miopatias ou enfermidades dos músculos comprometem a utilização dos equinos para o trabalho e para competições por queda no desempenho, perda de habilidades motoras causadas principalmente pela dor, degradação muscular, fraqueza, emaciação e outras reações secundárias. Dentre essas doenças, destaca-se a rabdomiólise. O objetivo desse trabalho é descrever a etiologia, diagnóstico, sinais clínicos e tratamento dessa enfermidade e a metodologia utilizada foi a revisão de literatura em artigos. Popularmente conhecida como "Mal da segunda feira", a doença se manifesta através de sinais clínicos como exaustão constante, relutância e dificuldade ao se movimentar, tremores, disfunção muscular, decúbito em alguns casos, sensibilidade muscular ao toque, sinais de dor muscular e em casos avançados, como principal sinal da doença, tem-se alteração da cor da urina para avermelhada ou tom de marrom, devido ao excesso de mioglobina. Na maioria dos casos, o quadro de rabdomiólise é identificado em equinos que vêm de um período longo de repouso ou descanso, em equinos que se alimentam apenas de pastagem ou que tenham dieta rica em carboidratos e que, somados a esses fatores, são submetidos a algum episódio repentino de exercício físico intenso. Nesses episódios, o metabolismo tende a usar a energia produzida de forma anaeróbica pela conversão de glicogênio ou glicose em ácido láctico, por ser uma fonte de energia rápida nesses casos de intenso estímulo com curta duração. Porém, quando a velocidade dessa glicólise é aumentada, há também um aumento na geração de piruvato e, quando a demanda energética excede ainda mais a oferta causada pela glicólise, tem-se a conversão em lactato que, conseqüentemente, tem sua concentração aumentada no organismo e acaba causando uma acidose que, em alguns casos, chega a acarretar uma conseqüente e aguda laminite. Todo esse processo causa efeitos de uma lesão muscular, que por sua vez faz com que o músculo aumente também a concentração plasmática de mioglobina no corpo; essa mioglobina, que se trata de uma proteína de peso molecular relativamente baixo, é metabolizada por via hepática e excretada por via renal e em excesso, acaba corando a urina deixando-a mais escura que o normal. O principal problema é que essa mioglobinúria resultante da liberação excessiva da mioglobina, pelo músculo, no plasma, é nefrotóxica e acaba desencadeando nefrose, podendo avançar para uma insuficiência renal capaz de levar o equino à morte. O diagnóstico se baseia no histórico do animal, somado à anamnese, exame clínico e parâmetros como a concentração de creatina quinase e aspartato aminotransferase, indicadores



de lesão muscular. O tratamento recomendado é a hidratação intensa acompanhada de analgesia no controle da mialgia.

Palavras-chave: Equídeo. Mioglobinúria. Miopatia.

Referências:

1 - ARRIVABENE, M. et al. **Mioglobinúria paralítica e insuficiência renal aguda (IRA) em equino: Relato de Caso.** Ci. Vet. Tróp., p. 86-86, 2014.

2 - BÄR, M. M.; DAL MAS, F. E.; MACHADO SILVA, M. **RABDOMIÓISE POR ESFORÇO EM EQUINOS – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.** Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública, v. 4, p. 175, 23 out. 2017.

3 - DA SILVA, Matheus Szpoganicz. **Síndrome da Rabdomiólise por esforço em equino da raça Quarto de Milha - Relato de caso.** 2021. Trabalho de Conclusão de CURSO (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Santa Catarina, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223600?show=full>. Acesso em: 3 ago. 2022.



TRATAMENTO ALTERNATIVO DE DESLOCAMENTO DE ABOMASO À ESQUERDA EM FÊMEA BOVINA DE ALTA PRODUÇÃO LEITEIRA: RELATO DE CASO

Eduardo Pereira Fonseca¹, Wesley Paulo Alves de lima², Dennis Silva Almeida²,
Luiz Cássio Silva Moraes³, Bruno Moares Assis⁴, Valcinir Aloísio Scala Vulcani⁵

¹ Acadêmico de Medicina Veterinária – UniBrasília – São Luís de Montes Belos (e-mail: eduardopfonseca18@gmail.com)

² Acadêmico de Medicina Veterinária – Centro Universitário Uma – Jataí

³ Médico Veterinário – graduação pela Universidade Federal de Jataí – Gestor da Fazenda Santa Maria

⁴ Professor Doutor em Ciência Animal – Educador – Centro Universitário Uma – Jataí

⁵ Professor Doutor em Ciência Animal – Educador – Universidade Federal de Jataí

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

O deslocamento de abomaso caracteriza-se pela atonia e distensão do abomaso proveniente de acúmulo de gás. Esse, migra da sua posição anatômica original e se posiciona entre o rúmen e a parede abdominal esquerda, ocorrendo o deslocamento de abomaso à esquerda (DAE). Outra possibilidade, o abomaso se desloca completamente para o paquímero direito da cavidade abdominal, desencadeado o deslocamento de abomaso à direita (DAD). O objetivo desse relato é apresentar um caso clínico de deslocamento de abomaso a esquerda (DAE), sua abordagem, tratamento e prognóstico. Foi atendido uma vaca de alta performance com deslocamento de abomaso a esquerda (DAE) de seis anos de idade, 500 kg, da raça holandesa, criada em sistema intensivo (Free Stall) na Fazenda Santa Maria no município de Jataí – Go. Foi relatado pelos colaboradores da propriedade, que o animal apresentou apatia, salivação, perda de peso e queda gradativa na produção de leite. O médico veterinário realizou o exame clínico completo do animal e verificou no lado esquerdo do animal, na porção superior da parede abdominal esquerda entre o nono e o décimo segundo espaço intercostal, o som timpânico indicativo de síndrome DAE. Optou-se pela intervenção cirúrgica via flanco esquerdo em que efetuou o reposicionamento do abomaso em sua localização original, sem realizar a fixação do mesmo, diferindo das técnicas convencionais. Realizou-se ampla tricotomia na região do flanco esquerdo, anestesia local se deu pela técnica de bloqueio em L invertido com lidocaína 2%, em seguida, antissepsia com iodo degermante. Após a abertura da parede abdominal esquerda, localizou-se o abomaso que estava distendido e repleto de gás. Com o auxílio de uma agulha 40x12 inserida na extremidade de um equipo, realizou-se o seu esvaziamento. Após o reposicionamento, foi realizada a rafia do peritônio e dos músculos transverso, oblíquo abdominal interno e oblíquo abdominal externo com categute simples nº 3, redução de espaço morto com nylon nº1 e dermorrafia com fio de algodão Urso 000 previamente autoclavado. Após a conclusão da cirurgia foi administrado via oral 30 litros de drench por 3 dias com o intuito de expandir o rúmen e manter o abomaso em



sua posição topográfica correta, ceftiofur 2 mg/kg via IM por 3 dias, meloxicam 0,6 mg/kg via IM por 3 dias e dipirona 25 mg/kg via IM por 5 dias. Quanto a ferida cirúrgica, foi realizado higienização diária e aplicação tópica do spray auxiliar da cicatrização Repiderma®. Não houve complicações e nem recidiva da síndrome, os pontos externos foram retirados com 15 dias, apresentando perfeita cicatrização. O desempenho bem como a produtividade leiteira retornaram de forma gradativa uma semana após a intervenção, chegando aos índices estimados de aproximadamente 40 litros/dia. O animal se recuperou totalmente após o tratamento cirúrgico. A técnica alternativa de reposicionamento do abomaso sem realizar a fixação por sutura, e sim utilizando drench com o intuito de expandir o rúmen e manter o abomaso em sua posição anatômica, demonstrou ser eficaz no tratamento da síndrome DAE.

Palavras-chave: produção leiteira, deslocamento de abomaso, técnica cirúrgica.

Referências:

COLTURATO, Luís Augusto Gongoleski; THOMAZ, Carlos Eduardo; DA SILVA, Camila Bizarro. Deslocamento de abomaso em bovinos leiteiros. Pubvet, v. 15, p. 162, 2020.

FREITAS, Ana Paula Barbosa. Deslocamento de abomaso em bovinos: relato de caso. 2019. 25f. Monografia (graduação em medicina veterinária). Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama, Distrito Federal, 2019.

HENDRICKSON, D. A. Técnicas cirúrgicas em grandes animais. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

ORTIZ, Ana Rita Nascimento et al. Deslocamento de abomaso à esquerda em vaca holandesa: relato de caso. XXIII seminário interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão, 2018.



CISTO PROSTÁTICO, NECROSE TUBULAR AGUDA E HEMAGIOSSARCOMA EM CÃO IDOSO: ACHADOS DE NECROPSIA – RELATO DE CASO

Yasodaja Assis Silva¹, Karenluci de Jesus Costa¹, Ana Carolina Carvalho de Assis¹, Ana Júlia Zaiden Casadio¹, Gisele da Fonseca Ventura², Bruno Moraes Assis³

¹ Graduandas de Medicina Veterinária na Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil (e-mail: yasodajaassis@gmail.com)

² Mestranda em Biociência Animal na Universidade Federal de Jataí, Jataí-GO/Brasil

³ Professor adjunto na Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

A insuficiência renal é uma enfermidade que acomete cães numa frequência que varia de 0,5 a 7%, e gatos variando de 1,6 a 20%.¹ Em gatos senis, acima de 15 anos de idade, a frequência de doença renal pode chegar a 60%.¹ A Insuficiência Renal Aguda (IRA), caracteriza-se por azotemia e perda súbita da função dos rins. Em contrapartida na Insuficiência Renal Crônica (IRC), ocorre perda progressiva dos néfrons, perda da função renal, azotemia, atrofia renal uni ou bi lateral, poliúria, polidipsia, incapacidade dos rins de executarem sua função excretória e anemia². O presente relato tem por objetivo descrever um caso clínico de cisto prostático, injúria renal crônica com urolitíase e hemangiossarcoma no baço. Foi atendido em uma clínica particular no município de Jataí-GO, um cão idoso, SRD, não castrado, com aproximadamente 8 anos de idade, porte médio, apresentando insuficiência respiratória grave, falta de apetite, disúria e polaciúria. Após a morte do animal, o seu cadáver foi doado à Faculdade Una de Jataí, para que fosse feita a necrópsia. O histórico de exames complementares não foi fornecido pela clínica. No exame de necrópsia, o animal apresentou as seguintes alterações: As vísceras em geral estavam hipocoradas, os rins possuíam consistência firme, superfície irregular, pontos necróticos enegrecidos na região cortical, evidenciando extensa área de necrose tubular aguda. Na região da medula evidenciou-se incontáveis urólitos e microcálculos renais. A camada serosa da bexiga apresentava-se hipocorada com a presença de placas lardáceas, indicando possível quadro anêmico, porém não apresentava espessamento, conservando a arquitetura normal. Na próstata havia um cisto de aproximadamente seis cm de diâmetro. Na região de inserção do baço havia um tecido neoplásico sugestivo de hemangiossarcoma, de aproximadamente quatro cm de diâmetro e três de altura, de coloração arroxeada, irregular e friável. O fígado apresentava-se com aspecto friável, bordas abauladas, petéquias, pontos esbranquiçados e hepatomegalia. Dentre as demais alterações destaca-se o pulmão de aparência congesta e regiões isquêmicas, além de presença de edema. O cisto prostático pode ter ocorrido devido a desequilíbrios hormonais, idade do animal e o fato de o mesmo não ser castrado.³ De acordo com os achados de necrópsia, os sintomas apresentados pelo animal ainda em vida, foram justificados. Diante da multiplicidade das lesões, acredita que a causa



morte tenha sido pela infecção pulmonar, que se agravou pela idade do animal, e pelo mesmo estar debilitado devido a IRA e suas graves sequelas em diversos sistemas do organismo animal.⁴

Palavras-chave: Cisto prostático. Hemangiossarcoma. Nefropatia.

Referências:

1. Rabelo, P. F. B. *et. al.* Diagnóstico da doença renal crônica em cães e gatos: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.3, p. 17602-17614, mar., 2022.
2. NELSON, R.W.; COUTO, C.G. 2015. **Medicina interna de pequenos animais**. 5. ed. GEN Guanabara Koogan. São Paulo, Brasil.
3. SILVA P., *et. al.* Hiperplasia e Cisto Prostático em Cão. **Rev Colombiana Cienc Anim**, 2015; 7(2):207-211.
4. CAMARGO, M.H.B. Alterações Morfológicas e Funcionais dos Rins de Cães com Insuficiência Renal Crônica. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v.58, n.5, p.781-787, 2006.



ÚLCERA GÁSTRICA FISTULADA EM ÉGUA, APÓS TRATAMENTO DE PERITONITE DIFUSA: RELATO DE CASO

Wesley Paulo Alves de Lima ¹, Dennis Silva Almeida ¹, Eduardo Pereira Fonseca ²,
Bruno Moraes Assis ³, Valcinir Aloísio Scala Vulcani ⁴

¹ Acadêmico de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Jataí (e-mail: wesleypaulo697@gmail.com)

² Acadêmico de Medicina Veterinária – UniBrasília – São Luís de Montes Belos

³ Professor Doutor em Ciência Animal – Educador – Centro Universitário Una – Jataí

⁴ Doutor em cirurgia animal - Professor associado do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Eixo de enquadramento do trabalho:

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

A Peritonite Equina é caracterizada como uma severa inflamação da cavidade abdominal, difusa nos equinos. Se trata da inflamação do peritônio, tecido que recobre os órgãos. Apresenta-se de diferentes formas, sendo a séptica a mais frequente, determinando um processo infeccioso grave. Estudos apontam grande taxa de mortalidade dos equinos diagnosticados com peritonite, variando entre 30% e 67%. Os principais sinais clínicos da peritonite são dor abdominal, rolar e se jogar no chão, deitar e levantar constantemente, dificuldade na locomoção, anorexia, diminuição da produção fecal e/ou diarreia. O objetivo desse relato é apresentar um caso de peritonite em uma égua, decorrente de uma ovariectomia e fistulação de uma úlcera gástrica. Foi atendida na Aprimory Vet unidade de Jataí - GO, uma égua de 8 anos de idade, da raça quarto de milha, 350 kg de peso vivo, a qual apresentou complicações no pós-cirúrgico de ovariectomia, com deiscência dos pontos de sutura e expondo a cavidade abdominal. No exame de hemograma, evidenciou leucocitose por neutrofilia absoluta, sugerindo uma inflamação aguda. Nesse período, o animal apresentou vários episódios de abdômen agudo. Por esse motivo, realizou-se uma abdominocentese, que revelou líquido amarelo ouro, turvo, característico de peritonite difusa. Realizou-se o tratamento com antibioticoterapia parenteral a base de Tildipirosina (Zuprevo®) – 20mL dose única e Penicilina Potássica associada ao Sulfato de Gentamicina (Gentopen®) - com a dose de ataque de 80.000 UI/kg/q24h, durante três dias seguidos, e 50.000 UI/kg/q24h por mais 17 dias e a partir do décimo dia, Omeprazol oral (4mg/kg). Simultaneamente, utilizou-se terapia anti-inflamatória com Flunixin Meglumine (1,1 mg/kg), lavagem da cavidade abdominal com infusão de ringer lactato associado a Enrofloxacin (5ml/L), a cada 24h, durante sete dias. A égua morreu no vigésimo dia de tratamento. Os achados de necropsia revelaram a presença de uma úlcera gástrica fistulada de aproximadamente 20cm, e incontáveis úlceras de 1 e 2mm de diâmetro em toda mucosa gástrica glandular e aglandular do estômago. Esses achados corroboram e justificam a sintomatologia apresentada pela égua e a complicação no quadro de peritonite. As úlceras gástricas podem ser consideradas de etiologia multifatorial e estão associadas a diversos fatores



predisponentes como estresse, atividades físicas intensas, manejo nutricional inadequado, uso excessivo de fármacos (AINEs) e antibióticos. Conclui-se que o animal se recuperou da peritonite iniciada pela ovariectomia. Porém, pela presença da úlcera gástrica fistulada, um gravíssimo caso de peritonite se instalou novamente, culminando com a morte do animal. A peritonite, bem como a síndrome de úlcera gástrica, são enfermidades gravíssimas para a espécie equina e fatais na maioria dos casos. Ressalte-se, a necessidade de uso de protetores gástricos e hepáticos, desde o segundo dia de tratamento, pois nesse período a mucosa gástrica já pode apresentar lesões. E ainda, o uso da endoscopia é de grande importância no acompanhamento e evolução de tratamentos prolongados como esse. Contudo, o diagnóstico correto, a compreensão dos fatores predisponentes, a agilidade no início do tratamento, o tratamento suporte para proteção da mucosa gástrica, são fundamentais para obter êxito na resolução do problema e evitar a morte dos animais.

Palavras-chave: Equino. Peritonite. Úlcera Gástrica.

Referências:

OLIVEIRA, D.A.; ALMEIDA, K.B.; OLIVEIRA, V.A. Peritonite em equinos. **Revista Veterinária**, Goiania, v. 6, n. 9, p. 1, 2010.



PRIAPISMO EM CÃO ATROPELADO - RELATO DE CASO

Karenluci de Jesus Costa¹, Yasodaja Assis Silva¹, Ana Carolina Carvalho de Assis¹,
Ana Júlia Zaiden Casadio¹, Gisele da Fonseca Ventura², Bruno Moraes Assis³

¹Graduandas de Medicina Veterinária na Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil (e-mail karenllucyy@gmail.com)

²Mestranda em Biociência Animal na Universidade Federal de Jataí, Jataí-GO/Brasil

³Professor adjunto na Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com "X" apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

O priapismo caracteriza-se uma ereção involuntária e persistente do pênis, que acontece sem que haja nenhum estímulo sexual. Apresenta duração acima de quatro horas¹ e pode ser causado por infecções, obstruções, traumas no momento da cópula, lesões na coluna vertebral, por tromboembolismo ou por anestesia geral². Neste contexto, o presente trabalho tem como finalidade o relato de caso de um cão que desenvolveu priapismo após traumatismo por atropelamento. Foi atendido e internado em uma clínica particular, na cidade de Jataí-GO, um canino macho, SRD, pesando 19 kg, com aproximadamente 5 anos de idade, resgatado após algumas horas depois do atropelamento. O animal apresentava dor na região dos membros pélvicos, várias escoriações pelo corpo, incontinência fecal, retenção urinária, sendo possível notar edema, hematomas e ereção constante do pênis. Porém, sem áreas de necrose, que por meio do exame clínico foi diagnosticado priapismo não isquêmico. Foram realizados exames de ultrassonografia que descartou hemorragia interna. No hemograma foi evidenciado trombocitopenia com baixa significativa do hematócrito. O teste rápido 4DX-Plus positivou para erliquiose. A radiografia revelou disjunção sacroilíaca esquerda, fratura no osso sacro, luxação sacrococcígea e polifraturas em osso coxal, associadas a incongruência articular coxofemoral direita, levando o paciente a uma paralisia dos membros pélvicos. Em virtude do quadro em que o paciente se encontrava foi instituído o seguinte protocolo: dipirona 25 mg/kg por 7 dias, hidrocortisona 20 mg/kg 3 dias, dexametasona 1 mg/kg por 5 dias (iniciou se dexametasona após suspender a hidrocortisona), morfina 0,4 mg/kg por 10 dias, doxiciclina 10 mg/kg por 28 dias, gaviz® 1 mg/kg por 28 dias e eritrós® 1 comprimido por 30 dias. Como tratamento adjuvante, compressas com água gelada, com intervalos de quatro horas por 10 dias na intenção de diminuir o edema, a tumefação e evitar isquemia³. Em razão do trauma sofrido pelo paciente e com base nos achados clínicos deduz-se que, o priapismo ocorreu em virtude de lesão medular acometendo o músculo retrator do pênis, músculo elevador do pênis, músculo coccígeo, músculo levantador do ânus, nervo pudendo, nervos retais caudais, ocorrendo perda de tônus do esfíncter anal causando incontinência fecal e ereção do pênis². No decorrer do tratamento, os sinais do priapismo desapareceram, mas o paciente continuou com incontinência fecal e retenção urinária. O animal permanece internado, recebendo medicação e cuidados médicos. Terapias alternativas como fisioterapia, acupuntura, laser terapia podem auxiliar no tratamento, sendo que os mesmos foram indicados



para o caso deste paciente. Estudos sobre o referido tema são necessários, em razão do priapismo em cão não ser uma afecção tão estudada na rotina clínica.

Palavras-chave: Cão. Priapismo. Trauma

Referências:

1. Campelo Jr, F. A. C. *et al.* Priapismo em cão tratado com penectomia seguida de uretrotomia: Relato de caso. **Pubvet**, v.11, n.2, p.149-153, Fev., 2017.
2. Volpato, R. *et al.* Afecções do pênis e prepúcio dos cães - Revisão de Literatura. **Vet. e Zootec.** 2010 set.; 17(3):312-323.
3. Viana, F. A. B. **Guia Terapêutico Veterinário** – 4ª ed – Gráfica e Editora CEM, 2019.
4. Braga Filho, C. T. *et al.* Penectomia total para tratamento de parafimose crônica em cão: relato de caso. **Pubvet**, v.14, n.7, a609, p.1-6, Jul., 2020.



IMPACTOS DA NECROBACIOSE INTERDIGITAL NA BOVINOCULTURA DE LEITE

Gustavo Cabral Resende¹, Luiz Gustavo Almeida de Oliveira¹ Luiz Afonso Caetano de Souza¹, Rayner Martins Garcia, Guilherme Júnior Ribeiro Carvalho¹, José Tiago das Neves Neto²

¹ Discente– UNIFIMES (gustavocabral038@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

O Brasil possui em seu território uma grande atividade econômica a bovinocultura de leite, que ainda vem crescendo estando em terceiro maior produtor mundial de leite¹. Existem várias enfermidades que atingem os animais de produção, uma delas é a Necrobacilose. O texto traz informações sobre a importância da prevenção da doença citada, por ela causar perdas econômicas na atividade leiteira, afetando a saúde do animal causando infertilidade e alguns sintomas. O presente trabalho foi escrito através de artigos científicos relacionado com as doenças podais dos bovinos de leite. A Necrobacilose é uma doença cosmopolita, sendo uma infecção necrótica causada especialmente por bactérias gram-negativas anaeróbias, que habitam o rúmen e o intestino dos bovinos e agem juntas, *Fusobacterium necrophorum* e *Bacteroides melaninogênicos*³. Os micro-organismos agem no tecido conjuntivo subcutâneo da região interdigital dos bovinos, e causa 15% das ocorrências de claudicação podendo chegar até os 25%². As bactérias penetram no tecido após algum traumatismo causado pelo ambiente em que os animais vivem, seja por umidade excessiva, pedras ou pasto. A doença tem grande importância por sua rápida disseminação, dificuldade no tratamento, grande prevalência no rebanho causando perdas econômicas consideráveis, sendo, queda na produção e medicamentos usados no tratamento. O enfraquecimento dos cascos causados por más condições de higiene das instalações e dos piquetes, umidade e agentes infecciosos podem ser considerados fatores predisponentes e favorecem a ocorrência das lesões podais, a alta concentrações de animais, má formação dos cascos como, talões baixos ou cascos achinelados podem ser um fator determinante para a doença vir a surgir no rebanho². A doença por sua vez ocorre mais em épocas de muita umidade onde são formadas poças d'água e lama onde o ambiente favorece a presença do agente. Entre os principais sinais clínicos mais evidentes está a relutância em andar e claudicação, porém o animal também pode apresentar, dor a palpação, eritema, calor e tumefação no local da ferida. O diagnóstico é clínico que se dá através da anamnese e sinais clínicos apresentados pelo animal, todavia o isolamento dos agentes pode ser realizado para confirmar o diagnóstico. O tratamento recomendado se dá por antibioticoterapia sistêmica, dando ênfase em antibióticos que o agente é sensível como (penicilina, ceftiofur, oxitetraciclina e sulfonamidas). A prevenção e profilaxia se dá pelo casqueamento preventivo, limpeza dos cascos, drenar locais onde se tem o acúmulo de água e lama, também pode ser usado biotina e metionina de zinco como aditivos nutricionais na finalidade de aumentar a imunidade e produção de queratina pro



casco². Em virtude dos fatos mencionados foi notado que, a Necrobacilose interdigital causa bastante impacto na bovinocultura de leite, devido à queda na produção, custo alto e dificuldade no tratamento dos animais. Ainda sim prioriza-se um adequado manejo sanitário para prevenir a doença, evitando perdas econômicas nas fazendas leiteiras, e dessa forma o Brasil continuar seu crescimento na produção de leite.

Palavras-chave: Doença. Podologia. Queda na produção.

Referências:

1. Farmnews.com.br - Produção de leite no mundo 10 maiores produtores de leite. FAOSTAT 2019.
2. PLAUTZ, Gustavo R.- PODOLOGIA BOVINA- Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul Faculdade De Veterinária - PORTO ALEGRE 2013.
3. SOUZA, Kamila M. et al.- NECROBACILOSE INTERDIGITAL EM BOVINOS DE LEITE- Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT 2015.



HIPOCALCEMIA EM PEQUENOS RUMINANTES

Vitória Fernanda Ferreira da Silva¹, Victoria Helena Pomponi da Silva¹, Marcos Augusto de Oliveira Lopes¹, Pedro Henrique Ferreira Guimarães¹, Mirele Oliveira de Freitas², Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discentes – UEG (e-mail: vitoriafernanda20@gmail.com)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UNIFIMES / UEG

Clínica Médica e Cirúrgica Animal

Partindo de um conceito pré-estabelecido, hipocalcemia seria a baixa concentração de cálcio no sangue. Mas a partir da etiologia propriamente dita, pode-se estabelecer suas causas e origem: a privação de alimento, exercício forçado e estresse juntamente com estes estando no período final da gestação e início da lactação, a hipocalcemia tende a aparecer, podendo ser fatal. Diante disso, tem-se que o metabolismo do cálcio é afetado pelo hormônio da paratireoide (PTH) e da calcitonina (CT): responsável por controlar os níveis de cálcio no sangue, o PTH é inibido e o CT é estimulado, bloqueando a reabsorção óssea e diminuindo a concentração do PTH, deprimindo a absorção de cálcio. Nesse sentido, observa-se os seguintes sinais clínicos em um animal que apresenta essa enfermidade: dificuldade na locomoção e tremores musculares; paresia; timpanismo; sialorreia, disfagia; taquipneia; taquicardia; constipação; prostração ou incapacidade de levantar e ataxia. À vista disso, o diagnóstico pode ser feito das seguintes maneiras: clínico, onde se observa prolapso vaginal pré-parto; laboratorial, no qual a concentração plasmática de cálcio estará entre 3 e 6 mg/100 mL; diferencial, devido a coincidências clínicas com toxemia da gestação, na qual se utiliza a urinálise para distinguir ambas enfermidades a partir da presença de corpos cetônicos; e post-mortem, onde uma necropsia imediata mostraria determinada coloração escura nos lobos cardíaco e apical do pulmão (1). Perante o exposto, os animais devem ser tratados com soluções intravenosa de cálcio, dependendo do estado clínico, com recuperação dentro de minutos; caso contrário, o animal poderá vir a óbito entre 6 e 12 horas. Desse modo, é importante salientar a importância e as formas de se prevenir: animais em lactação não devem ser submetidos a exercícios forçados; fêmeas em final de gestação deve receber uma dieta pobre em cálcio e logo após o parto oferecer uma dieta rica em cálcio (2). Portanto, é importante buscar atendimento do médico veterinário, tanto para a prevenção da hipocalcemia quanto no tratamento quando manifestar a enfermidade.

Palavras-chave: Cálcio. Metabolismo. Tetania.

Referências:

1 - ANDRADE, Iuri Oliveira de. **Hipocalcemia em ovinos**. 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10499503-Hipocalcemia-em-ovinos.html> Acesso em: 01 Ago. 2022.

2 - MACHADO, G. S. **Toxemia dos pequenos ruminantes: etiopatogenia e prevenção**. Seminário apresentado na disciplina Transtornos Metabólicos dos Animais Domésticos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. 11p.



INTOXICAÇÃO POR BUFOTOXINAS EM CÃES

Waleska Larissa Krupck Dos Santos¹, Paola Pilonetto², Israel Carlos de Almeida²
Vantuil Moreira de Freitas³

¹Waleska Larissa Krupck Dos Santos – UNIFIMES
(waleskak18@academico.unifimes.edu.br)

²Paola Pilonetto – UNIFIMES (pilonettopereira_12@academico.unifimes.edu.br)

²Israel Carlos de Almeida – UNIFIMES (israelcarlosdealmeida91@academico.unifimes.edu.br)

³Vantuil Moreira de Freitas – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- (X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

A maior parte das intoxicações em cães acontece pelos agrotóxicos e medicamentos, já o envenenamento causado por venenos de origem animal é incomum. O sapo possui glândulas na superfície do corpo que produz substância venenosa como mecanismo de defesa contra o ataque de um possível predador. O objetivo deste estudo é explicar sobre a intoxicação por sapo nos cães domésticos, sintomas, diagnóstico, tratamento e prevenção. A metodologia foi a revisão literatura aliada aos estudos de caso e experiência dos autores. As toxinas do sapo (bufotoxinas) são aminas vasoativas, como a adrenalina, noradrenalina e serotonina. Estas substâncias são potentes vasoconstritores que aumentam a resistência vascular periférica, levando ao aumento da pressão arterial(1) A cardiotoxicidade é uma das principais ações do veneno do sapo(2) A bufotoxina impede a bomba de sódio e potássio, impedindo o acúmulo de potássio extracelular, aumentando o sódio intracelular e estimulando as alterações de sódio, potássio e cálcio, levando ao aumento dos níveis de cálcio nas células miocárdicas(1) Portanto, a fibrilação cardíaca pode ser vista, inclusive com a possibilidade de óbito(2) Os sinais clínicos podem ocorrer taquipneia, taquicardia, midríase bilateral, rigidez dos membros, vômitos, hipersalivação, irritação da mucosa oral, ansiedade, cegueira, ataxia e convulsões(2,4) O diagnóstico clínico é baseado na história e sinais clínicos. O achado laboratorial pode indicar neutrofilia e eosinopenia(1) Os achados da necropsia são inespecíficos, pois, revela só algumas alterações sugestivas, por exemplo, hemorragias e congestão nos diferentes órgãos. A cromatografia é o teste confirmatório do diagnóstico toxicológico. Não existe um antídoto e o tratamento sintomático deve ser iniciado o mais rápido possível podendo utilizar digitálicos, sulfato de atropina (0,1-0,5 mg/kg), furosemida(1-3 mg/kg/BID), ranitidina (2 mg/kg/TID), diazepam (0,5 mg/kg), nausetrat (0,5 mg/kg) e fluidoterapia(4) O tratamento é instituído com fluidoterapia intravenosa à base de NaCl 0,9% (Ringer Lactato), furosemida (1 mg/kg/IV) que promove a diurese, diazepam (0,5 mg/kg/IV) para acalmar e reduzir as manifestações neurológicas, sulfato de atropina (0,1-0,5 mg/kg/IM) indicado como antiespasmódico e o nausetrat (0,5 mg/kg/IV) no controle de episódios eméticos. É realizado lavagem da cavidade oral do animal com água corrente e utilizar compressas de água fria para a redução da temperatura corporal, administrar a ranitidina (2 mg/kg/IV/TID) para a proteção da mucosa(1,4) e o carvão ativado por VO para a retenção do veneno(3) Conclui-se que se há suspeita



de contato do cão com sapo deve ser levado imediatamente ao médico veterinário para o pronto-atendimento. Os Tutores precisam estar cientes de que a intoxicação por sapo deve ser considerada uma emergência, devido ao risco de morte.

Palavras-chave: Canino. Envenenamento. Toxina.

Referências:

1. BARBOSA, C.M.; MEDEIROS, M.S.; RIANI COSTA, C.C.M.; CAMPLESI, A.C.; SAKATE, M. Toad poisoning in three dogs: case reports .Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases, v.15, n.4, p.789-798, 2009.
2. GOWDA, R.M.; COHEN,R.A.; KHAN,I.A.; Toad venom poisoning: resemblance to digoxin toxicity and therapeutic implications. Heart, v.14, n.89, p.483-485, 2003.
3. SALVAGO, M.M.R.; LÓPEZ, M. A.M.; BENÍTEZ, L. J.; MOYA, R.P.J.; PALACIOS,F.O.R.; SILLERO, C. L.N.Intoxicación aguda en perro por toxinas de sapo (Bufo bufo). REDVET. Revista electrónica de Veterinaria, v.10, n.4, p.1-5, 2009.
4. REEVES, M.P.; A retrospective report of 90 dogs with suspected cane toad (Bufo marinus) toxicity. Australian Veterinary Journal, v. 82, n. 10, p. 608-611, 2004.



UROLITÍASE OBSTRUTIVA EM PEQUENOS RUMINANTES

Victoria Helena Pomponi da Silva¹, Vitória Fernanda Ferreira da Silva¹ Marcos Augusto de Oliveira Lopes¹, Pedro Henrique Ferreira Guimarães¹ Mirele Oliveira de Freitas², Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discentes – UEG (e-mail: victoriapomponi@gmail.com)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente – UEG

Clínica Médica e Cirúrgica Animal

A urolitíase obstrutiva é formação de cálculos em decorrência de um distúrbio nutricional causado por precipitações de minerais ou substâncias orgânicas, que tem como consequência a obstrução do trato urinário do animal. O objetivo desse resumo é transcrever a epidemiologia, sinais clínicos, diagnóstico, tratamento e prevenção da urolitíase obstrutiva em pequenos ruminantes. É comum em animais jovens ou adultos machos castrados que possuem uma dieta a base concentrado que contem altos teores de fósforo e magnésio e baixos teores de cálcio. Acomete mais a espécie ovina, principalmente as raças Santa Inês e Dorper. Os sinais clínicos são desconforto abdominal, micção alterada, dificuldade para urinar, inquietação, desidratação, taquipnéia, diminuição da motilidade ruminal, taquicardia. O diagnóstico é realizado pelos sinais clínicos, histórico e exames complementares de sangue, urina e de imagem, como a ultrassonografia. No exame de sangue os principais achados podem ser, leucocitose com desvio à esquerda regenerativo, valores de creatinina e uréia altos, já no exame de urina pode ocorrer cristais, hematúria e presença de células inflamatórias. Nos exames de imagem é possível observar a posição do cálculo e avaliar os órgãos do sistema urinário, para descarte de possíveis rupturas e a precisão de intervenções. O tratamento pode ser realizado de forma conservadora, por meio de relaxantes musculares como acepromazina e escopolamina, que irão auxiliar na exposição do pênis e a dilatação dos canais urinários reestabelecendo o fluxo da urina e dipirona para o controle da dor. Porém, grande parte dos casos o tratamento é cirúrgico, sendo aplicado os procedimentos de amputação do processo vermiforme, uretostomia, cistostomia com uso de sonda, variando de acordo com o estado do paciente. Um fator relevante para sucesso do tratamento, é o pós-cirúrgico com a utilização de anti-inflamatório não esteroideal para minimizar a dor e os sinais de inflamação. O prognóstico é variável, em casos de obstruções sem ruptura e com fácil estabilização do fluxo urinário, é considerado favorável, já quando existe a ruptura a tendência é ser desfavorável, com difícil reversão e alta taxa de óbito. Conclui-se que a urolitíase obstrutiva é uma patologia que pode prevenir por meio da dieta balanceada, principalmente uma fonte de volumoso de boa qualidade.

Palavras-chave: Cálculo urinário. Disúria. Ovinos.

Referências: 1 - DE SOUZA NETO, Aluisio et al. Urolitíase Obstrutiva em Caprinos: Relato de Caso. 2018.



2 - DÓRIA, R. G. S. et al. Técnicas cirúrgicas para urolitíase obstrutiva em pequenos ruminantes: relato de casos. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v. 59, p. 1425-1432, 2007.

3 - MORAIS, Mucio Veloso de. Estudo clínico-epidemiológico da urolitíase obstrutiva em caprinos e ovinos. 2012.

4 - SOARES, Thais Cristiane dos Santos. Urolitíase em Ruminantes: Revisão de Literatura e Relato de Caso. 2016.



COLAPSO TRAQUEAL EM CÃO

Ana Carolina Carvalho de Assis¹, Ana Júlia Zaiden Casadio¹, Gisele da Fonseca Ventura², Karenluci de Jesus Costa¹, Yasodaja Assis Silva¹, Bruno Moraes Assis³

¹ Graduandas de medicina veterinária da Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil (e-mail: anacarolcarvalho123@gmail.com)

² Mestranda em Biociência Animal da Universidade Federal de Jataí, Jataí-GO/Brasil

³ Professor adjunto da Faculdade Una, unidade Jataí-GO/Brasil

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com "X" apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

O colapso traqueal é caracterizado pelo estreitamento do lúmen da traqueia e flacidez dos anéis cartilagosos, podendo causar colapso parcial ou total da traquéia. É uma enfermidade progressiva e degenerativa crônica, que causa angústia respiratória¹. Geralmente os animais acometidos são na grande maioria, de pequeno porte, podendo suceder em qualquer faixa etária, ocorrendo comumente, em cães de cinco anos acima. Neste âmbito, o atual trabalho tem como finalidade relatar o caso clínico de um cão atendido em caráter emergencial, e internado em uma clínica particular sediada na cidade de Jataí-GO. Trata-se de um canino macho, castrado, da raça Yorkshire terrier, pesando 2,30kg, com cinco anos de idade. O animal chegou à clínica com suspeita de engasgamento, bastante agitado, com tosse seca, sialorréia intensa e congestão das mucosas orais. O paciente foi induzido ao vômito com água oxigenada (peróxido de hidrogênio - 2 ml/kg). A indução gerou dois episódios de vômitos, com coloração amarelada translúcida e aspecto viscoso, porém, sem maiores achados. Na sequência, foi colocado um acesso venoso na veia cefálica acessória do membro torácico direito, a fim de facilitar a administração de fármacos em eventual intercorrência. Solicitou-se exame radiográfico, hemograma e bioquímica sérica, para maiores esclarecimentos diagnósticos². Sempre que o animal era manipulado, a tosse aumentava e apresentava uma cianose transitória³. Nesses episódios, foi disponibilizado oxigênio na máscara para o paciente. Após aferir a glicemia, notou-se que a mesma estava 50mg/dL, diante disso, foi feito 0,3ml de glicose em bolus e foi administrado soro ringer lactato glicosado a 3%, prometazina 0,4 mg/kg, dipirona 25mg/kg, omeprazol 1mg/kg e hidrocortisona 10mg/kg. O intuito desses, foi aliviar os sintomas iniciais apresentados. Evidenciou-se nos resultados dos exames, colapso de traqueia na radiografia e nos demais exames não foi revelada nenhuma outra alteração digna de nota. Aproximadamente quatro horas após a entrada do mesmo na clínica veterinária, o animal apresentou um quadro de síncope e teve uma parada cardiorrespiratória. Diante desses sintomas, foram feitos cinco ciclos de massagem cardíaca além da administração de adrenalina 0,1 mg/kg e atropina 0,02 mg/kg na reanimação cardiopulmonar (RCP) a fim de reanimar o paciente, porém, sem êxito. Contudo, o animal morreu, diante da gravidade do caso. Fica evidente a necessidade de uma UTI, para atendimentos emergenciais graves como esses. E ainda, dispor de profissionais capacitados a realizar cirurgia corretiva



a fim de salvar os animais acometidos com esse distúrbio, o que nem sempre encontramos na rotina clínica.

Palavras-chave: doença degenerativa; colapso vias aéreas; ressuscitação cardiopulmonar.

Referências:

1. DOS SANTOS, Letícia Novoa. COLAPSO TRAQUEAL EM CÃES: RELATO DE CASO. In: **Saúde**. 2019.
2. PEREIRA, Natália Babolim; SAMPAIO, Jéssica Maria Sanches; PINOTI, Luciana Del Rio. COLAPSO TRAQUEAL EM CÃES: O USO DA RADIOGRAFIA COMPRESSIVA COMO MÉTODO DIAGNÓSTICO. **Veterinária e Zootecnia**, v. 29, p. 1-13, 2022.
3. HENRICH, Katyline et al. COLAPSO TRAQUEAL EM YORKSHIRE: RELATO DE CASO.



PROTOCOLO ANESTÉSICO UTILIZADO NA CIRURGIA DE HERNIORRAFIA DIAFRAGMÁTICA EM GATO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

Alice Ribeiro Codeceira Silva¹, Raissa Coutinho de Lucena¹, Rebeca Paes Barreto Valdez¹, Larissa Rayane Hora da Silva¹, Maynara Kalya Ferreira Lima²

¹Discente – UFRPE (e-mail: licevet@gmail.com)

²Residente de anestesia veterinária – UFRPE

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com um "x" apenas um eixo)

- () Produção e Reprodução Animal;
- (x) Clínica médica e Cirúrgica Animal;
- () Medicina Veterinária Preventiva.

Os casos de hérnia diafragmática traumática são comuns dentro da clínica médica cirúrgica veterinária, sua maior ocorrência acontece na espécie felina sendo 85% dos casos oriundas de algum tipo de trauma (1), causados principalmente por acidentes automobilísticos ou quedas. Este resumo tem como objetivo relatar a eficácia do protocolo anestésico utilizado em um felino doméstico submetido a cirurgia de herniorrafia diafragmática. Foi atendido no Hospital veterinário/UFRPE um gato macho de 4 meses, sem raça definida, pesando 1,7kg, resgatado pela sua tutora após ser vítima de um atropelamento. No exame clínico o animal apresentava dispneia e edema pulmonar, logo após radiografia foi confirmado o diagnóstico de hérnia diafragmática, com presença de vísceras no lado esquerdo do tórax, comprimindo o pulmão. Inicialmente foi administrado dexametasona 0,5mg/animal com objetivo de reduzir o edema pulmonar. Como medicação pré-anestésica foi utilizada acepromazina na dose de 0,02 mg/kg intramuscular, a indução foi realizada com propofol 3 mg/kg; cetamina 1 mg/kg; lidocaína 0,5 mg/kg e fentanil 2 mg/kg. Para a manutenção do plano anestésico, administrou-se isoflurano diluído em oxigênio com fluxo de 200ml/kg/min no sistema sem reinalação de gases do tipo baraka. A técnica de bloqueio loco regional foi realizado através da injeção de bupivacaína 2 mg/kg nos nervos intercostais, com objetivo de bloquear do quinto até o nono espaço intercostal, localizados paralelos às vértebras, atrás de cada costela (2). Como anestesia e analgesia multimodal também foi administrado por via intravenosa uma infusão contínua de fentanil 7mg/kg, cetamina 0,6mg/kg e lidocaína 0,5mg/kg. As medicações pós anestésicas realizadas foram dipirona 15 mg/kg e metadona 0,2 mg/kg e antibioticoterapia com cefalotina 30mg/kg. A anestesia ocorreu sem intercorrências, o animal apresentou uma boa estabilidade hemodinâmica com frequência cardíaca em torno de 137bpm, pressão arterial média 107mmHg, ETco2 40mmHg, temperatura 38°C, saturação de 98% e frequência respiratória 6mpm. Permanecendo em plano anestésico adequado, sem sinais de dor ou desconforto. Foi realizada a ventilação manual durante quase todo o trans-cirúrgico, pois em procedimentos envolvendo a abertura do tórax, o animal é incapaz de respirar sozinho devido à ausência da pressão negativa torácica. Após a síntese da parede torácica foi possível observar o retorno da respiração espontânea em consequência do estabelecimento da pressão (3). O animal retornou de forma bastante tranquila. Nesse cenário é possível concluir que a utilização desse protocolo anestésico, visando uma adequada anestesia e técnicas analgésicas multimodais, foi capaz de promover qualidade no plano



anestésico, e, conseqüentemente cirúrgico, representando assim um protocolo viável em felinos submetidos a herniorrafia diafragmática traumática.

Palavras-chave: Anestesiologia; Felino doméstico; Cirurgia torácica.

Referências:

1. LAVADOURO, J.H.B. et al. Hérnia diafragmática traumática em felino. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, v. 12, p. 53-54, 2013.
2. DA SILVA, A.M.; DE CASTRO, M.M.; MELO, A.L.T. A Utilização dos Anestésicos locais na Anestesia Epidural em Pequenos Animais: Revisão de Literatura. **UNICIÊNCIAS**, v. 24, n. 1, p. 75-77, 2020.
3. FOSSUM, T.W. et al. **Small animal surgery**. Missouri: Mosby Elsevier, 2007.



TENDINITE EM EQUINOS DE COMPETIÇÃO

Witória Hillary De Sousa Alves¹, Bárbara Stéfane Pereira Barbosa¹, Maria Clara Oliveira Costa¹, Thais Ribeiro de Moraes¹ Lucas Danilo de Souza² Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discente – UEG (e-mail: [wiitoriahillarysalves@gmail.com](mailto:witoriahillarysalves@gmail.com))

² Discente – UEG

³ Docente – UNIFIMES / UEG

(X) Clínica Médica e Cirurgia Animal;

A tendinite é uma afecção ou inflamação nos tendões que acomete equinos, com maior prevalência em animais de competições. Sua causa está ligada ao esforço excessivo já que o tecido dos tendões é derivado de células mesenquimais composto por colágeno do tipo 1, ocorrendo uma baixa carga no tecido ou fadiga tendinosa crônica. Os tendões mais atingidos são os flexores, mas nos cavalos de corrida os membros torácicos são os mais acometidos por sustentarem grande parte do peso e impacto durante as corridas e saltos, enquanto os animais de tração ou sela são os membros pélvicos. O objetivo desse trabalho foi descrever a tendinite em equinos de competição com ênfase, etiologia, sinais, diagnóstico, tratamento. Existe duas formas de lesões, a primeira é chamada de lesão singular que pode ser causada por trauma, a outra é a contínua que se trata de micro lesões ocorridas em um intervalo maior de tempo, ambos podem levar ao rompimento total do tendão. A patogenia do trauma nos tendões flexores pode ser por hiperextensão, lesões microscópicas ou por trauma aguda quando o tendão é rompido. Respostas degenerativas caracterizadas por exsudação e de reparação caracterizadas por granulação ocorre em toda ação traumática nos tendões, o processo também é responsável por aumentar a prevalência de afecções com o passar da idade do animal. Os sinais clínicos são: claudicação, edema, aumento de temperatura, dor a palpação e eventual desmíte interóssea. Para diagnosticar é preciso fazer radiografia, ultrassonografia, termografia, ressonância magnética e bloqueios perineurais. Para o tratamento indica-se repouso do animal, além de aplicar gelo no local e duchas de água fria, fármacos como dimetilsulfóxido, dexametasona ou trancinolona durante cinco a sete dias. Torna-se importante o uso de anti-inflamatórios não esteroidais como fenilbutazona (4,4 mg/kg uma vez ao dia) ou flunixin meglumine (1,1 mg/kg). Conclui-se que deve ser investigada rapidamente a causa da claudicação para aumentar a possibilidade de sucesso no tratamento da tendinite evitando a presença de sequelas permanentes.

Palavras-chave: Tendões, inflamação, cavalos.

Referência:

1 - PEDROSO BOTEGA, Natália et al. Tendinite em Equinos de competição. 2021.



POR QUE OS ANIMAIS NÃO PODEM COMER CHOCOLATE?

- ¹ Pedro Augusto Santana Sousa Neri – UNIFIMES
(mcpedro.augusto@academico.unifimes.edu.br)
² Isadora Pereira Prado – UNIFIMES
³ Najara Resende – UNIFIMES
⁴ Anielly Gonçalves Oliveira
⁵ Ulisses Resende Carvalho
⁶ Vantuil Moreira de Freitas - UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
() Medicina Veterinária Preventiva.

Na fabricação de chocolate usa como principal matéria-prima o cacau. O processo inicia-se na remoção das amêndoas do cacau, seguido de secagem ao sol e torrefação das amêndoas. Depois retiram-se as cascas e seguem para a moagem automatizada, onde surge uma massa pastosa devido ao elevado teor de gordura do cacau. Passa por resfriamento e quebra em tabletes para fabricação do chocolate (1) Este é um alimento saboroso e muito apreciado pelos humanos, mas pode ser tóxico para os animais. O objetivo deste trabalho é descrever a intoxicação de pets por chocolate, com destaque para o princípio tóxico, sinais clínicos, diagnóstico, prognóstico, tratamento e prevenção. A metodologia foi revisão de livros e artigos científicos online na base de dados do Google acadêmico. A teobromina é o princípio tóxico para os pets e possui ação estimulante cardíaca, vasoconstritora e por apresentar ação diurética (2). A quantidade presente no chocolate é pequena, permitindo o consumo em segurança por pessoas, porém os cães a metabolizam mais lentamente, podendo se intoxicar mais facilmente. As manifestações clínicas incluem diarreia, vômito, polidipsia, poliúria, excitação, tremores, febre, respiração acelerada, convulsão, e em casos mais severos até a morte (3). O diagnóstico se baseia em anamnese, histórico de ingestão, sinais clínicos e achados de chocolate no conteúdo gástrico. O prognóstico pode ser reservado ou bom quando o tratamento é iniciado até 3 horas após a ingestão, principalmente se o animal vomitar o chocolate ou se for feita lavagem gástrica. Não existe um antídoto para intoxicação por chocolate nos pets, sendo feito então tratamento suporte, depende da sintomatologia apresentada pelo cão (4). Quando o animal ainda não apresenta sinais clínicos, que geralmente inicia-se algumas horas após a ingestão, pode fazer a indução ao vômito, a administração oral de carvão ativado, para que assim as substâncias não sejam absorvidas pelo trato gastrointestinal, e realizar uma lavagem gástrica. Uma fluidoterapia deve ser realizada, visando fazer uma correção dos eletrólitos, bem como a reidratação do animal. A prevenção baseia em não dar nenhuma quantidade de chocolate ou derivados do cacau para cães e gatos, deixar embaladas e devidamente guardadas. Conclui-se que se o animal ingerir chocolate, deve-se então procurar o atendimento de um Médico Veterinário.

Palavras-chave: cacau, cão, intoxicação, teobromina.



Referências:

- (1) GRANATO, L. M.; **Do cacau ao chocolate** Descascando a ciência disponível em: < <https://www.blogs.unicamp.br/descascandoaciencia/2020/04/10/cacau-fabricacao-chocolate/>>. Acessado em: 5 ago. 2022.
- (2) WALLER, S. B.; CLEFF, M. B.; MELLO, J. R. B. **Intoxicações em cães e gatos por alimentos humanos: o que não fornecer aos animais?** Veterinária em Foco, v.11, n.1, /ago. 2022
- (3) QUINZANI, M., Intoxicação por chocolate. Disponível em: <www.petcare.com.br/blog/intoxicacao-por-chocolateem-caes>. Acesso em: 6 ago. 2022.
- (4) SAMPAIO, A., DELLA FLORA, A., ROSSATO, C. Intoxicação por chocolate em cães. VIII Mostra de Iniciação Científica, UNICRUZ, 2010.



DISTOCIA FETAL BOVINA CAUSADA POR UM QUADRO DE ARTROGRIPOSE CONGENITA: RELATO DE CASO

Wesley Paulo Alves de Lima¹, Lincon Carlos Veloso Martins¹, Dennis Silva Almeida¹, Eduardo Pereira Fonseca², Bruno Moraes Assis³, Valcinir Aloísio Scala Vulcani⁴

1. Acadêmico de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una - Jataí (e-mail: wesleypaulo697@gmail.com)
2. Acadêmico de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasília de Goiás
3. Professor Doutor em Ciência Animal, Educador – Centro Universitário Una - Jataí
4. Doutor em cirurgia animal - Professor associado do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Jatai (UFJ)

Eixo de enquadramento do trabalho
() Produção e Reprodução Animal;
(X) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
() Medicina Veterinária Preventiva.

A distocia caracteriza-se por uma complicação no parto, o que impede que ocorra de maneira eutócica. Nesse sentido é necessária a intervenção do Médico Veterinário para que o conceito nasça e que garanta mínimo riscos a sua saúde e da puérpera. A Artrogripose é uma enfermidade congênita, caracterizada por rigidez das articulações dos membros. Abortos causados por anomalias congênitas são raros, mas podem ocorrer de forma epidêmica. O objetivo do presente relato é descrever um caso clínico de parto distócico em uma novilha, revelado feto com Artrogripose congênita. Ressalte-se que, essa anomalia é de difícil diagnóstico nessa espécie. Foi atendido em uma propriedade rural próximo a cidade de Jataí-GO, uma vaca mestiça de 350 kg, primípara, prenhe de monta natural por touro nelore. Segundo relato do tutor, o animal havia entrado em trabalho de parto a aproximadamente seis horas, porém não conseguiu parir. O animal encontrava-se prostrado, com sinais de desidratação, enoftalmia, dispneia e febre de 39.5 °C. Foi realizado a palpação transretal e intravaginal, concluindo que havia dilatação, e não havia viabilidade fetal. Utilizou-se de manobras obstétricas, e fetotomia de um dos membros torácicos para retirada do feto. O bezerro apresentava-se rígido, com membros torácicos aduzidos em espiral internamente, articulação radio-ulnar em extensão, articulação metacarpo falangiano flexionados por contratatura dos tendões flexores, pelve deslocada para a esquerda, levemente fletida. Na necropsia, os órgãos das cavidades abdominal e torácica, apresentavam agenesia parcial. Pelo excesso de manipulação a parturiente foi submetido à antibioticoterapia de longa ação, dose única, e uso de Antiinflamatório não esteroide associado a Dipirona sódica, no controle de inflamação e dor. A novilha respondeu bem ao tratamento se recuperando 100% após atendimento e não apresentou nenhuma complicação pós-parto. A Artrogripose fetal, pode casar complicações no momento do parto, resultando na morte da vaca e trazendo prejuízos ao proprietário. Diante disso, a avaliação pré-parto por palpação retal e ultrassonografia, pode auxiliar na avaliação fetal, contribuindo na tomada de decisão e no auxílio ao animal de forma precoce durante o decorrer do parto.

Palavras-chave: Anomalia. Bovídeo. Obstetrícia.



Referências:

PAVARINI, S.P.; SONE, L.; ANTONIASSI, N.A.B.; SANTOS, A.S.; PESCADOR, C.A.; CORBELLINI, L.G.; DRIEMEIER, D.; Anomalias congênitas em fetos bovinos abortados no sul do Brasil. **Pesquisa veterinária brasileira**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 149-154, 2008.

BOAVENTURA, S.G.K. **Parto distócico em bovinos – Revisão bibliográfica**, 2018. 36f. Trabalho de conclusão de curso, Curitibaanos, 2018.

BOYD, S.A.B. Artrogripose múltipla congênita. **Manual MSD versão para profissionais da saúde**. 17 Mai. 2020. Disponível em: < <https://bitlybr.com/whFYfY>>. Acesso em 16 ago. 2022.



USO DE MITOMICINA C (0,4%) NO TRATAMENTO PRECOCE DE CCE OCULAR EM EQUINO

Wesley Paulo Alves de Lima ¹, Dennis Silva Almeida ¹, Eduardo Pereira Fonseca ², Amanda Souza Cruz¹, Bruno Moraes Assis ³, Valcinir Aloísio Scala Vulcani ⁴

1. Acadêmico (a) de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Jataí (e-mail: wesleypaulo697@gmail.com)
2. Acadêmico de Medicina Veterinária – UniBrasília – São Luís de Montes Belos
3. Professor Doutor em Ciência Animal – Educador – Centro Universitário Una – Jataí
4. Doutor em cirurgia animal - Professor associado do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Jatai (UFJ)

Eixo de enquadramento do trabalho:

- () Produção e Reprodução Animal;
(x) Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
() Medicina Veterinária Preventiva.

O carcinoma de Células Escamosas (CCE) é uma neoplasia maligna, infiltrativa, sem característica metastática, que acomete os equinos e diversos animais despigmentados. Nesse sentido, agride a pele, genitália e conjuntiva. Porém, diante de um diagnóstico e tratamento precoces o prognóstico é favorável. O objetivo do presente relato é descrever o tratamento de CCE ocular em um equino, empregando o quimioterápico oftálmico Mitomicina C (0,4%). Ressalte-se, que este tratamento ainda é pouco utilizado e relatado na espécie equina. Foi atendido na Aprimory Vet Unidade Jataí – GO, um garanhão de 11 anos de idade, 450 Kg, da raça Paint Horse, alazão tobiano, com 2/3 da sua pelagem despigmentada, criado na maior parte do dia, em piquete sem proteção contra a radiação solar. O proprietário relatou que identificou um tecido rose-claro-esbranquiçado no olho direito do animal, localizado atrás da íris e que havia uma vascularização anormal ao redor desse tecido. No exame físico notou-se uma massa de característica neoplásica, compatível com CCE ocular, irregular, de aproximadamente oito mm de diâmetro, um mm de altura, de coloração branco-avermelhado com presença de neovascularização em seu entorno. Utilizou-se de exame ultrassonográfico nos olhos e verificou que não havia infiltração do tecido neoplásico para a esclera. Foi administrado a fluoresceína a 2% em contato direto com olho para detecção de úlceras de córneas, sendo o resultado negativo. Colheuse material para citologia e não por biópsia, para evitar o surgimento de outros pontos neoplásicos no olho, e o diagnóstico foi de CCE. Iniciou-se tratamento com colírio Mitomicina C (0,4%) com uma gota diretamente no olho direito, a cada 6 horas, durante quinze dias. Após esse período, o paciente permaneceu por duas semanas de descanso sem o colírio. A terapia seguiu-se com mais 2 ciclos quinzenais de aplicação e descanso, do colírio Mitomicina C, totalizando 3 ciclos, até a observação macroscópica da regressão total da massa tumoral. Em momento algum o animal demonstrou desconforto, irritação ou algum tipo de hiperemia na conjuntiva. Porém, teve episódios esporádicos leves de cólica, o que já era esperado e tratado com



analgésicos. Após três meses sem o tratamento, observou-se uma recidiva tumoral discreta. Contudo, realizou-se mais dois ciclos da quimioterapia com Mitomicina C (0,4%). Após seis meses do último ciclo, não apresentou recidiva. O animal segue em observação. O paciente se recuperou totalmente após o tratamento, evitando cirurgias invasivas e preservando a integridade do olho e bem-estar do animal. A Mitomicina C (0.4%), demonstrou ser eficaz no tratamento precoce de CCE de córnea-conjuntival na espécie equina.

Palavras-chave: Equídeo. Neoplasia. Quimioterapia.

Referências:

BORTOLETTO, Y.N.; ARANTES, J.A.; COELHO, A.M. et al. Exérese tumoral seguida de blefaroplástia no tratamento de carcinoma de células escamosas em pálpebra inferior em equino. **Acta Scientiae Veterinariae**, Pirassununga, v. 49. 2021

CESCON, G.T. **Quimioterapia no tratamento de neoplasias cutâneas em equinos**. 2012. 43f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em medicina veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RABBERS, A.S.; RABELO, R.E.; VULCANI, V.A.S.; SANT'ANA, F.J.F.; LIMA, C.R.O.; SILVA, L.A.F. Diagnóstico clínico, laboratorial e tratamento cirúrgico do carcinoma de células escamosas no genital de equinos machos: relatos de dois casos. **Revista brasileira de ciência veterinária**. v. 21 n. 1 (2014), p. 12-18, 2014.



Medicina Veterinária Preventiva



TRANSMISSÃO E PREVENÇÃO DA TOXOPLASMOSE FELINA

Bruna Da Silva Nogueira¹, Priscila Chediek Dall`Acqua²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail: brusnoqueira1234@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (x) Medicina Veterinária Preventiva.

A toxoplasmose é uma doença infectocontagiosa causada pelo protozoário intracelular obrigatório que recebe o nome de *Toxoplasma gondii*. A doença acomete animais como felídeos, que incluem gatos domésticos e felídeos selvagens considerados como o principal hospedeiro. Outros animais homeotérmicos, de sangue quente, servem de hospedeiros intermediários como aves, mamíferos incluindo o ser humano. Seus sinais clínicos incluem tosse, febre, dispnéia, vômito, diarreia, alterações neurológicas e oculares (1). O objetivo deste trabalho é descrever a transmissão e a prevenção da toxoplasmose felina. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura com coletas de dados de artigos científicos publicado nos últimos 10 anos, nas bases de dados do Pubmed, Scielo e Google Scholar. A toxoplasmose é uma doença de grande importância para a medicina veterinária e para a saúde pública, pois é considerada zoonose, sendo transmitida para seres humanos. Quando se trata de humanos saudáveis, pode apresentar como assintomática, porém em outras pessoas a doença se manifesta com quadro febril agudo, ou com presença de linfonodos alterados. Os felinos como hospedeiro principal, se infectam através de alimentos como carnes cruas ou água contaminada, e repassam a doença para o ser humano por meio de contato direto com suas fezes. O alimento é contaminado por oocistos presentes nas fezes de gatos, que ficam de 3 a 5 dias em período de incubação. A infecção se dá pela ingestão de carnes cruas de espécies que servem de hospedeiros intermediários, assim como bovinos, suínos e caprinos, que estejam com aspecto de carnes mal passadas que contenham bradizoítos (forma lenta de reprodução do *Toxoplasma gondii*). Outros meios de transmissão incluem transplante de órgãos de uma pessoa infectada para a receptora saudável, por inalação de oocistos e por via transplacentária (forma congênita), ocasionando aborto em gestantes (2). Em estudos realizados, observou-se que em estado de multiplicação da doença, algumas drogas como Sulfadiazina e Pirimetamina (Daraprim) para o tratamento da toxoplasmose, não são 100% eficaz, pois não possuem efeito sobre a infecção na fase subclínica. Não se encontra vacinas para prevenir a *toxoplasmose gondii*, mas como medidas preventivas, deve-se evitar experimentar carnes quando não esta totalmente cozida, para as grávidas evitar contato com gatos principalmente se o animal se alimentar de outras fontes de alimento, sem ser o uso da ração, usar luvas para tarefas como jardinagem e higienizar todos os equipamentos e instrumentos na hora do manuseio com o alimento (3). Portanto, conclui-se a importância dessa doença para a saúde pública, para a qual é necessário focar na prevenção com cuidados que incluem o uso de higiene, lavar bem as mãos e preparar alimentos como carnes de forma adequada para o consumo.



Palavras-chave: *Toxoplasma gondii*. Felídeos. Parasita.

Referências:

- 1- PENA, Hilda Fátima de Jesus et al. Toxoplasmose fatal em um gato doméstico imunossuprimido do Brasil causada por *Toxoplasma gondii* clonal tipo I. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 26, n. 2, 2017.
- 2- PÉREZ, J. E., VILLADA GÓMEZ, J. S., NARANJO PÉREZ, O. D., & CASTAÑO, S. V. (2011). **Formas alternas de transmissão de *Toxoplasma gondii***. *Biosalud*, 10(2), 123-137.
- 3- HILL, Dolores; DUBEY, J. P. *Toxoplasma gondii*: transmissão, diagnóstico e prevenção. **Microbiologia clínica e infecção**, v. 8, n. 10, 2002.



MONKEYPOX VÍRUS: DESVENDANDO A ORIGEM DO ATUAL SURTO

Lucas Danilo de Souza Martins¹, Gustavo Bernadelli², Vicente Da Silva Borges Neto³, Kamylla Assis Lima⁴, Werick Dener Barbosa Silva⁵, Ísis Assis Braga⁶

¹ Discente – UNIFIMES (lucas_martinssouza@hotmail.com)

² Docente – UNIFIMES

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (x) Medicina Veterinária Preventiva.

Um novo surto viral na população humana tem preocupado os pesquisadores e profissionais da vigilância epidemiológica, conhecida como Varíola dos macacos, a doença tem como agente etiológico Monkeypox vírus (MPXV), pertencente à família *Poxviridae*. A zoonose foi relatada primeiramente em 1970 na República Democrática do Congo, desde então tornou-se endêmica em países da África Central e Ocidental, e o que vem chamando a atenção é a dispersão do vírus para outras localizações geográficas não endêmicas, em uma velocidade alarmante, desde a reemergência em 2022. No Brasil, o primeiro relato foi em junho, no estado de São Paulo (1), e até o momento foram notificados 2.004 casos confirmados no país (2). Tendo em vista isto, o presente trabalho busca compreender o comportamento epidemiológico do MPXV, analisando as características evolutivas e as principais consequências desta evolução, baseado em pesquisas bibliográficas publicadas no ano de 2022 sobre análise genômica do Monkeypox vírus, direcionadas pelas plataformas virtuais Pubmed e SciELO. Neste contexto, compreende-se que o MPXV está subdividido em três clados: clado I (Bacia do Congo - África Central), clado II (África Ocidental) e clado III (hMPXV-1A), sendo os dois primeiros relacionados aos casos ocorridos em áreas endêmicas da doença, e o clado III associado aos surtos descritos de 2017-2022 em regiões não endêmicas (Europa, Américas, Canadá, entre outras), apresentando divergência genética marcante em relação as linhagens ancestrais. Além do mais, os genótipos virais do clado I demonstra ser mais patogênico, com taxas de letalidade acima de 10% e alta transmissibilidade, enquanto que infecções causadas pelos genótipos do clados II e III apresentam quadros moderados a leve, taxa de mortalidade abaixo de 1% e baixa transmissibilidade. Entretanto, mesmo o atual surto tendo origem de clado III, a alta taxa de transmissão entre a população sem histórico de viagens a países endêmicos, demonstra que o vírus provavelmente tenha passado por evolução natural, adquirindo novas cadeias de transmissão. Após análise filogenética dos clados, identificou-se que o clado hMPXV-1A possui linhagens distintas, A1, A.1.1, A.2 e B.1, sendo a última correlacionada ao surto em andamento (3). A linhagem B.1, atualmente isolada, apresentam em média 50 polimorfismos de nucleotídeo único (SNPs) quando comparado às linhagens anteriores (2018-2019), sendo observado a substituição das bases nitrogenadas GA>AT por TC>TT. Uma das hipóteses é que após a vacinação contra Varíola humana ter cessado, houve a redução da proteção cruzada o que aumentou a pressão de seleção do vírus, sofrendo mutações. Acredita-se que esta característica de super mutação está relacionada à apolipoproteína B (APOBEC3), enzima produzida por humanos e animais atuando na defesa do hospedeiro e induzindo o vírus a cometer erros durante a replicação, fazendo que se autodestruam. Outras situações foram notadas neste genótipo atual,



como a presença de proteínas inibidoras da apresentação de antígenos pelo MHC-II e inibidoras da sinalização aos TLR (4). Mediante análises dos estudos genômicos e filogenéticos, conclui-se que o Monkeypox vírus passou por um processo de evolução adaptativa mais abrupta do que o esperado, o que aumentou a taxa de transmissibilidade entre os seres humanos.

Palavras-chave: Análise filogenética. Clado. Mutações. Varíola dos Macacos. Zoonose.

Referências:

- (1) CLARO, Ingra Morales; ROMANO, Camila Malta; CANDIDO, Darlan da Silva; LIMA, Evelyn Lepka de; LINDOSO, José Angelo Lauletta; RAMUNDO, Mariana Severo; MOREIRA, Filipe Romero Rebello; BARRA, Luiz Alberto Costa; BORGES, Luciana Marques Sansão; MEDEIROS, Lucas Alberto. Shotgun metagenomic sequencing of the first case of monkeypox virus in Brazil, 2022. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, [S.L.], v. 48, n. 64, p. 1-4, jul. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-9946202264048>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rimtsp/a/4K5czBsGKDtzCS6wDhKLSj/?lang=en>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- (2) MINISTÉRIO DA SAÚDE. Rede CIEVS. Centro de Operações em Emergências – COE/Monkeypox. Dados atualizados em 05/08/2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svs/resposta-a-emergencias/sala-de-situacao-de-saude/sala-de-situacao-de-monkeypox/atualizacao-dos-casos-no-brasil>. Acesso em 19 ago. 2022.
- (3) BOING, Alexandra Crispim; DONALÍSIO, Maria Rita; ARAËJO, Tânia Maria de; MURARO, Ana Paula; ORELLANA, Jesem Douglas Yamall; MACIE, Ethel Leonor. Monkeypox: o que estamos esperando para agir? **Scielo preprints** 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4519/8664>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- (4) ISIDRO, Joana; BORGES, Vítor; PINTO, Miguel; SOBRAL, Daniel; SANTOS, João Dourado; NUNES, Alexandra; MIXÃO, Verónica; FERREIRA, Rita; SANTOS, Daniela; DUARTE, Sílvia. Phylogenomic characterization and signs of microevolution in the 2022 multi-country outbreak of monkeypox virus. **Nature Medicine**, [S.L.], v. 28, n. 7, p. 1-8, 24 jun. 2022. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/s41591-022-01907-y>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-022-01907-y>. Acesso em: 16 ago. 2022.



INTOXICAÇÃO POR ORGANOFOSFORADO EM BOVINOS

Eduardo Henrique Barbacovi de Souza¹, Pedro Medeiros Aguiar², Gabriela Casseano Resende², Maria Júlia Cimadon Araújo², João Ricardo Oliveira Costa², Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discente – UNIFIMES (e-mail: eduardohenriquebarbacovedesouz@unifimes.edu.br)

² Discente – UNIFIMES Pedro Medeiros Aguiar

³ Docente – UNIFIMES Vantuil Moreira de Freitas

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (x) Medicina Veterinária Preventiva.

Os ectoparasitas são um dos principais problemas encontrados na pecuária brasileira, com eles vem uma variedade de doenças e complicações que ocasionam, desde baixa produtividade impedindo o desempenho produtivo do animal, como também, possíveis óbitos gerando grande perda econômica. Sendo assim uma das principais formas de combate, além do manejo, é a administração de produtos para controle de ectoparasitas que é o caso dos organofosforados que são utilizados como pesticidas na agricultura e controle de parasitas na pecuária². O objetivo deste trabalho é descrever a intoxicação por organofosforados, mecanismo de ação, sinais clínicos, diagnóstico, tratamento e prevenção. A metodologia foi a revisão literatura associado a experiencia dos autores. O mecanismo de ação se baseia na inibição da ação da acetilcolinesterase sobre a acetilcolina, desencadeando um aumento deste neurotransmissor na fenda sináptica e estimulando receptores colinérgicos nicotínicos muscarínicos. O *Diazinon* é um exemplo de organofosforado comumente relatado em casos de intoxicações do gênero, apresentando sinais clínicos como, incoordenação motora, agressividade, sialorreia, tremores musculares, timpanismo, diarreia, prostração e decúbito, 20 a 30 minutos após a aplicação e com até 24 horas o animal poderá vir a óbito¹. Para um diagnóstico conclusivo é necessário observar os sinais clínicos característicos da intoxicação, ter uma boa anamnese, analisar águas de bebedouros e pastagens e ainda pode-se fazer análise da enzima colinesterase. A intoxicação por organofosforados deve ser diferenciada com outras enfermidades que causam sintomas parecidos, como intoxicação por *Claviceps paspali*, raiva, botulismo e outras neuropatias. O tratamento específico deve ser rápido e consiste no uso de antídotos como a oxima e atropina. Ainda pode fazer o tratamento sintomático como fluidoterapia, protetor hepático, analgésico e controle do timpanismo. Como prevenção é recomendado fazer o uso da dosagem correta, retirar os animais da pastagem quando fazer pulverização de plantas. A maneira que o animal pode se intoxicar varia entre dosagens altas do princípio ativo muitos produtores acabam abusando de sua concentração e excedendo sua dosagem tanto pra o uso nos animais quanto nas pastagens, fazendo com que aumente o risco de intoxicação não só dos animais, mas também de quem está manejando o produto químico. Portanto, pode-se concluir que o organofosforado é um dos princípios ativos mais utilizados na pecuária, que traz grande resultado para o rebanho, porém quando utilizado



deliberadamente pelo produtor pode estar trazendo grandes perdas econômicas e riscos à saúde pública.

Palavras-chave: dosagem¹. Diazinon². parasitas³

Referências:

ALI P., ANWER A., BASHIR B., JABEEN R., HAROON H., MAKKI K. Clinical pattern and outcome of organophosphorus poisoning. **Journal of Liaquat University of Medical Health Sciences**, v. 11, n. 1, p. 15-8, 2012.

BARBOSA, J. D., OLIVEIRA, C. M., DUARTE, M., CERQUEIRA, V., RIET-CORREA, G. Intoxicação por organofosforados em rebanho de bovinos. In: **Anais Congresso Latino-Americano de Buiatria, Salvador, BA**. 2003. p. 21.



USO DE ÓLEOS EXTRAÍDOS DE PLANTAS NO CONTROLE DE CARRAPATOS

Raiany Borges Duarte¹, Lourena Marian Ribeiro², Ísis Assis Braga³

¹ Discente – UFJ (e-mail: raiany.duarte@discente.ufj.edu.br)

² Discente – UNIFIMES

³ Docente - UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

Os carrapatos atuam como espoliadores e vetores de patógenos causadores de doenças nos animais e humanos. O aumento da população de animais domésticos e a proximidade aos humanos, eleva as chances de ocorrência de zoonoses, demonstrando assim, uma relevância maior para o controle desses artrópodes. Além da questão sanitária, envolve também a saúde pública e socioeconômica em contexto geral. Compostos químicos são utilizados atualmente com resultados satisfatórios, porém, o uso indiscriminado e inadequado, têm levado a resistência por parte deles. Acaricidas e repelentes naturais com extratos de plantas, têm sido explorados cada vez mais como alternativa para substituir substâncias sintéticas que apresentam resistência e conseqüentemente eficácia comprometida, e como opção para intercalar com os sintéticos que ainda não apresentam resistência, com o intuito de adiar a mesma. Além da resistência, os acaricidas comerciais podem contaminar o meio ambiente com resíduos gerados em sua produção e a própria eliminação pelos animais, podendo ainda, causar um impacto ambiental e na saúde pública. Sendo assim, inseticidas naturais, apresentam diversas vantagens sobre os sintéticos como, rápida biodegradação, menor custo, disponibilidade mais fácil e um desenvolvimento de resistência mais lento. O presente estudo foi elaborado por meio de uma revisão de literatura com auxílio das bases de dados Google Acadêmico e PubMed, com os seguintes termos de busca: óleos essenciais; efeito acaricida de extratos de plantas; etc. Ferreira encontrou em sua pesquisa de avaliação *in vitro*, expressiva atividade carrapaticida do óleo de cravo-da-Índia (*Syzygium aromaticum*) sobre fêmeas ingurgitadas e larvas de *R. sanguineus*, sugerindo a utilização do mesmo no controle de carrapatos ou em associação aos carrapaticidas sintéticos (1). Santos relatou o uso destas plantas em teleóginas de *Rhipicephalus microplus*, *in vitro*, observando uma eficiência média de 97% para o controle das mesmas, sendo uma das melhores testadas por ele (2). Alvarez, também realizou um estudo sobre *R. microplus*, o qual obteve 100% de mortalidade das teleóginas *in vitro* (3). Selles cita diversas plantas que foram estudadas por seu efeito acaricida sobre várias espécies de carrapatos, com destaque a: *Allium sativum*; *Alpinia zerumbet*; *Arisaema anurans*; *Artemisia annua*; *Cedrus atlântica*; *Cinnamomum verum*; *Citrus hystrix*; *Cuminum cyminum*; *Cymbopogon citratus*; *Cymbopogon martinii*; *Homemade ocimum gratissimum*; *Laurus nobilis*; *Lippia gracilis*; *Lippia graveolens*; *Lippia sidoides*; *Schinus molle*, entre outras, estudadas em *R. microplus*, sendo as duas últimas, também testadas em *R. sanguineus* (4). Suraj testou a eficácia de óleo e o extrato aquoso de Neem (*Azadirachta indica*) sobre *R. sanguineus*, o qual obteve 95,3% de mortalidade de



larvas na concentração de 0,25% do extrato aquoso (5). Com este trabalho, podemos observar que alternativas de acaricidas naturais estão ganhando espaço no mercado, apresentando resultados satisfatórios, porém, os estudos na área ainda são escassos. Autores sugerem o uso intercalado ou concomitante com compostos sintéticos para retardar a resistência dos mesmos. Conclui-se, que mais pesquisas precisam ser realizadas *in vitro* e *in vivo*, para determinar a eficiência e segurança dos óleos.

Palavras-chave: Carrapaticida. Inseticida natural. Prevenção.

Referências:

1. FERREIRA F. M.; DELMONTE, C. C.; NOVATO, T. L. P.; MONTEIRO, C. M. O.; DAEMON, E.; VILELA, F. M. P.; AMARAL, M. P. H. Acaricidal activity of essential oil of *Syzygium aromaticum*, hydrolate and eugenol formulated or free on larvae and engorged females of *Rhipicephalus microplus*. **Med. Vet. Entomol.** v. 32, n. 1, p. 41-47. Mar. 2017. DOI: 10.1111/mve.12259.
2. SANTOS, A. V.; DE OLIVEIRA, R. A.; ALBURQUERQUE, G. R. Efeito In Vitro do extrato de Nim (*Azadirachta indica*) e óleo essencial de cravo (*Syzygium aromaticum*) sobre *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, v. 34, n. 2, p. 111-115, 2012.
3. ÁLVAREZ, V.; LOAIZA, J.; BONILLA, R.; BARRIOS, M. Control in vitro de garrapatas (*Boophilus microplus*; Acari: Ixodidae) mediante extractos vegetales. **Revista de Biología Tropical**, v. 56, n. 1, p. 291-302. 2008.
4. SELLES, S. M. A.; KOUIDRI, M.; GONZÁLEZ, M. G.; GONZÁLEZ, J.; SÁNCHEZ, M.; GONZÁLEZ-COLOMA, A.; SANCHIS, J.; ELHACHIMI, L.; OLMEDA, A. S.; TERCEIRO, J. M.; VALCÁRCEL, F. Acaricidal and Repellent Effects of Essential Oils against Ticks: A Review. **Pathogens**. v. 10, n. 11, p. 1379. Oct. 2021 <https://doi.org/10.3390/pathogens10111379>
5. SURAJ, R.; RAMBARRAN, R.; ALI, K.; HARBAJAN, D.; CHARLES, R.; SANT, C.; GEORGES, K.; SUEPAUL, S. A comparison of the efficacy of two commercial acaricides (fipronil and amitraz) with *Azadirachta indica* (neem) on the brown dog tick (*Rhipicephalus sanguineus*) from canines in Trinidad. **Transboundary and Emerging Diseases**. v. 67, n. 2, p. 1-7. Sept. 2019. doi:10.1111/tbed.13388



IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “NÚCLEO ACADÊMICO DE VIGILÂNCIA EM ZOOSE” PARA O MUNICÍPIO DE MINEIROS/GO

Isabella Martins Souza¹, Maria Júlia Gomes Andrade¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail: isa456ms@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

Nos últimos anos, as zoonoses (doenças transmissíveis comuns ao ser humano e aos animais) têm ganhado atenção cada vez maior em todo o mundo. Doenças humanas que têm suas origens em animais infectados, destacam a necessidade de uma melhor compreensão das doenças animais em termos de sua epidemiologia, mecanismo de transmissão ao homem, diagnóstico, prevenção e controle (1). Animais domésticos e selvagens atuam como reservatórios dos agentes etiológicos das zoonoses. Estudos soropidemiológicos descreveram zoonoses em populações humanas de diferentes áreas rurais e urbanas no Brasil. Eles mostraram a importância da adoção de medidas preventivas para as pessoas expostas à essas infecções (2). Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo destacar a importância e contribuições do projeto de extensão “Núcleo Acadêmico de Vigilância em Zoonoses” para o município de Mineiros/GO. Para tanto, foi desenvolvido um estudo descritivo e qualitativo das atividades já desenvolvidas pelo projeto, pela técnica de relato de experiência. O projeto envolve a aplicação dos conceitos de vigilância em saúde, com ênfase em Saúde Única, junto a população do município de Mineiros/GO com o intuito de reduzir a casuística das zoonoses e dos agravos à saúde decorrentes da relação próxima entre seres humanos e animais por meio de ações de educação em saúde. Tudo isso, envolvendo uma movimentação direta e protagonista de acadêmicos do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES, especialmente do curso de Medicina Veterinária, junto à comunidade. É realizado um levantamento das principais zoonoses que têm acontecido no município de Mineiros/GO. Os discentes realizam um estudo aprofundado sobre as enfermidades, identificando os principais fatores determinantes para sua ocorrência e relacionando com situações ocorrentes na cidade. A partir daí, são selecionados bairros de vulnerabilidade para ocorrências dessas zoonoses que recebem ações de educação em saúde. Para tanto, os acadêmicos desenvolvem panfletos educativos sobre a temática que são distribuídos em visitas aos moradores dos bairros. Nessas visitas, são desenvolvidos bate-papos informais com linguagem popular para conscientização dos munícipes. Adicionalmente, mediante queixa dos moradores quanto a sintomas sugestivos de determinadas zoonoses ou situações de exposição a riscos de contração dessas doenças, os integrantes do projeto orientam e encaminham as pessoas para atendimento médico. Além disso, são avaliadas as condições ambientais dos bairros que estejam favorecendo a ocorrência dessas zoonoses e assim, os integrantes do



projeto desenvolvem estratégias para controle de vetores, reservatórios e animais sinantrópicos; redução de lixos e resíduos orgânicos; e identificação de animais possivelmente infectados e direcionamento deles. Também são desenvolvidas ações de vacinação e vermifugação animal, para animais pertencentes à tutores em situação de vulnerabilidade social. Essa ação, visa promover saúde dos animais e assim evitar que transmitam doenças para as pessoas. Conclui-se assim, que as ações do projeto promovem conscientização da população sobre essas enfermidades e que impactam diretamente na redução dos casos de zoonoses e na ocorrência de agravos à saúde relacionados aos animais na cidade de Mineiros/GO, desenvolvendo cidadãos que pratiquem hábitos saudáveis nessa relação ser humano-animal, em prol da Saúde Única.

Palavras-chave: Extensionista. Medicina Veterinária. Prevenção. Vigilância. Saúde Única.

Referências:

1. ACHA, Pedro N.; SZYFRES, Boris. **Zoonoses and Communicable Diseases Common to Man and Animals: Volume 3: Parasitoses**. Pan American Health Org, 2003.
2. GONÇALVES, Daniela Dib et al. Zoonoses in humans from small rural properties in Jataizinho, Parana, Brazil. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 44, n. 1, p. 125-131, 2013.



IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO CLÍNICO EM CAVALOS

Tamires Oliveira de Oliveira¹, Rodrigo Martins Ribeiro², Débora da Silva Freitas Ribeiro³.

¹ Tamires Oliveira de Oliveira– UNIFIMES (tamiresooliveira02@gmail.com)

² Rodrigo Martins Ribeiro – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

Famoso por sua beleza, força e versatilidade os cavalos vem sendo cada vez mais utilizado hoje em dia para trabalhos, esportes, equoterapias e não deixando de ressaltar a sua importância para a produção de soros, como o soro antiofídico e outros anticorpos, com isso vem ganhando mais visibilidade nos negócios do mercado brasileiro. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Equideocultura (IBEqui), por ano, a indústria do cavalo movimentada mais de R\$ 30 bilhões no país¹. O rebanho nacional é de 5,9 milhões de cabeças, sendo o terceiro maior no mundo¹. O setor gera 3,2 milhões de empregos¹ (CAVALUS, 2022). Este trabalho tem como objetivo informar sobre a importância dos devidos cuidados e precauções que devem ser tomadas com os equinos. Foram usados como critérios de pesquisa o google acadêmico, revistas, livros, artigos e sites relacionados ao tema. O uso de equinos em esportes e trabalhos possibilita que os mesmos se fraturem com traumas mecânicos ou que sejam acometidos por enfermidades infecciosas. Muitos cavalos de trabalho, por exemplo, os carroceiros, que são animais de tração que usam sua força para realizar suas tarefas, precisam de uma alimentação e nutrição mais eficiente, entretanto não é o que acontece na realidade, pois os proprietários não enfatizam tanto esses pontos importantes, e assim acabam tendo maiores prejuízos econômicos. Cavalos que são utilizados em esportes precisam de acompanhamento veterinário, por serem mais predisponentes a terem câimbras, torções ou lesões nos membros. Com isso ressaltamos a importância do clínico na rotina de cavalos, o profissional tem como propósito manter e melhorar a saúde do animal, fazendo frequentemente a prática de avaliações visuais, observando a condição do animal, como estado nutricional, pelagem, se há presença de ectoparasitas ou algum ferimento, escore corporal, características respiratórias, comportamento, e práticas físicas como, turgor cutâneo, palpação de linfonodos, temperatura, cores das mucosas e outros parâmetros, também são feitos exames laboratoriais de rotinas como de anemia e mormo, colocando as vacinações em dia imunizando contra influenza, tétano, raiva, encefalomielite entre outras, lembrando que para fazer essas vacinações o animal precisa estar livre de qualquer tipo de parasita, desta forma é essencial que o animal tenha a vermifugação em dia, desta forma obtendo maior desempenho do animal. Mas infelizmente muitos proprietários não priorizam a saúde e cuidado dos animais, deixando com que eles não tenham acompanhamento clínico necessário. Portanto conclui-se que, que o atendimento clínico frequente em cavalos é profilaxia de suma importância para melhor desempenho animal e mais lucratividade



para o produtor, colaborando para que não haja gastos desnecessários para o mesmo e melhor qualidade de vida para o animal.

Palavras-chave: comportamento. lesões. perdas.

Referências:

1- REDAÇÃO, Cavalus. **Indústria do cavalo movimentada cerca de R\$ 30 bilhões por ano no Brasil.** Cavalus. Disponível em: <>
<https://cavalus.com.br/geral/industria-do-cavalo-movimentada-30-bilhoes/#:~:text=Segundo%20estimativa%20do%20Instituto%20Brasileiro,3%2C%20milh%C3%B5es%20de%20empregos>. Acesso em 10 agosto 2022.



EFEITOS DO TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES NA SAÚDE ÚNICA

Letícia Tidre Tonial¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail: letstonial3337@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

A Saúde Única reconhece que o equilíbrio dos ecossistemas e a conservação da biodiversidade são a chave para a saúde humana, e entende que a prevenção do surgimento de zoonoses seja baseada em soluções que considerem o bem-estar animal, humano e do planeta. O tráfico de animais silvestres atualmente é a terceira maior atividade ilegal no mundo, movimentando cerca de 10 a 20 bilhões de dólares por ano no mundo, e o Brasil representa de 5 a 15% do mercado mundial (1). Sabe-se que cerca de 75% das doenças que infectam humanos são transmitidas por animais, principalmente de vida livre, devido o desconhecimento de qualquer tipo de contato que esses animais possam ter tido com algum patógeno desde a retirada do seu habitat natural até o destino (2). Esse trabalho tem o objetivo de discutir as consequências que o tráfico da fauna silvestre pode ocasionar na Saúde Única sendo elas, ecológicas e sanitárias. Para tanto, por meio de uma revisão de literatura com consulta em base de dados científicas (SciELO, Pubmed e Google Acadêmico) buscou-se por descritores: silvestres, saúde única, tráfico. Todo animal tem uma determinada função indispensável no ecossistema, seja na cadeia alimentar, na polinização ou na dispersão de sementes, e ao retirar um indivíduo de seu habitat natural provoca um desequilíbrio nos ecossistemas, além de interferir diretamente na variabilidade genética dos animais, o que faz com que os animais respondam com mais dificuldades a mudanças no ambiente (1). Os animais silvestres relacionados ao tráfico são relevantes transmissores e disseminadores de zoonoses, isto pois na grande parte das situações sua origem não é conhecida, o que não possibilita estabelecer com quais microrganismos entraram em contato desde sua retirada da natureza até o destino final. Além disso, a relação promíscua estabelecida entre os animais e o ser humano, intensifica o risco de transmissão de doenças (3). Além disso, o estresse provocado pelo local, alimentação e transporte precários pode levar a uma imunossupressão e ocasionar o desenvolvimento de doenças que são transmissíveis para o homem e para os animais domésticos (2). Alguns dos animais que são traficados podemos citar, os macacos, aves, capivaras e quelônios, esses sendo responsáveis por serem hospedeiros de várias zoonoses como leishmaniose, tuberculose, psitacose, leptospirose, febre maculosa, salmonelose, entre outras (1). Em virtude do exposto, a educação ambiental e a conscientização da população devem ser prioridades frente ao combate do tráfico da fauna silvestre, sendo trabalhado de forma multidisciplinar por profissionais da educação, junto a veterinários e biólogos, dentre outros frente ao tráfico, desenvolvendo pesquisas a serem



apresentadas para toda a população, com o objetivo de expor os vários danos negativos que afetam, não somente os ecossistemas, mas também, a saúde pública.

Palavras-chave: Biodiversidade. Comercio ilegal. Fauna. Habitat. Zoonoses.

Referências:

1. ABDALLA, Annelise Varanda Dante. A proteção da fauna e o tráfico de animais silvestres. **Piracicabana, São Paulo, Brasil, 2007.**
2. NASCIMENTO, Amanda Araujo do. Tráfico de animais silvestres: riscos a saúde única e a atuação do cetaz-centro de triagem de animais silvestres. 2021.
3. BARBOSA, Carolina Berteli F.; SANCHES, Lilian Aparecida; FREIRE, Marina Rodrigues. Zoonoses transmitidas por animais silvestres oriundos do tráfico. **Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo**, v. 9, 2014.



INTOXICAÇÃO POR URÉIA EM RUMINANTES

Anielly Gonçalves Oliveira¹, Ulisses Resende Carvalho²

¹ Discente – UNIFIMES (aniellyoliveira102@gmail.com)

² Docente – UNIFIMES Vantuil Moreira de Freitas

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (x) Medicina Veterinária Preventiva.

¹A uréia é uma fonte de nitrogênio não proteico, ou seja, é um composto contendo nitrogênio, mas não é constituído de proteínas, porém há crescimento de microrganismos e maior digestão microbiana. É muito utilizada na época das secas, quando se tem menor produção vegetal e baixo percentual de proteína no pasto. Por outro lado, alguns pecuaristas receiam utilizar esse recurso, devido a sua facilidade em causar intoxicação aos animais, se fornecida em grandes quantidades, ou má adaptação dos animais ou ainda erros no fornecimento. O presente trabalho tem como objetivo revisar sobre o uso da uréia na alimentação dos ruminantes, com ênfase nos sinais clínicos, diagnóstico, prognóstico, tratamento e prevenção, com base nos dados apresentados no Google acadêmico e artigos científicos online. ²A intoxicação ocorre quando animais ingerem altas doses de ureia na dieta sem adaptação ou além da capacidade de aproveitamento das bactérias. O excesso de uréia é convertido em amônia, que é responsável pelos sinais de toxidez. Os sinais clínicos iniciam entre 20 a 30 minutos após a ingestão, e ocorrem mioclonia, contração das orelhas, tetania, enrijecimento dos membros anteriores, ataxia, sudoração excessiva, prostração, espasmos violentos e convulsões. São animais que igualmente podem apresentar apatia, micção e defecações frequentes. Pode ocorrer timpanismo e dores abdominais, dispneia, asfixia, congestão e edema pulmonar e colapso circulatório e morte. O diagnóstico é baseado no histórico clínico (erros no manejo nutricional), nos sinais clínicos apresentados pelo animal, exame laboratorial ao detectar altos valores de amônia no plasma e no fluído ruminal e achados da necrópsia. O prognóstico é desfavorável e vai depender do início dos sinais clínicos e da evolução dos mesmos. É indicado para o tratamento o uso de 3 a 5L de ácidos fracos como vinagre ou ácido acético 5%, a sonda oroesofágica, para aliviar a compressão de gases por causa do timpanismo, tomando os devidos cuidados para evitar uma possível falsa via. A água gelada em grandes quantidades (20-40 L/animal) pode ser usada para reduzir a temperatura ruminal e diminuir a atividade da urease. O uso de ácidos fracos (vinagre ou ácido acético 5%, 3 a 6L por 7 animal adulto, a cada 6 ou 8 horas) além de baixar o pH, diminui a hidrólise da uréia e formam compostos com a amônia (acetato de amônia), reduzindo assim sua absorção. Conclui-se que é de suma importância para conscientizar o produtor que o ponto chave da prevenção é o manejo alimentar. É prudente tomar certos cuidados ao fornecer uréia para os ruminantes, como: adaptar esses animais ao consumo da uréia (monitorando sempre), deve ser fornecida de forma homogênea, usar cochos cobertos, não dissolver a uréia em bebedouros e ter uma boa suplementação mineral.

Palavras-chave: Uréia¹. Ruminante². Timpanismo³.



Referências

- ANNISON EF; BRYDEN WL. Perspectives on ruminant nutrition and metabolism II. Metabolism in ruminant tissues. Nutrition Research Reviews. 12: 147-177. 1999
- BARTLEY EE; DADIVOVICH A; BARR GW; GRIFFEL GW; DAYTON AD; DEYOE CW;
- BETCHLE RM. Ammonia toxicity in cattle I. Rumen and blood change associated with toxicity and treatments methods. Journal Animal Science. V43 n 4. 835-841. 1976



PROGRAMAS DE CASTRAÇÃO: DA REALIDADE A NECESSIDADE

Monique Resende Carvalho¹, Lara Giovana Diniz², Priscila Chediek Dall'Acqua³, Eric Mateus Nascimento de Paula³, Andresa de Cássia Martini Mendes⁴

¹ Discente de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. (E-mail: monique_r_c@academico.unifimes.edu.br)

² Médica Veterinária, Agente Técnico Administrativo – UNIFIMES.

³ Docente de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Campus Mineiros.

⁴ Docente de Medicina do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Campus Trindade.

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

O convívio entre humanos e animais é grandemente presente em todo o globo, não diferentemente no Brasil, na qual estima-se que, segundo a Agência Senado (2020), existam quase 140 milhões de animais distribuídos entre cães, gatos, aves, peixes e até répteis, e destes, cerca de 56%, são cães e gatos, demonstrando a grande predileção dos mesmos como animais de estimação, conseguindo ultrapassar a quantidade de crianças nos lares brasileiros (1). Frente a isso, o crescente número de animais abandonados é uma importante preocupação para as autoridades de Saúde Pública e bem-estar animal em âmbito mundial em virtude, dentre outros, da capacidade de transmissão de algumas zoonoses (2). O objetivo deste trabalho é consumir as vantagens da realização da castração para a sociedade e para os animais, para isto foram analisados trabalhos em plataformas como PubMed, *Google Scholar* e *Scielo*, além da plataforma Leis Estaduais. A castração apresenta inúmeras vantagens podendo promover a prevenção de neoplasias, doenças do trato reprodutivo, hiperplasias, consegue promover o equilíbrio endócrino e outras doenças não relacionadas à reprodução, desencadeia aumento na expectativa de vida do animal, reduz problemas comportamentais associados aos hormônios sexuais, como monta, marcação territorial ou agressividade, comportamento de fuga e ansiedade de separação, além de reduzir riscos de doenças com potencial antroponozoonótico (3). No Brasil, poucos são os municípios que possuem uma estrutura administrativa e técnica para atender e solucionar a problemática de animais errantes que geram problemas de saúde pública. Mediante esses fatos, na plataforma Leis Estaduais (2022) ao analisar as possíveis leis existentes no cenário municipal e estadual, do centro-oeste brasileiro, por meio da palavra-chave “castração”, foram encontrados 53 atos de leis municipais no estado do Mato Grosso (MT) e nenhuma estadual; no estado do Mato Grosso do Sul (MS) foram encontrados 1 ato de lei estadual e 21 atos de leis municipais; já no estado de Goiás (GO) foram encontrados 2 atos nas leis estaduais e 18 municipais: nas cidades de Serranópolis, Iporá, Goiânia, Senador Canedo, Orizona, Trindade e Anápolis (4). Partindo desse pressuposto, ações efetivas de esterilização cirúrgica de pequenos animais devem ser estimuladas, uma vez que são amparadas pela lei estadual do estado de Goiás, para a solução de problemas como a superpopulação de animais errantes, semidomiciliados e



domiciliados. Ainda é necessário a realização de parcerias entre Instituições de Ensino e Prefeituras para realização de campanhas de educação que fomentem a guarda responsável de animais de companhia, para promoção de Saúde Pública nos municípios, além da expansão desses programas para um aglomerado maior de cidades.

Palavras-chave: Esterilização Cirúrgica. Políticas Públicas. Saúde Pública.

Referências:

- (1) SANTOS, F. J. D., 2021. BENEFÍCIOS DA CASTRAÇÃO CIRÚRGICA EM PEQUENOS ANIMAIS DOMÉSTICOS: CÃES E GATOS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Regional do Brasil, como requisito parcial para obtenção do grau de Médico Veterinário. Barreiras, 2021. Disponível em: <<http://dspace.unirb.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/163/TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>
- (2) NEPOMUCENO, L. A., 2018. MEDICINA VETERINÁRIA DO COLETIVO: CONTROLE POPULACIONAL DE CÃES E GATOS EM ÁREA URBANA COM VISTAS AO BEM-ESTAR ANIMAL. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Medicina Veterinária do UNIFORMG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária. Formiga, 2018. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.uniformg.edu.br:21015/xmlui/bitstream/handle/123456789/632/TCC_LaisyAmaroNepomuceno.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- (3) ALVES, B. F. A.; HEBLING, L. M. G. F. Vantagens e desvantagens da castração cirúrgica de cães domésticos: Uma revisão integrativa de literatura. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n.9, p.73157-73168, sep. 2020. ISSN 2525-8761. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17458/14170>>
- (4) LEGISLAÇÃO ESTATUAL DE GOIAS. LEI ORDINÁRIA Nº 21104, DE 23 DE SETEMBRO DE 2021. Disponível em: < <https://leisestaduais.com.br/go/lei-ordinaria-n-21104-2021-goias-institui-o-codigo-de-bem-estar-animal-e-da-outras-providencias>>



RAIVA DOS HERBÍVOROS

Larissa Souza Pimentel¹, Mirele Oliveira de Freitas², Diego Ferreira de Moraes Costa², Raquel Fernandes Silva², Vantuil Moreira de Freitas³

¹ Discente– UNIFIMES (e-mail: larissapimentelsouza@academico.unifimes.edu.br)

² Discente– UNIFIMES

³ Docente– UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho:

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

A raiva é uma doença infectocontagiosa, causada pelo Vírus do gênero *Lyssavirus*, da família *Rhabdoviridae*, caracterizada pela alta letalidade, é uma zoonose importante em saúde pública e causa encefalite aguda em mamíferos. O objetivo deste trabalho foi descrever a etiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico e prevenção da raiva dos herbívoros. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica em sites e artigos científicos on-line, cuja base metodológica foi o google acadêmico. A raiva pode ser transmitida para o homem principalmente por cães e morcegos, determinando o ciclo urbano e silvestre. A inoculação do vírus ocorre pela mordedura de um animal infectado, em que há presença do vírus na saliva, e multiplica-se nas fibras nervosas periféricas, e posteriormente, atinge o sistema nervoso central causando encefalite aguda progressiva até a morte do paciente. O período de incubação é variável, em média de 45 dias no homem, e de 10 dias a 60 dias no cão. A raiva dos herbívoros tem como principal transmissor do vírus o morcego hematófago *Desmodus rotundus*. A epidemiologia da raiva tem caráter socioambiental, principalmente por mudança no habitat de morcegos hematófagos em decorrência de desmatamentos, modificações e aplicações das atividades econômicas antropológicas aplicadas no meio ambiente. Os herbívoros são hospedeiros acidentais do vírus da raiva, e não são potenciais transmissores do vírus; nestes animais a manifestação clínica da encefalite é incoordenação motora, paralisia, prostração e morte. O diagnóstico baseia na história e sinais clínicos e deve ser confirmado por exames laboratoriais. De acordo com a instrução normativa nº 5 de março de 2002, a prevenção da raiva dos herbívoros deve ser feita pela vacinação com vírus inativado, na dosagem de 2 ml por via subcutânea ou intramuscular. A vacinação compulsória é prescrita em casos de ocorrência de focos do vírus na região, devendo preconizar bovinos e equinos de, no mínimo, três meses de idade. Acrescente-se o controle do morcego hematófago *Desmodus rotundus*, por meio de anticoagulantes, em especial a warfarina.

Palavras-chave: vírus Rabdovírus, zoonose, *Desmodus rotundus*, vacinação.

Referências: NOVAIS, Bruna A. F. Raiva em bovinos- revisão de literatura. Faef revista, 2013. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/Ef49iT3DhEskNhl_2013-5-28-15-23-47.pdf



VII SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA

09 e 10 de Setembro de 2022
Mineiros-GO



Raiva que cala: doença silenciosa em bovinos pode levar até dois meses para se manifestar: Enfermidade nos animais é fatal e prevenção está ligada a vacinação anual. Canal do boi, 2019. Disponível em:

<https://sba1.com/noticias/noticia/7331/Raiva-que-cala-doenca-silenciosa-em-bovinos-pode-levar-ate-dois-meses-para-se-manifestar>

Prevenção é a melhor atitude contra a raiva bovina. Fundação Roge, 2017.

Disponível em: https://www.fundacaoroge.org.br/blog/preven%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-a-melhor-atitude-contr-a-raiva-bovina?hs_amp=true



ASPECTOS GERAIS DA INFECÇÃO PELO VÍRUS DE NIPAH

Célio Gregório Klein¹, Américo Bruno Borges Neto¹, Celeste Marizes Da Silva¹,
Ronielson Soares Garcia¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (celiok27@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

O vírus Nipah é uma zoonose emergente com potencial para causar morbidade e mortalidade significativas em humanos e grandes impactos econômicos e de saúde pública. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o vírus Nipah é uma doença de notificação obrigatória de importância para o comércio internacional (1). Com base nessas informações, este trabalho tem como objetivo descrever seu histórico, etiopatogenia, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento do Nipah. Para isso, uma revisão foi realizada buscando-se artigos nas principais plataformas de bases Pubmed, SciELO, Scopus, Science direct e google acadêmico e os descritores utilizados foram Nipah, Nipah vírus, zoonose, epidemia regional. A infecção pelo Nipah vírus (NiV) foi descoberta nas aldeias da Malásia ocidental em setembro de 1998. Os casos iniciais foram atribuídos a Encefalite Japonesa B, devido a um surto na suinocultura local. Mais tarde foi descoberto que se tratava de um novo vírus que, possuía como reservatórios naturais morcegos frugívoros (*Artibeus lituratus*) (2). A definição do nome Nipah se deve ao local de origem, o vilarejo de Sungai Nipah, estado de Negeri Sembila (3). Nipah é um vírus envelopado com genoma RNA de fita simples, do gênero *Henipavirus* e família *Paramyxoviridae* (4). Os morcegos frugívoros, porcos, cavalos, cães, gatos e humanos são as principais espécies acometidas. A infecção pode ocorrer de forma direta ou de forma indireta, quando há o contato com a seiva da tamareira ou por meio do consumo da carne de animais de produção que fizeram a ingestão de alimentos contaminados pelo vírus (3). Os sinais clínicos em seres humanos são fraqueza, mialgia, febre alta, dor de cabeça e garganta, assemelhando-se a gripe, podendo evoluir para perda de percepção espacial, sensações de sonolência entre outros sinais neurológicos. O principal teste utilizado para o diagnóstico é o RT-PCR, por ser mais sensível e específico. Não há nenhum fármaco eficaz para humanos e animais, sendo, portanto, limitado apenas a tratamentos suporte e profiláticos. A prevenção é dificultada pois não possui vacina, à conscientização da população por meio de palestras educativas sobre saúde orientadas por médicos veterinários, planejamentos para evitar superpopulações de suínos em fazendas, evitar consumo de carnes e frutas contaminadas e não ter contato direto com o vírus são as melhores formas de prevenção (1,2). Baseado no exposto, conclui-se que é necessário estar atento a cada ameaça de vírus com potencial pandêmico. É relevante que se conheça os sintomas das zoonoses e melhore sua prevenção nos locais de provável início visto que o desenvolvimento de vacinas demanda tempo.



Palavras-chave: Doença emergente. *Henipavirus*. Zoonoses.

Referências:

1. GIANGASPERO, Massimo. Nipah virus. **Trop Med Surg**, v. 1, n. 129, p. 2, 2013.
2. ANG, Brenda SP; LIM, Tchoyoson CC; WANG, Linfa. Nipah virus infection. **Journal of clinical microbiology**, v. 56, n. 6, p. e01875-17, 2018.
3. SKOWRON, Krzysztof et al. Vírus Nipah – Outra ameaça do mundo dos vírus zoonóticos. **Frontiers in Microbiology**, v. 12, 2021.
4. SHARMA, Vikrant et al. Emerging trends of Nipah virus: A review. **Reviews in medical virology**, v. 29, n. 1, p. e2010, 2019.



FEBRE HEMORRÁGICA DA CRIMEIA-CONGO E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE PÚBLICA

Bruna Rita Conceição Guimarães¹, Guilherme Moreno Carafini¹, Henrique Borges Dos Santos¹, Agezimar Martins Fernandes Junior¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES ([e-mail:brunalive26@hotmail.com](mailto:brunalive26@hotmail.com))

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

A febre hemorrágica da Crimeia-Congo é uma doença de caráter zoonótico que possui distribuição cosmopolita podendo atingir diversas espécies de animais e humanos gerando um impacto gigantesco na saúde pública mundial (1). O objetivo deste presente estudo é descrever acerca do impacto desta enfermidade sobre a população global. Neste contexto, realizou-se uma revisão de literatura utilizando-se algumas plataformas de dados, tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, como: Google Scholar, Pubmed, Scielo, Periódico Capes, Science Direct, por meio de algumas estratégias de busca como: Febre, Hemorrágica, Criméia e Congo. Esta zoonose é causada por um vírus do gênero Nairovirus da família *Bunyaviridae*. A doença manifesta-se de forma assintomática nos animais e nos humanos manifesta de forma mais grave. No século 12, esta enfermidade era descrita como uma síndrome hemorrágica e posteriormente após a segunda guerra mundial, foi denominada como febre hemorrágica da Criméia, pois ela acometeu diversos militares na região da criméia no leste europeu. Nos últimos anos, essa infecção tem sido relatada em regiões de baixo nível socioeconômico e sanitário como em países da África, Ásia, Europa Oriental e Oriente Médio, devido a estes países terem sistemas de saúde frágeis, deste modo se torna indispensável capacitação dos profissionais de saúde e conscientização da população a respeito desta zoonose (1). Em geral os seres humanos são infectados por meio do contato direto com o carrapato infectado com o vírus, mas a infecção também pode ser transmitida por via cutânea ou por mucosas, contato com sangue, tecidos de animais além da ingestão de leite não pasteurizado, também pode ocorrer a transmissão entre humanos quando ocorre contato entre pele e mucosas, sangue e fluidos corporais por meio do contato direto entre humanos, sendo uma outra forma de transmissão a via transplacentária da mãe para o feto (2). Em humanos diagnosticados com esta patologia os principais sinais clínicos encontrados são febre alta, mialgia, dor de cabeça, dor abdominal, diarreia não sanguinolenta, náusea (3). Portanto podemos concluir que devido as condições precárias de saúde e de políticas públicas falhas, além da falta de educação em saúde da população, favorecem a propagação deste vírus de alta disseminação e letalidade. Neste contexto é de suma importância o desenvolvimento de ações em saúde pública visando diminuir a contaminação e a circulação do vetor viral, tendo em vista a reduzir a incidência desta zoonose de grande preocupação mundial.

Palavras-chave: Nairovirus. Carrapato. Zoonoses.



Referências:

- (1) MISHRA, Baijayantimala; APPANNANAVAR, Sumab. An update on Crimean Congo hemorrhagic fever. **Journal Of Global Infectious Diseases**, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 285, 2011.
- (2) NASIRIAN, Hassan. New aspects about Crimean-Congo hemorrhagic fever (CCHF) cases and associated fatality trends: a global systematic review and meta-analysis. **Comparative Immunology, Microbiology And Infectious Diseases**, [S.L.], v. 69, p. 1-19, abr. 2020. Elsevier BV.
- (3) WHITEHOUSE, C. Crimean Congo hemorrhagic fever. **Antiviral Research**, [S.L.], v. 64, n. 3, p. 145-160, dez. 2004. Elsevier BV.



FEBRE DO VALE DO RIFT E SEUS IMPACTOS EM SAÚDE ÚNICA

Rafael Furtado Martins¹, Luis Felipe Silva Ribeiro Delazeri¹, Elson Júnio Rodrigues Moraes¹, Vicente da Silva Borges Neto¹, Israel Carlos de Almeida¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (rafaelkdt2913@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

A Febre do Vale do Rift (RVF), é uma doença viral infecciosa de caráter zoonótico, que é transmitido por várias espécies de mosquitos (1). Foi desvendada primeiramente no Quênia em 1930, causando surtos também em Madagascar, Península Arábia e em toda África (2). O vírus responsável por essa doença é altamente contagioso para ruminantes como bovinos, ovinos, caprinos e seres humanos. O presente estudo tem como objetivo descrever a epidemiologia da RVF, destacando os sinais clínicos e prevenções dela. Para a confecção deste trabalho foi desenvolvida uma revisão de literatura, utilizando plataformas como Scielo, pubmed e google acadêmico; sendo utilizados os descritores: febre, Vale do Rift, endemia. A RVF é causada por um arbovírus que pertence ao gênero *Phlebovirus*. A principal fonte de infecção para os hospedeiros é pelo repasto sanguíneo feito pelo mosquito infectado (3). O clima é um dos fatores determinantes para a propagação da doença, uma vez que a população de mosquitos é crescente em épocas chuvosas, pois o vírus suporta a época seca do ano vindo a sua eclosão na época úmida do ano. Essa doença pode ser caracterizada por elevadas taxa de mortalidades (2). Os sinais clínicos podem ser variados de acordo com a espécie, idade e raça do animal. Em humanos, pode apresentar estado febril com temperatura entre 40°C a 42°C, anorexia, secreção nasal mucopurulenta com rajadas de sangue e icterícia. Já, nos animais, o principal sinal clínico é o abortamento. Para o efetivo diagnóstico, podem ser desenvolvidos testes como ELISA, imunofluorescência, virusneutralização etc. O uso da vacina em animais pode dificultar a expansão do vírus e proteger as pessoas, existindo vacinas atenuadas e inativadas (3). Mesmo não sendo praticado, o controle de vetores é uma excelente medida preventiva. Os casos de RVF levam a exacerbadas consequências socioeconômicas a nível local e nacional, além do que se pode elevar os custos direto da morbidade e morte humana. Os criadores animais também têm um grande prejuízo, por exemplo na queda da produção (1). Portanto, nota-se que este é um vírus de importância por ter alta taxa de contágio e sem tratamento. Por isso faz-se necessário a prevenção do ambiente, animais e seres humanos, evitando assim as perdas socioeconômicas e principalmente poupando a vida dos seres.

Palavras-chave: Arbovirose. Phlebovirus. Zoonoses.



Referências:

- (1) WRIGHT, Daniel et al. Rift Valley fever: biology and epidemiology. **Journal of General Virology**, v. 100, n. 8, p. 1187-1199, 2019.
- (2) BIRD, Brian H. et al. Multiple virus lineages sharing recent common ancestry were associated with a large Rift Valley fever outbreak among livestock in Kenya during 2006-2007. **Journal of virology**, v. 82, n. 22, p. 11152-11166, 2008.
- (3) LINTHICUM, Kenneth J.; BRITCH, Seth C.; ANYAMBA, Assaf. Rift Valley fever: an emerging mosquito-borne disease. **Annu Rev Entomol**, v. 61, n. 1, p. 395-415, 2016.



ASPECTOS GERAIS E ZONÓTICOS DA FEBRE DE LASSA

Jayne Fernandes Souza Lima¹, Bruna da Silva Nogueira¹, Andressa Gonçalves Rodrigues¹, Katielly Ferreira Carvalho¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES (e-mail: jayne_fernandes@hotmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (X) Medicina Veterinária Preventiva.

A Febre de Lassa, também conhecida como febre hemorrágica, é uma doença causada por vírus da família *Arenaviridae*, do gênero *Mammarenavirus*, comumente chamado de vírus Lassa (LASV). A sua transmissão ocorre principalmente por inalação ou ingestão de excrementos de roedores contendo vírus. É uma doença com maior incidência na região da África do Sul, possuindo variados sintomas desde os mais leves aos mais graves, levando a uma alta incidência de letalidade, ocasionando entre 5.000 e 10.000 mortes humanas (1). Portanto, o objetivo do presente resumo é discorrer sobre as principais informações dessa enfermidade, abordando os sinais clínicos, transmissão e prevenção. Para tanto, se fez uma revisão de literatura, a partir de artigos científicos publicados nos últimos dez anos. Os principais sintomas são cefaleia, mal-estar, febre, tosse, diarreia, vômito, dor abdominal, fraqueza e dores articulares, visto que de 6 a 21 é o período de incubação e após 10 dias dos sintomas se não houver nenhuma melhora pode vir a ocorrer a fase crítica da doença com febre hemorrágica, sangramentos externos (nasal, oral, vaginal), convulsões, pressão arterial baixa, chegando ao coma seguido de morte (2). A transmissão ocorre por meio dos roedores *Mastomys natalensis*, sendo este o principal reservatório do LASV, *Hylomyscus pamfi* e *Mastomys erthrocyclus* considerados como reservatórios adicionais. O vírus é transmitido aos seres humanos por contato com fezes, urinas, sangue, alimentos contaminados, podendo também ser transmitida de humano para humano de forma direta, ocorrendo normalmente em área de atendimento à saúde (3). Estudos apontam algumas estratégias de prevenção, porém não foram comprovadas cientificamente em humanos. Dentre elas está a vacina com o vírus da estomatite vesicular, pela rápida indução de imunidade segundo experimento realizado com Porquinhos da Índia, com 71% de proteção após um ano. Têm-se também o monofosfato de ribavirina, que interrompe a replicação do vírus, sendo esse experimento realizado em uma espécie de macaco *Rhesus*, obtendo-se bons resultados, porém camundongos e macacos *Cynomolgus* não se observou eficácia (4). Portanto, considera-se que a Febre de Lassa é uma zoonose com alto potencial de disseminação, por não haver tratamento eficaz e prevenção comprovada cientificamente, podendo ser pelo fato de que doenças como gripe, malária, febre tifoide tem seus sinais clínicos semelhantes no início. Além disso, falta uma atenção especial de profissionais da área da saúde e informações para população seguida de conscientização sobre essa enfermidade, uma vez que a mesma possui potencial de ser tornar uma pandemia.



Palavras-chave: Arenavírus. Febre Hemorrágica. Infecção. Roedores. Zoonoses.

Referências:

1. RUSSIER, Marion; PANNETIER, Delphine; BAIZE, Sylvain. Immune responses and Lassa virus infection. **Viruses**, v. 4, n. 11, p. 2766-2785, 2012.
2. GOWEN, Brian B. et al. Potent inhibition of arenavirus infection by a novel fusion inhibitor. **Antiviral Research**, v. 193, p. 105125, 2021.
3. HAPPI, Anise N.; HAPPI, Christian T.; SCHOEPP, Randal J. Lassa fever diagnostics: past, present, and future. **Current opinion in virology**, v. 37, p. 132-138, 2019.
4. HANSEN, F. et al. Lassa Virus Treatment Options. **Microorganisms**, 9, 772, 2021.



TUBERCULOSE BOVINA

Mirele Oliveira de Freitas¹, Larissa Souza Pimentel², Diego Ferreira de Moraes Costa³, Raquel Fernandes Silva⁴, Vantuil Moreira de Freitas⁵

¹ Discente– UNIFIMES (e-mail: mireleoliveirafreitas@gmail.com)

² Discente– UNIFIMES

³ Discente– UNIFIMES

⁴ Discente– UNIFIMES

⁵ Docente– UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

() Produção e Reprodução Animal;

() Clínica Médica e Cirúrgica Animal;

(X) Medicina Veterinária Preventiva.

A tuberculose bovina é uma enfermidade infectocontagiosa provocada pela bactéria *Mycobacterium bovis*. É caracterizada como uma zoonose, cosmopolita, evolução crônica, debilitante, manifestação comumente subclínica, mas pode se apresentar de forma clínica e aguda. O objetivo deste trabalho é descrever a etiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico e prevenção da tuberculose bovina. A metodologia foi realizada uma revisão de literatura em livros e artigos científicos on-line. Os fatores predisponentes são a aglomeração, condições de estresse e imunossupressão e a presença de animais portadores assintomático. A porta de entrada pode ser via respiratória por meio da inalação, ou via digestória pela ingestão de alimentos contaminados; o bacilo pode ser transmitido por meio do contato com corrimento nasal, fezes, leite, secreções vaginais e uterinas, urina e sêmen. Os sinais clínicos podem ser atraso no crescimento, queda no desempenho produtivo, presença de doenças secundárias, debilidade e eventualmente tosse e linfadenopatia. São relatadas expressivas perdas econômicas, principalmente à queda de produtividade e condenação de carcaça em frigoríficos. Além disso, organismos infectados são potenciais transmissores da doença ao ser humano, sendo um grave problema de saúde pública. O diagnóstico recomendado é o teste da tuberculização intradérmico. Deve-se aplicar 0,1 ml da tuberculina por via intradérmica na prega ano caudal em bovinos de corte e na região da escápula em gado leiteiro. No Brasil, em 2001, foi oficializado o Programa Nacional de Controle e Erradicação de Brucelose e Tuberculose, o qual visa a redução da prevalência e incidência de tuberculose e brucelose no país. Recomenda-se o uso do teste tuberculínico para o diagnóstico, seguido de eliminação por meio do abate sanitário dos animais positivos, sendo a carne não utilizada na alimentação humana e comercialização de animais não reagentes. Infelizmente não existe vacina nem tratamento para a tuberculose bovina, portanto, é de extrema importância que o produtor leiteiro tenha um manejo sanitário rigoroso visando diminuir riscos da presença da infecção no rebanho.

Palavras-chave: bovinos leiteiros, *Mycobacterium bovis*, zoonose.

Referências: A.P. Ruggiero. TUBERCULOSE BOVINA: ALTERNATIVAS PARA O DIAGNÓSTICO. Scielo, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/aib/a/ZhsmqNDvsDHtkBBzXcQQWDJ/?format=pdf&lang=pt>



Tuberculose em bovinos: sintomas e prevenção. Fundação Roge, 2020. Disponível em <https://www.fundacaoroge.org.br/blog/tuberculose-amea%C3%A7a-para-o-rebanho-leiteiro#:~:text=%C3%89%20uma%20doen%C3%A7a%20causada%20pela,que%20impacta%20na%20sa%C3%BAde%20p%C3%ABlica.>



TOXOPLASMOSE CONGÊNITA: INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA A COMUNIDADE

Celeste Marizes da Silva¹, Eric Mateus Nascimento de Paula²

¹ Discente – UNIFIMES (celeste_marizes@hotmail.com)

² Docente – UNIFIMES

Eixo de enquadramento do trabalho (assinale com “X” apenas um eixo):

- Produção e Reprodução Animal;
- Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- Medicina Veterinária Preventiva.

A toxoplasmose é uma zoonose protozoária de importância global, sendo causada pela infecção pelo protozoário *Toxoplasma gondii*, que afeta uma ampla gama de hospedeiros e resulta em alta morbidade e mortalidade em grupos específicos. Tradicionalmente o gato doméstico é conhecido como o vilão, sendo a principal fonte de infecção do *T. gondii* (1). Com base nisso, o objetivo desse trabalho é esclarecer as principais formas de transmissão do *T. gondii*, métodos de diagnóstico e tratamento da toxoplasmose no cenário brasileiro. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO, sendo os seguintes descritores utilizados na pesquisa: “gestantes”, “formas de transmissão”, “toxoplasmose” e “zoonose”. Assim, foram obtidos artigos e teses publicados entre 1985 e 2022. Por fim, os arquivos que apresentaram duplicidade de informações foram excluídos. No Brasil, há relatos de vários surtos da doença devido a oocistos na água ou produtos implicados como fonte comum de exposição (2). Sendo que vários fatores que contribuem para os padrões de transmissão de toxoplasmose no Brasil são provavelmente representativos de outras regiões epidêmicas e/ou endêmicas de *T. gondii*, os quais incluem infraestrutura precária para tratamento de água e esgoto e acesso inadequado aos cuidados de saúde (3). A transmissão ocorre quando a gestante ingere o oocisto esporulado de *Toxoplasma gondii* presentes em alimentos contaminados ou água, levando a doença grave no feto devido ao tropismo do toxoplasma ao tecido nervoso. É recomendada a triagem pré-natal durante a gestação, com o objetivo de iniciar o mais precocemente possível o tratamento. Em caso positivo, deve ser notificada ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). O diagnóstico do recém-nascido, é feito para detecção de imunoglobulinas dos tipos IgM ou IgA específicas para toxoplasma ou detecção de moléculas de DNA do parasito no líquido cefalorraquidiano (LCR), ou pesquisa no líquido amniótico por taquizoítas se houver suspeita de infecção neonatal. O tratamento indicado no primeiro trimestre de gestação não tem um protocolo definido, variando bastante, mas usa os mesmos fármacos em todo o mundo. Concluímos que as formas de transmissão dessa zoonose e a gravidade das sequelas possíveis aos recém-nascidos, podem ser minimizadas com um cuidado nas unidades de saúde por médicos treinados. Sabemos que é uma doença com ampla distribuição mundial que precisa de prevenção cuidadosa.

Palavras-chave: Infecção. Protozoário. Transmissão.

Referências:



1 BRÁS, M., O., M. "**Prevenção Primária da Toxoplasmose na Gravidez: uma revisão sistemática.**" Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, 2019.

2 FERREIRA, Fernanda Pinto et al. The effect of water source and soil supplementation on parasite contamination in organic vegetable gardens. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinaria**, v. 27, p. 327-337, 2018.

3 EL BISSATI, Kamal et al. Global initiative for congenital toxoplasmosis: an observational and international comparative clinical analysis. **Emerging microbes & infections**, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2018.

4 TORQUATO, João Vitor Monteiro Bastos et al. Toxoplasmose e gestação: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 35265-35272, 2022.



PARASITISMO POR *LERNAEA* NOS SISTEMAS DE PISCICULTURA DO BRASIL

Ronielson Soares Garcia¹, Mollynsk Oliveira Araújo¹, Crislielle Nunes Souto²

- () Produção e Reprodução Animal;
- () Clínica Médica e Cirúrgica Animal;
- (x) Medicina Veterinária Preventiva.

A piscicultura brasileira teve um salto de 38,7% nos últimos 6 anos e com isso cresce a importância do controle sanitário, visto que ectoparasitas podem causar sérios danos à saúde dos peixes com consequente perdas econômicas (1). Com base nessas informações, este trabalho tem como objetivo a definição da etiopatogenia, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento da *lernaea*. Para isso, uma revisão sistêmica e rigorosa foi realizada incluindo os seguintes aspectos: i) dados da literatura teórica e prática; ii) busca de artigos nas principais plataformas de dados; iii) matérias no recorte temporal; iv) materiais textuais disponíveis em formato eletrônico e gratuito. A *lernaea spp.* foi trazida ao Brasil por meio da importação de carpas (*cyprinus carpio*) da Ásia e possui alta disseminação nos animais causando estresse, má nutrição, retardamento no crescimento e até morte. É um crustáceo da família copépodes com predileção de parasitismo na base de nadadeiras, boca, brânquias e tegumentos. A infecção é realizada pela fêmea na fase cicloipida, caracterizada por penetração na pele, onde ocorre metamorfose da região cefálica do parasita formando estruturas em âncoras para a fixação no hospedeiro, sua fixação acarreta hemorragia e lesões locais as quais se tornam porta de entrada a agentes bacterianos e fúngicos (2). Durante a infestação os sinais clínicos mais observados são anorexia, perda de peso, apatia, letargia, natação errática e lateralizada (3,4). Tratamentos *off label* tais como permanganato de potássio, combinação de cal virgem e kmno^4 são indicados. Além do tratamento medidas de prevenção e controle são indispensáveis para o manejo dos animais, atividades como planos profiláticos bem elaborados, quarentena e desinfecção de animais recém adquiridos, secagem e limpeza de equipamentos utilizados em manejo e observação diária de tanques (4). A *lernaea* encontra-se espalhada amplamente pelo mundo e é reconhecida pelos grandes prejuízos econômicos causado, por isso, buscar auxílio a profissionais da área e seguir boas práticas de manejo sanitário torna-se indispensável afim de evitar e controlar sua propagação nos sistemas de produção.

Palavras-chave: Aquicultura. Infestação. Verme Âncora.

Referências:

1 PEIXE-BR. Anuário Peixe Br da Piscicultura 2020. **Associação Brasileira de Piscicultura**, p. 1–136, 2020.

2 BASTOS, P. A. M. B.; SÃO CLEMENTE, S. C. DE; LIMA, F. C. DE. Aspectos anatomo-patológicos da parasitose por *Lernaea cyprinacea* (L.). (Crustacea: Copepoda) em tambaqui (*Colossoma macropomum* Cuvier, 1818). **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 3, n. 1, p. 15–21, 1996.



3 BARROSA, M. A. *et al.* *Lernaea cyprinacea* Linnaeus , 1758 (Cyclopoida : Lernaeidae) em peixes ornamentais de uma piscicultura comercial no estado de Pará , Brazilian Amazon. v. 84, p. 1–4, 2019.

4 CARRIEL, K. C. Levantamento da Presença de *Lernae* spp. (Lernaeoidea:Lernaeidae) em piscicultura da associação de produtores de peixes de Laranjeiras do Sul-PR. p. 1–57, 2014.